



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

O QUE RESISTE AO IMPACTO DA PASSAGEM DO TEMPO?



RÍMINI 2019

O QUE RESISTE AO IMPACTO DA PASSAGEM DO TEMPO?

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2019

Na capa: *Cristo no limbo ressuscita os eleitos.*

A imagem da descida ao limbo pertence a um ciclo de afrescos do fim do século xv na capela de São Sebastião em Lanslevillard, na Alta Saboia. Cristo vencedor da morte, representada pelo diabo esmagado sob as portas dos Infernos, tira do reino dos mortos os defuntos conduzidos por Adão. Alguns particulares chamam a atenção: a nudez dos defuntos, a mesma nudez das crianças quando são dadas à luz. Depois a letícia do rosto deles, que contrasta com o choro dos recém-nascidos, pois têm consciência de que a vida na qual estão para entrar é a vida eterna. Por fim, o detalhe de Jesus, que pega Adão pelo pulso, e não pela mão. O pulso é o ponto do corpo humano em que se percebe a vida, e Cristo devolve a vida. Adão não se agarra a Cristo, mas deixa-se agarrar por ele, num gesto de humildade total.

«Por ocasião do curso de Exercícios Espirituais que vê reunir-se em Rîmini os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, o Sumo Pontífice dirige seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar toda e qualquer adversidade e a mediocridade do tempo presente. O Papa Francisco, ao convidá-los a perscrutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-lhe de coração, por intercessão da Virgem Maria, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, a seus familiares e ao Movimento inteiro.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
12 de abril de 2019

Sexta-feira, 12 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7 em lá maior, op. 92,

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 3, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Talvez nunca como desta vez tenhamos chegado aqui com a consciência de não sermos nós capazes de fazer durar as coisas bonitas que acontecem na nossa vida. E talvez nunca como hoje tenhamos estado conscientes do quanto somos necessitados de alguém que resista ao impacto da passagem do tempo respondendo à nossa imensurável necessidade de duração.

Portanto, peçamos o Espírito, o único em condições de resistir e de responder a todo o desejo de plenitude que nos constitui.

Oh! vinde, Espírito Criador

Vou começar dando leitura da mensagem enviada a nós pelo Santo Padre: «Por ocasião do curso de Exercícios Espirituais que vê reunir-se em Rímini os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, o Sumo Pontífice dirige seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar toda e qualquer adversidade e a mediocridade do tempo presente. O Papa Francisco, ao convidá-los a perscrutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-lhe de coração, por intercessão da Virgem Maria, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, a seus familiares e ao Movimento inteiro. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

1. Uma pergunta que não pode ser eliminada

Fiquei muito impressionado com o interesse suscitado pela pergunta que nos demos como título destes nossos dias juntos: «O que resiste ao im-

pacto da passagem do tempo?». Vê-se pelo número de contribuições que vocês mandaram: duas mil. Fico realmente grato a vocês pela ajuda que me deram para o caminho comum. Já aconteceu com os universitários, que diante da mesma pergunta acusaram o golpe. Mas para nós, adultos, a questão adquire um alcance maior, pois temos mais tempo e mais história nas nossas costas, e então mais dados para responder. Por isso decidimos pôr no centro dos Exercícios da Fraternidade a mesma pergunta, afinal nós também temos que fazer a mesma verificação.

Receber a pergunta foi para muitos de vocês como uma surpresa, que suscitou sobretudo uma gratidão. «Eu me senti investida por uma gratidão imensa», escreveu uma pessoa. E outra: «Permita-me agradecer-lhe esta pergunta, que você quis compartilhar com cada um de nós. Ela nos devolveu a consciência de sermos cada um de nós um pedaço do carisma que impactou a nossa vida e que nos faz estar aqui agora levando a sério a sua pergunta». E mais outra: «Com uma gratidão imensa, espero os próximos Exercícios. Meu coração, muito embora cansado, espera. Espera o quê? Ouvi-Lo falar de novo, porque nada preenche meu coração assim e nada desafia minha razão assim, isto é, nada exalta minha humanidade assim! Que graça me ocorreu!».

O interesse despertado em muitos de vocês é o sinal de que a pergunta feita não foi percebida como algo abstrato, mas como uma pergunta existencial, que tocou um nervo exposto em nós, interpelou uma questão crucial da vida, da qual não podemos escapar. O interesse demonstrado indica o quanto sentimos a urgência de algo que dure. E isso impressiona ainda mais, uma vez que vivemos numa sociedade líquida e, então, deveríamos estar acostumados ao fato de nada durar. Com efeito, um olhar para a situação, para o estilo de vida que caracteriza muitos de nós, jovens e adultos, revela uma labilidade, uma volubilidade, uma dança contínua de percepções contrastantes. Muitas vezes ficamos ao sabor de um turbilhão de afetos, de sentimentos, em que tudo se constrói e se desfaz muito depressa; por consequência, facilmente somos vítimas da decepção. Nada parece perdurar, o tempo consome, esvazia tudo; o que aconteceu ontem perde seu interesse, seu fascínio.

Já o dizia Gaber em sua *Ilógica alegria*: «Eu sei do mundo e também do resto, / eu sei que tudo se deteriora».¹ E Vasco Rossi faz eco às suas palavras: «Nada dura, nada dura, / e você sabe disso».²

¹ A. Luporini (letra); G. Gaber (música), “L’illogica allegria”. In: Idem, *Pressione bassa*. Milano: Edizioni Curci Srl, 1980. Faixa 5 (3min34s).

² V. Rossi, “Dannate Nuvole”. In: Idem, *Sono innocente*. Universal, 2014. Faixa 7 (4min9s).

Mas, se nada dura, por que não nos contentamos, porque tentamos – em vez disso – domesticar ou anestesiar a urgência recorrendo a algum fármaco, como Houellebecq fez com o personagem do seu último romance? A serotonina, escreveu, «é um pequeno comprimido branco, ovalado, divisível. Não cria nem transforma; interpreta. Ao que era definitivo torna-o passageiro; ao que era inelutável torna-o contingente. Fornece uma nova interpretação da vida – menos rica, mais artificial, e marcada por certa rigidez. Não dá nenhuma forma de felicidade, tampouco de verdadeiro alívio, sua ação é de outro tipo: transformando a vida numa sucessão de formalidades, permite ludibriar. Portanto ajuda os homens a viver, ou ao menos a não morrer – por algum tempo. A morte, contudo, acaba por impor-se, a armadura molecular se racha, o processo de desintegração retoma seu curso».³

A pergunta que ressoa nestes Exercícios não pode ser suprimida, retorna, em sua absoluta inevitabilidade. «Este drama [da vida] [...] – conquanto possa ser tratado como uma brincadeira, e encarado levianamente por todos os tipos de céticos e de felizes ignorantes – é o *único*. E não é possível esquivar-se dele sem abandonar, ao mesmo tempo, a vida. Em suma, o drama é sério; e a nossa vida não é uma farsa, pela simples razão de que é *única*, e não podemos mudar nossa própria parte: podemos apenas recusá-la.»⁴

2. Levar a pergunta a sério é o primeiro gesto de amizade

O primeiro gesto de amizade para com nós mesmos e entre nós é não censurar essa pergunta, é levá-la a sério. O primeiro gesto de amizade de um doente para consigo mesmo consiste em levar a sério a própria doença. É simples. E se você tem um amigo doente, o primeiro gesto de amizade em relação a ele é um convite para que cuide si mesmo. Do lado oposto, há aquele “deixa para lá” que é a demonstração de uma falta de afeição por si mesmo.

Por isso, na primeiríssima página de *Em busca do rosto do homem*, Dom Giussani adverte-nos: «O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a “negligência” do eu». O primeiro ponto de um caminho humano, então, é o «contrário dessa “negligência”», ou seja, um “interesse pelo próprio eu”, pela própria pessoa. Um interesse que poderia parecer óbvio, «enquanto na verdade não o é de modo algum»: de fato, é só olhar para o nosso comportamento rotineiro para ver «que grandes rasgos de vazio se

³ M. Houellebecq, *Sérotine*. Paris: Flammarion, 2019, p. 346.

⁴ D. de Rougemont, *La persona e l'amore*. Brescia: Morcelliana, 2018, p. 57.

abrem no tecido cotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória».⁵

A primeira condição a que Dom Giussani nos chama é, desta forma, uma afeição a si, como primeiro gesto de amizade para com nós mesmos. «Se essa [...] afeição ao humano – não afeição ao humano como objeto estético, poeticamente olhado e tratado, mas afeição humana como apego cheio de estima e de compaixão, de piedade, por nós mesmos; a afeição como ter para si mesmo um pouco do apego que sua mãe tinha por você, especialmente quando era pequeno (mas também agora, que já é maior) –, se um pouco disso não está em nós, por nós mesmos, é como se faltasse o terreno sobre o qual construir».⁶

Portanto, «a primeira condição para que [...] o Movimento como acontecimento [...] se realize [...] é justamente esse sentimento da própria humanidade: a “afeição por si”».⁷ «Eis aqui o início, o primeiríssimo início – escreveu Ety Hillesum –: levar a si mesmo a sério [...]. É justamente este o trabalho que se pode realizar também pelo próximo: guiá-lo cada vez mais em direção a si mesmo, capturá-lo e pará-lo em sua fuga para longe de si, e pegá-lo pela mão e voltar a acompanhá-lo até suas fontes que lhe pertencem».⁸

Quem não censura a pergunta, por ter experimentado uma afeição por si, é o único em condições de levá-la a outros. Por isso é amigo verdadeiro quem coloca a pergunta, como a colocou a nós Dom Giussani: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?».⁹ É uma pergunta que nos obriga a ser nós mesmos e não nos deixa escorregar para o nada. Muitos de vocês escreveram isso. Vou ler só algumas das suas contribuições: «Obrigado por ter-me despertado do meu torpor mandando-me a pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”». «Pensei que a pergunta que você colocou podia ser de verdade uma pergunta colocada a mim e não “feita só para...”», com o pensamento usual de que, de qualquer forma, alguém vai responder.» «Obrigado por essa sua pergunta, que me “persegue” desde que a li, não me deixando tranquila. Muito obrigada mesmo por como você provoca a nossa liberdade e por como convida cada um de nós a ir a fundo nas próprias circunstâncias.» «Antes de qualquer palavra, queria dizer que essa solicitação dominou os meus dias: companhia profunda quando abria os olhos de manhã e quando os fechava à noite.»

⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 11.

⁶ Idem, *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milano: Bur, 2008, p. 291.

⁷ Ibidem, p. 294.

⁸ E. Hillesum, *Il bene quotidiano*. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2014, p. 44.

⁹ Cf. J. Carrón, L. Giussani, “Vivo é algo presente!”. *Passos-Litterae Communionis*, nov. 2018, p. 20.

Trata-se de uma pergunta, em última instância, inevitável. Basta que se enfraqueça a experiência que alguém vive com um amigo ou com a pessoa amada para que ela venha à tona, ainda que possa ser formulada com um tom de ceticismo: mas então, se até esta amizade ou este amor caem por terra, o que é que resiste de verdade?

Há uma música de Guccini, *Farewell*, que descreve esse fenômeno. Fala de uma história de amor que acaba: «Naquela época era fácil viver, cada instante», “parecia que tínhamos encontrado a chave / secreta do mundo”, “reencontrar-se era como renascer mais uma vez. / Mas toda história tem a mesma ilusão, sua conclusão / e o pecado foi acreditar que uma história normal era especial», «o tempo nos consome e nos tritura».¹⁰

É uma experiência que também algumas das contribuições de vocês ilustram; por exemplo esta: «A idade me provocou uma dureza maior, uma defesa contra o que acontece para não ter que sofrer. A verdade é que o tempo macera, é um crivo impiedoso que traz à luz o que não se conservou, e me dá muito medo descobrir que não tenha se salvado o suficiente: então estendo uma coberta de esquecimento, cubro, confundo, renuncio até a aproveitar o que é bom, para que as dores desconsoladas não deem as caras nem abram turbilhões que eu não conseguiria mais fechar. Prevalece uma espécie de langor, aconchego-me nos ritos e nos costumes, como fazem os velhos, assim partes da minha vida ficam cuidadosamente de fora. Até a minha experiência no Movimento, com o passar do tempo, tornou-se uma “tia velha” à qual estou afeiçoada, assemelha-se tristemente a um amuleto da sorte, a um anestésico que com o tempo cria uma tolerância e deixa de funcionar. Eu sei que a questão é esta, que quanto mais tento controlar, quanto mais guardo para mim, menos se salva, menos renasce. Sei que tenho que aprender a oferecer justamente o que mais faz mal, o que eu não posso consertar e no máximo consigo esconder, como a gente faz com a sujeira embaixo do tapete».

É a mesma conclusão amarga à qual chegou o gênio poético de Baudelaire: «A juventude não foi mais que um temporal, / aqui e ali por sóis ardentes trespassado; / as chuvas e os trovões causaram dano tal / que em meu pomar não resta um fruto sazonado. / Eis que alcancei o outono de meu pensamento, / e agora o ancinho e a pá se fazem necessários / para outra vez compor o solo lamacento, / onde profundas covas se abrem como ossários. / E quem sabe se as flores que meu sonho ensaia / não achem nessa gleba aguada como praia / o místico alimento que as fará radiosas? / Ó

¹⁰ F. Guccini, “Farewell”. In: Idem, *Parnassius Guccinii*. EMI-BMG, 1993. Faixa 4 (5min16s).

dor! O Tempo faz da vida uma carniça, / e o sombrio Inimigo que nos rói as rosas / no sangue que perdemos se enraíza e viça!».¹¹

É o medo de no fundo tudo virar nada, tudo ser engano e aparência, como diz Montale: «Talvez uma manhã andando num ar de vidro, / árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre: / o nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado».¹²

Guccini, Baudelaire ou Montale não nos deixam voltar para as nossas coisas como estávamos antes, porque colocam diante de nós a urgência da vida: com seu ceticismo ou niilismo, obrigam-nos a acertar as contas ainda mais com a pergunta. Senão vivemos como desesperados. Como descreve Houellebecq: «Desprovido tanto de desejos quanto de motivos para viver [...], eu mantinha o desespero num nível aceitável, é possível viver estando desesperado, e mesmo a maioria das pessoas vive assim, apesar de se perguntarem de vez em quando se podem deixar-se levar por um sopro de esperança [...] antes de responder negativamente. Contudo, insistem, e é um espetáculo tocante».¹³

Mas amigo não é só quem faz a pergunta, também o é quem não recua perante seu alcance, escapando ou distraíndo-se; então não só quem coloca a pergunta, mas também quem a leva a sério. Viemos aos Exercícios para isto: para sermos ajudados a viver na verdade, sem ter que olhar para outro lado por nos assustarmos com tudo, com medo do nada.

«Quem sustenta o meu cansaço e a minha solidão?», perguntou um de vocês, «quem me acompanha numa escolha difícil? Como o meu instante pode ser salvo? Depois de trinta anos de experiências enriquecidas pelo dom da fé, com o tempo, todos os objetivos parciais que estabeleci e estou estabelecendo para mim (alguns que até já alcancei) estão inexoravelmente abrindo espaço para o fato de me colocar essa pergunta. Agora, por menos do que essa pergunta [sem levar a sério essa pergunta], já não me dá vontade de mover nem um dedinho. Nem com a família, nem com o trabalho, nem com os amigos, nem muito menos com os desconhecidos».

3. A espera

Vindo aqui, queremos sustentar-nos na luta que cada um de nós está travando entre já não esperar nada e não poder deixar de acertar as contas com o

¹¹ C. Baudelaire, “O inimigo”. In: Idem, *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

¹² E. Montale, “Talvez uma manhã andando num ar de vidro”. In: Idem, *Ossos de sépia: 1920-2917*. Tradução de Renato Xavier. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 91.

¹³ M Houellebecq, *Sérotine*, op.cit., p. 236.

desejo de ser felizes que nos constitui, ou seja, com o desejo de uma felicidade que dure, que não se dissolva no período de um dia ou de uma estação.

Como arde e como está difundido o drama de quem acha que não há resposta para a pergunta humana, e mesmo assim não consegue apagá-la. É o que Tolstói descreve: «O homem olha ao seu redor e procura respostas à própria pergunta, e não encontra. Encontra ao seu redor doutrinas que dão respostas a perguntas que ele nunca se faz, mas uma resposta à pergunta que ele se faz não existe [...]. E [...] sente-se sozinho ante um mundo inteiro, com essas terríveis perguntas que lhe devoram a alma».¹⁴ Sozinho.

Às vezes percebemos até nos amigos o medo de determinadas perguntas, como me escreveu uma pessoa: «Apesar de tudo o que vivi, escutei e vi, neste momento em que você me faz a pergunta eu estou me distraíndo para não me desesperar, porque o peso da vida é forte demais, principalmente o medo de que as coisas não sejam eternas, que escapem; o tempo passa e nada permanece. Quando abordo essas questões com meus amigos, sinto-me um marciano, alguém que “fica perdendo tempo com o sentido da vida e que tem medo da morte”; então fico para trás, ensimesmado, parece não haver nada que resista ao impacto da passagem do tempo».

Mas é justamente essa pergunta, que devora a alma, o que leva Borges a buscar incansavelmente o que pode responder a ela: «E o seguirei buscando até o dia / último de meus passos pela terra»,¹⁵ comprometendo-se deste modo a permanecer leal até o fundo consigo mesmo.

Às vezes pode até parecer uma loucura colocá-la. No entanto, a urgência de que estamos falando é tão constitutiva, que, a despeito de qualquer aparente bom senso, o homem leal, em última instância, não pode subtrair-se a ela. Por isso Camus rebela-se e afirma, grita a verdade dessa inelutável urgência, através da voz de seu Calígula: «Mas eu não estou louco e nunca fui tão razoável. Simplesmente senti, repentinamente, uma necessidade de impossível. [...] As coisas, como são, não me parecem satisfatórias. [...] Este mundo, tal como foi feito, não é suportável. Por isso preciso da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade; enfim, de algo que talvez seja insensato, mas que não seja deste mundo».¹⁶

A dificuldade em encontrar resposta leva a nos perguntarmos se o que buscamos não é um sonho. O poeta espanhol Antonio Machado não só tem a audácia de se fazer essa pergunta com seriedade, mas indica a condição

¹⁴ L. Tolstói, *Sulla vita*. Milano: Feltrinelli, 2018, p. 78.

¹⁵ J. L. Borges, “Cristo na cruz”. In: Idem, *Os conjurados*. Tradução de Pepe Escobar. São Paulo: Três, 1985, p. 7.

¹⁶ Cf. A. Camus, *Calígula: peça em quatro actos*, ato I, cena IV. Tradução de Raul de Carvalho. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

para poder identificar os sinais, caso chegassem, de uma resposta: um coração desperto, que olha e que escuta. Ele escreve: «Dormiu-se meu coração? / Apiários de meus sonhos, / já não lavrais? Está seca / a roda d'água do pensamento, / os baldes vazios, / girando, de sombra cheios? / Não, meu coração não dorme. / Está desperto, desperto. / Nem dorme nem sonha, olha, / os claros olhos abertos, / longes sinais e escuta / às orlas do grande silêncio».¹⁷

Quando é levada a sério, a vida leva-nos aí, às orlas do grande silêncio, ou seja, do Mistério, diante do qual podemos apenas ficar com os olhos claros, abertos, lípidos, esperando algum sinal do próprio Mistério, ficando à escuta de um sinal dele. Só quem está nessa posição de abertura original é que pode captar, quando aparece, a irrupção de uma resposta ao desejo do coração, reconhecer os sinais de sua manifestação. Fazer a pergunta, deixar que ela prorrompa, deixa-nos atentos para surpreender qualquer migalha de resposta, onde quer que esteja.

Expressa-o bem uma poesia de Patrizio Barbaro: «O olho olha. [...] É o único que pode perceber a beleza [...] a beleza vê-se porque é viva, e portanto é real. Melhor dizendo, que pode chegar a vê-la. [...] O problema é ter olhos e não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem. [...] Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que não esperam que aconteça mais nada. Talvez por não acreditarem que a beleza exista. Mas Ela passa pelo deserto dos nossos caminhos, rompendo o limite finito e preenchendo os nossos olhos de infinito desejo».¹⁸

4. O imprevisto

A beleza passa, acontece, sem nos pedir permissão, desafiando todo ceticismo, todo niilismo. E se estamos atentos, conseguimos captá-la. Tudo o que nos é pedido, portanto, é estarmos atentos para surpreendê-la quando passa. «Não é por meio de escrúpulos – escreve, com efeito, Camus em seus *Cadernos* – que um homem se torna grande. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia».¹⁹

A nossa vida toda joga-se em captar o momento em que a beleza passa na frente dos nossos olhos. Como posso reconhecer que eu a percebi? Vejo-o porque de repente escancara os meus olhos, despertando o meu desejo.

¹⁷ A. Machado, “¿Mi corazón se ha dormido?”, LX, Soledades (1899-1907). In: *Poesías completas*. Madrid: Espasa Libros, 1999.

¹⁸ P. Barbaro, “Ah uno sguardo – dedicata a Pasolini”. In: F. Pierangeli (Org.), “Una domanda a cui non so rispondere”, *30Giorni*, n. 11, 2000.

¹⁹ A. Camus, *Taccuini. III, 1951-1959*. Milano: Bompiani, 1992, p. 34.

Mas qual é a beleza mais necessária? É acontecer uma preferência, a preferência última que todos esperamos experimentar. Porque a preferência é o método de todo despertar, de todo resgate, de toda geração do humano, do eu.

Um de vocês contou: «Um ano atrás, contratamos uma jovem professora para ensinar na escola primária. Ela vive a mesma condição de confusão de muitos jovens, em particular a angústia originada por nunca estar à altura das circunstâncias. Num dia desses, ela veio até mim e me contou que desde que entrou na escola se sente pior do que antes, porque estão se abrindo muitas perguntas e muitas feridas. Eu lhe disse que, então, ela estava no melhor momento da sua vida, que as perguntas e as feridas se abrem diante de algo que em alguma medida já nos oferece uma esperança. Ela me disse que não, que as feridas são muito dolorosas, e que antes, pelo menos, ela tinha uma couraça, sendo que na escola ela perdeu essa couraça. Naquele momento me contou sua história, com todas as tribulações sofridas. Depois foi passar um curto período na escola Newman, onde chegou a trabalhar dois dias. Voltando, ela me disse: “Na Newman me aconteceu alguma coisa. Algo que não sei o que é. Mas as pessoas perceberam, porque me dizem. Dizem que estou mais feliz e mais tranquila. Meus colegas e meus parentes dizem isso. Eu também vejo que alguma coisa aconteceu comigo. O quê? Não me diga que é Deus, porque não posso aceitar”. Eu lhe disse que não pensasse ainda em Deus, mas que fosse leal até o fundo com a sua experiência. Ela me perguntou: “Por que é que isso aconteceu comigo? Aqui há muitos que não creem, a quem não aconteceu nada. Será que é por causa da necessidade que tenho, da ferida aberta que tenho?”».

Pois bem, a beleza que passa no deserto dos nossos caminhos é percebida por quem realmente tem necessidade, por quem tem essa ferida e essa pureza.

Como é fácil reconhecer a beleza – isto é, a evidência de uma preferência que desperta o nosso eu – quando acontece! É um sermos escolhidos que faz com que nos tornemos nós mesmos. Como diz uma poesia de Pedro Salinas: «Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – / saí do grande anonimato / de todos, do nada [quando o tu aparece é como se nos tirasse do nada] [...]. / Mas quando me disseste: “Tu” / – a mim, sim, a mim, entre todos – / mais alto agora do que estrelas / ou corais eu estive [tu me levas até as estrelas]. / E minha alegria / pôs-se a rodar, amarrada / ao teu ser, no teu pulsar. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? [...] / Serei um dos muitos / quando não mais te tiver»,²⁰ de tão decisivo que és para eu ser eu mesmo.

²⁰ Cf. P. Salinas, *A voz a ti devida*. Tradução de José Jeronymo Rivera. Brasília: The-saurus, 2012.

Então a grande questão que temos à frente, amigos, é esta: será que há algo, será que aconteceu algo na nossa vida que se distingue de tudo o que não dura e perde seu interesse para nós? Escreve Kierkegaard em seu *Diário*: «Eis o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos dela».²¹

Portanto, trata-se de olhar para tudo o que nos aconteceu para vermos se algo se revelou capaz de durar, de resistir ao esvaziamento operado pela passagem do tempo. Será que já aconteceu algo, alguém na nossa vida que demonstrou resistir ao impacto do tempo? Será que houve algo que foi capaz de prender a nossa vida de maneira estável? É a grande questão com que cada um de nós tem que se confrontar, olhando para a própria experiência, se não quiser ver tudo ir ladeira abaixo.

Montale chama o “algo” de que falamos de “imprevisto”: «Um imprevisto / é a única esperança». Mas muitos afirmam que «é tolice dizê-lo»,²² e às vezes nós também achamos isso.

Todavia, ninguém poderá impedir que algo de novo apareça diante dos nossos olhos – porque há mais realidades no céu e na terra do que em qualquer filosofia nossa, de acordo com a fórmula do grande Shakespeare²³ –: algo que “não podia existir e está aqui”, dizia Giussani em 1968, algo que “não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso [nem sequer imaginar], e está aqui”.²⁴

Se viemos a Rímíni, é porque pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, aconteceu-nos esse “imprevisto”, que prendeu a nossa vida até o ponto de nos fazer participar de um gesto como este. Se viemos aqui, é porque ainda estamos abertos para a possibilidade de encontrar aquele “tu” que nos fez sair do anonimato, que tornou cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, único. Muitos de nós esperam a renovação desse encontro.

Pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento nos aconteceu algo do qual temos saudades. Um de vocês descreve assim: «Penso

²¹ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*. Brescia, Morcelliana, 1962, p. 239.

²² E. Montale, “Antes da viagem”, vv. 22-27. Tradução de David Mourão-Ferreira. In: *Revista Colóquio/Letras*. Tradução de poesia, n. 165, set. 2003, p. 150.

²³ “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha tua vã filosofia” (Cf. W. Shakespeare, *A tragédia de Hamlet: príncipe da Dinamarca*. 3. ed. rev. Tradução de Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 58 (ato I, cena V, linhas 166-167).

²⁴ J. Carrón, L. Giussani, “Vivo é algo presente!”, op. cit., p. 26.

na pergunta que nos foi mandada: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”. Bela pergunta! Situações em família que nunca mudam, mas ainda, que parecem cavar um fosso cada vez mais profundo para se afundar. Relações e estruturas que parecem consolidadas, mas das quais, no fundo, parece que não podemos ter nenhuma segurança. Não podemos porque ninguém pode garantir que não vai fazer tão mal a alguém a ponto de ter o perdão recusado; ou que, pelo curso natural das coisas, até as amizades mais profundas cedo ou tarde não acabem ferindo ou decepcionando ou deixando-nos abandonados. E não há estrutura que a violência nossa ou dos outros não possa fazer em pedaços, segundo um ideal próprio de revolução e justiça. Além disso, basear-se nas próprias energias humanas ou na própria bondade está no limite do ridículo. Sinceramente, de vez em quando olho para minha vida e a percebo como um imenso sepulcro. E ultimamente passam dias inteiros em que me sinto assim. E para mim é igualmente ridículo dizerem: “Ah, que bonito, agora vou aos Exercícios e me dirão o que resiste ao impacto da passagem do tempo, depois vou voltar para casa e tudo vai ser diferente”. Então por que é que eu vou? Vou, acho, pela única coisa que me parece poder definir uma constante: uma última e indestrutível atração por algo que vive no Movimento e do qual não consigo separar-me. Vou para procurar a única coisa de que realmente tenho saudades».

Por isso, amigos, peçamos que cada um de nós seja novamente alcançado, em qualquer situação que esteja, pelo olhar do Senhor, por aquela preferência que o fez renascer, a fim de que possa experimentar o quanto a sua vida é preciosa e que não está condenado a vê-la escorregar para o nada.

Peçamos, portanto, para sermos mais uma vez investidos por aquela preferência última que o nosso coração espera: «És muito precioso para mim»;²⁵ você, não outra pessoa, não alguém diferente de você; você agora, tal como é, não quando mudar! Agora! Você não está condenado a escorregar para o nada! De tanto que é precioso aos olhos d’Ele.

O instrumento do compromisso que pedimos nestes dias é o silêncio. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com a nossa seriedade, antes de tudo respeitando o silêncio. De fato, dizia Dom Giussani: «Vamos passar praticamente pouco mais de um dia juntos para um momento de maior verdade da nossa vida. Fizemos muitos sacrifícios, inúmeros entre vocês fizeram grandes sacrifícios para vir; vamos tentar tirar a maior vantagem possível, vamos tentar extrair a alegria de um momento de familiaridade com o Senhor

²⁵ Is 43,4.

mais pleno do que os melhores dias do nosso ano. É um compromisso [...] que temos que assumir, para garantir um resultado realmente bom [...]. O instrumento para esse compromisso é o silêncio. [...] O silêncio, com efeito, não é um nada, [...] é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido». Por isso, «até os livros que nos são propostos podem ser comprados em silêncio»,²⁶ apoiando-nos mutuamente. «Recomendamos o silêncio principalmente durante os traslados; que o silêncio absoluto também seja conservado enquanto se entra no salão, onde a memória será favorecida pela música que vamos escutar e pelos quadros que vamos ver; assim vamos dispor-nos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração o que de algum modo Deus nos propuser». Porque «o que fazemos juntos neste dia e meio não é mais que um aspecto do grande gesto amoroso com que o Senhor – quer você se dê conta, quer não – empurra a sua vida [e a minha] para aquele Destino que é ele».²⁷

O silêncio, então, é para olhar bem essas coisas (quando alguém tem úlcera no estômago, não a resolve deixando de considerá-la, continua com ela mesmo assim, e não encarar o problema só deixa a sua vida mais pesada, insuportável).

Temos a possibilidade de estarmos juntos, de podermos olhar para tudo sem medo, como os publicanos que iam até Jesus porque com Ele podiam ser eles mesmos, não precisavam estar à altura, eram abraçados tais como eram.

O silêncio – pelo menos uma vez no ano deixemo-lo entrar em nós até a medula! –, a oração, o canto, as indicações que nos daremos não são diretrizes formais, mas sugestões para que todos nós vivamos este gesto com a seriedade que a vida requer.

Podemos viver muito bem, amigos, mas precisamos querer.

²⁶ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*. Milano: Bur, 2018, pp. 211-213.

²⁷ Idem, “Dare la vita per l’opera di un Altro”. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 8-10 de maio de 1992. Suplemento de *CL-Litterae Communionis*, jun. 1992, p. 5.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Jr 20,10-13; Sl 17(18); Jo 10,31-42

HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO

Se somos leais, temos que reconhecer que na nossa vida nós também pegamos pedras para apedrejar Jesus: as pedras do orgulho, da nostalgia amarga, da instintividade, da maledicência. Todo mundo sabe reconhecer bem essa possibilidade diante do olhar de Jesus, que expressa Sua relação com o Pai. É este o escândalo: esse homem é Filho, é o Filho do Pai, do nosso Destino.

Temos na nossa frente a possibilidade de resistir com as nossas razões – as “nossas” razões – ou a de reviver a experiência daqueles que foram procurá-Lo. Muitos foram até Ele, como nós esta noite. Reviver aquela experiência a partir do reconhecimento da maior obra do Pai, por meio d’Ele, ou seja, o nosso coração como sede da felicidade de podermos encontrar aquela Beleza, como nos foi dito agora há pouco.

Se estamos aqui, é para encontrar e reconhecer esse olhar, esse rosto, o rosto humano da misericórdia do Pai, que nos atrai para si e nos espera.

Sábado, 13 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Quarteto de cordas em lá menor, op. 132

Quartetto Italiano

“Spirto Gentil” n. 49, Decca

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Bem-aventurados os puros no coração, pois eles verão a Deus» (Mt 5,8)

Diante da pergunta «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?», a resposta não pode ser os nossos sentimentos ou o nosso estado de espírito, os nossos pensamentos ou os nossos argumentos, que «não interessam a ninguém».²⁸ Por isso, olhem de frente a nossa pergunta! Nós não temos nenhum medo de levar a sério as perguntas mais desafiadoras que possam surgir na vida: não queremos olhar para outro lado, não queremos conformar-nos com consolações baratas, queremos ser homens e mulheres capazes de olhar para tudo.

Uma universitária, num encontro de responsáveis, dirigiu-me de maneira franca uma pergunta que nos permite entender o problema: «No fim de semana passado, fizemos uma convivência de dois dias para acolher os calouros, que para mim foi muito bonita e aconteceu num momento muito turbulento. Percebi que no fim da convivência eu estava diferente. O ponto é que, voltando para casa, bastaram vinte minutos, aconteceu uma coisa minúscula e voltei ao meu nervosismo, como se aquela coisa que tinha me mudado, a beleza que tinha acontecido naqueles dois dias, não durasse. Então a minha pergunta é: o que aconteceu lá e o que dura depois no dia a dia?».

Podemos dizer, resumindo ao máximo, para esclarecer de um jeito simples, que a situação em que normalmente estamos é esta: nós chegamos de uma experiência A (neste caso, um momento muito turbulento) e acontece

²⁸ Cf. H. U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I, Jaca Book, Milano 1975, p. 11.

B (essa menina vai à convivência e acontece algo que a move, tornando-a diferente), mas depois de um tempo, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse havido B, voltamos para A e recomeçamos do zero. Parece que o que nos aconteceu desaparece, não tem força para durar, para atravessar o tempo, para continuar a nos mudar.

Talvez essa estudante universitária seja uma descrição um pouco ingênua, mas a substância é a mesma do que Dom Giussani nos dizia na Jornada de Outubro: acontece-nos uma novidade radical – imprevista, imprevisível –, um encontro sem comparações, uma beleza que nos muda, mas depois parece que esse acontecimento esteja confinado a um momento, como uma onda do mar que, depois de ter tocado a praia, recua e tudo volta a ser como antes: somos tentados a reconduzir o que nos aconteceu à nossa experiência anterior, à nossa sabedoria anterior.²⁹

Esse é o nosso drama. Então vamos encará-lo, como aquela garota fez de maneira direta! Quais são os fatores implicados nesse aparente desaparecimento, recuo, da novidade que nos aconteceu? Por que vivemos essa suspeita e essa oscilação?

1. Algo «que não tem volta»

Para abordar a pergunta feita, «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?», a primeira coisa é olhar para a nossa experiência.

A frase de Kierkegaard – citada ontem à noite – oferece-nos o critério para identificar a resposta: «Eis o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos dela».³⁰

Aconteceu algo na nossa vida que nunca mais esquecemos, algo tão grande, tão magnífico, que se revelou capaz de desafiar o tempo, os nossos estados de espírito, as circunstâncias, e de nos acompanhar até nos momentos mais dramáticos da vida? Como disse uma das cartas de ontem à noite: «Por que é que eu vou [de novo]? Vou [...] por [...] uma última e indestrutível atração por algo que vive no Movimento e do qual não consigo separar-me. Vou para procurar a única coisa de que realmente tenho saudades».

Essa duração, essa resistência – a indestrutibilidade da atração pela qual o nosso amigo veio aqui – é o “sinal” que nos faz entender a dimensão do que nos aconteceu.

²⁹ Cf. L. Giussani, J. Carrón, “Vivo é algo presente!”, op. cit., p. 9.

³⁰ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*, op. cit., p. 239.

«Uma eterna miséria persegue aquele que vive todo dia, se não encontra um amor que perdure todo dia»,³¹ diz Hugo de São Vitor.

a) *O encontro*

O primeiro indício de uma resposta à nossa pergunta, seguindo o critério oferecido por Kiekergaard, está contido no próprio fato de estarmos aqui. Se estamos aqui, de fato – como o amigo citado –, é porque deparamos com pessoas que nos fizeram realizar a experiência de uma preferência única, totalmente gratuita, e que nos fizeram experimentar uma plenitude, uma vibração humana que nos levantou, nos fez ser nós mesmos, nos tirou o medo e nos encheu de esperança e de alegria. Aconteceu um encontro em que tivemos pelo menos o pressentimento de algo novo, diferente, que trouxe à tona o que nós somos de verdade.

É essa a experiência que vivemos. O amor que Deus me dirigiu através de certos rostos «faz de mim o que eu sou em verdade e [...] torna-me único também a mim»,³² dizia Von Balthasar. Você poderia ser cem vezes mais frágil, mais incoerente, mais desajeitado do que é, mas há alguém que te faz experimentar essa preferência absolutamente gratuita: «És muito precioso para mim».

É evidente, é de uma evidência sem comparações: nós estamos aqui porque, para usar novamente as palavras da Jornada de Outubro, fomos alcançados – cada um nas próprias circunstâncias particulares – por uma presença cheia de proposta, de significado para a vida, e ao mesmo tempo cheia de afeição por nós mesmos, de escolha, de preferência.³³ Isso nos escancarou e envolveu mais do que tudo. Vimos um tipo diferente de relação entre as pessoas, um jeito mais humano de se tratar, uma “convivência”, uma “vida”, que tinha uma novidade dentro, uma promessa, que nos encheu de maravilhamento; fomos atraídos, aproximamo-nos, ficamos curiosos.

O início de tudo foi «o encontro com um fato objetivo [...] cuja realidade existencial é a de uma comunidade sensivelmente documentada, assim como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunida-

³¹ Hugo de São Vitor, *De arra anime. L'inizio del dono*. Milano: Glossa, 2000. p. 13.

³² H. U. von Balthasar, “Significato dell’antica Alleanza”. In: H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L’impegno del cristiano nel mondo*. Milano: Jaca Book, 2017, p. 38.

³³ “Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres, não creram porque Cristo citava os profetas, não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. [...] Creram por causa de uma presença. Não uma presença imberbe ou obtusa, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso [...]. Uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado” (L. Giussani; J. Carrón, “Vivo é algo presente”, op. cit., p. 24).

de para a qual a voz humana da autoridade, nos seus juízos e indicações, constitui critério e forma. Não existe versão da experiência cristã, por mais interior que seja, que não implique, pelo menos em última instância, esse encontro com a comunidade e essa referência à autoridade».³⁴

Pode ter-se tratado do encontro com uma comunidade cristã viva ou com uma pessoa que demonstrava aos nossos olhos uma diversidade de vida perceptível,³⁵ mas aconteceu-nos um encontro que nos atraiu e que – como diz Kierkegaard – não podemos esquecer, não podemos apagar (não poderíamos apagá-lo de nós nem se quiséssemos).

Uma universitária escreveu-me: «Por natureza, sempre amei ficar retirada, nos bastidores, ficar na tranquilidade das minhas quatro paredes, de um estudo vivido como fuga do mundo. Podem achar o quanto quiserem que a vida é horrível, por comodidade pessoal, e que não existem razões para se comprometerem, mas podem fazê-lo só enquanto não tiverem a graça de estar diante de pessoas que vivem cheias de razão, cheias de prazer e de sentido [É isso o que faz a diferença; e uma vez que você o viu, tudo fica diferente]. Para mim, conhecer o Movimento significou isto: foi o encontro com pessoas de uma humanidade fulgurante, que uma vez encontradas não te deixam em paz, te atormentam, são capazes de te deixar inquieto com a sua vida, que foi tão maltratada». Portanto, o encontro introduziu na vida dela uma afeição por si mesma que ela não conseguia ter. E, uma vez tendo conhecido essa humanidade diferente, não consegue deixar de perceber uma inquietação pela própria vida. Mas depois acrescenta: «Por isso tenho medo quando um desses amigos me escreve e me procura, porque sei que uma só hora com eles poria em discussão qualquer posição minha, faria nascer em mim aquela sensação mais do que reconhecível de quando você olha algo enorme e maravilhoso e sente que também poderia ser seu». É impressionante! A resistência – disse-nos Giussani tantas vezes – é à beleza.³⁶ Nós temos medo da beleza do que vimos. A carta continua: «É claro, meu medo continuou o mesmo. Eu esqueci muita coisa, mas não aqueles olhos com que fui olhada, pois ali já estava todo o bem que me seria oferecido nos anos seguintes e que insistentemente volta a me procurar, a me recuperar com uma fidelidade que vai além de qualquer lógica e que é a única e última barreira à tentação de viver passivamente».

³⁴ L. Giussani, *Educar é um risco*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 98.

³⁵ Cf. L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, pp. 24-26.

³⁶ Cf. L. Giussani, *Affezione e dimora*. Milano: Bur, 2001, pp. 66-67.

O encontro com um fenômeno de humanidade diferente: foi assim que tudo começou. Como João e André, nós ficamos na frente de uma presença excepcional cheia de proposta, cheia de significado para a vida.³⁷

b) *O significado do encontro*

Mas não adianta só acontecer o fato. É preciso que nos demos conta do seu significado. Senão, como normalmente acontece, voltamos à sabedoria anterior, ao nosso modo costumeiro de olhar, à mentalidade de todos. Eis então que começa a vir à tona a questão: quando voltamos para A depois de ter visto B, achando que tudo desapareceu, é porque não entendemos o tamanho do que nos aconteceu. Com efeito, para realmente ganhar algo na nossa experiência, precisamos dar-nos conta do seu significado.

Isso vale para tudo: «O que caracteriza a experiência é *entender* uma coisa, descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas».³⁸ Uma realidade nunca é realmente afirmada, agarrada, se seu significado não for afirmado.

Vejam o que uma de vocês escreveu:

«Nos últimos seis meses, fui devastada por uma grande mudança que alterou completamente a minha vida, gerando em mim uma dor gigantesca. A coisa que mais me deixava desorientada era que essa dor tinha origem numa das coisas mais bonitas que já me aconteceram; era um grande paradoxo, enfim. Consequentemente, não conseguindo encontrar respostas de sentido ao que me acontecera, no decorrer dos meses amadureci, gradualmente e quase sem me dar conta, uma sensação total de niilismo, apatia e ausência de significado. Um dia, uma grande amiga me convidou para participar da Escola de Comunidade. Eu a frequentei por alguns meses, sem um motivo específico, mas continuava. E me dei conta de que a Escola de Comunidade dizia uma verdade absoluta sobre a minha vida, e além disso também me indicava um caminho até as coisas que pareciam preparadas para mim, que me deixariam mais feliz. É como se meus olhos tivessem sido abertos. Pela primeira vez eu entendi que estava seguindo coisas que aos meus olhos pareciam confortáveis, atraentes e cheias de promessas, mas que na realidade, depois, se revelavam fechadas em si mesmas. Mas eu as seguia porque estava anestesiada pela mentali-

³⁷ “O primeiro capítulo do Evangelho de João ilustra o modo simples e profundo com que o cristianismo apareceu na história: o pôr-se de um acontecimento humano, o encontro com o fato de uma presença excepcional” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 11-12).

³⁸ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 127.

dade mundana de hoje, então não me fazia muitas perguntas. Nos últimos meses, eu tinha começado a desejar coisas que durassem perante as adversidades da vida, que não fossem desprovidas de significado, e rostos verdadeiros. E graças a Deus encontrei o Movimento. Diante dessa tomada de consciência, pela primeira vez me senti como se estivesse plena e realmente feliz, mas de uma felicidade duradoura e não circunscrita à tarde da Escola de Comunidade. Evidentemente, Alguém sabe mais do que eu o que meu coração deseja e planejou tudo para eu poder viver à altura das minhas perguntas».

Então temos que nos dar conta do fato de que aconteceu, de sua natureza, pois se não captamos até o fundo a sua diversidade, a razão da sua diversidade, nós o tratamos como se fosse uma coisa qualquer dentre as que sucedem na vida, que prometem muito e depois decepcionam porque acabam, como se o cristianismo fosse um entre os muitos deuses no panteão da mentalidade de todos, uma das muitas tentativas fadadas ao fracasso.

Não é óbvio entender o alcance de algo que vivemos. Vê-se pelo fato de que o acontecimento que vivemos não determina a autoconsciência e a ação: não há crescimento da consciência, o eu não cresce, o encontro não se torna determinante para a nossa relação com a realidade. Por isso continuamos partindo de A em vez de B. Como quando um menino resolve um problema de matemática sem querer, sem ter compreendido o porquê: na vez seguinte não aborda o novo problema com um aumento de conhecimento e se enxerga no mesmo ponto de antes. Ter resolvido o problema sem querer, sem entender por quê, não lhe adiantou de nada. Assim é na vida: podem suceder-nos fatos espetaculares e nós não aprendemos nada. Se um fato – por mais excepcional que seja – não for compreendido em seu significado e não chegar a determinar a nossa autoconsciência, não adianta de nada. Pensem nos nove leprosos curados por Jesus ou nos escribas diante do cego que Ele tinha curado.

No entanto, como tudo é diferente quando identificamos o alcance de algo que entra na nossa vida!

Dou um exemplo para nos ajudar a esclarecer. É um episódio que se passou com Giussani. Ao escutar *A favorita*, de Donizetti, no primeiro ano do liceu clássico, aconteceu-lhe algo que ficou gravado nele, e quando o contou muitos anos depois via-se que ainda estava marcado por ela. «Quando o brilhante tenor entoou “*Spirto gentil, ne’ sogni miei...*”, ao vibrar da primeiríssima nota, intuí, com intensa comoção, que aquilo que se chama “Deus” – quer dizer, o Destino inevitável para o qual o homem nasce – é o termo da exigência de felicidade, é aquela felicidade da qual o

coração é exigência insuprimível.»³⁹ Naquele momento, ouvindo aquelas notas e aquelas palavras, Giussani intuiu algo que na manhã seguinte não desapareceu, teve uma percepção tão nítida, tão única, tão evidente desse “algo”, que desde então já não pôde viver sem ser determinado por aquele instante e por aquela descoberta.

Há momentos, encontros, fatos que são diferentes de todos os outros: são fatos e momentos da vida que têm uma potência incomparável. E não por seu clamor, mas pela força que têm de despertar todo o nosso eu, pelo que trazem de decisivo para a nossa vida.

Giussani descreve-o de maneira fascinante e realista: «O que nos conduziu até aqui pode ter sido o baque brevíssimo, sutil, de um pressentimento de promessa para a vida, sem uma autoconsciência evidente, sem uma evidência crítica. Mas há um dia na vida de vocês em que se deu um encontro no qual está contido todo o significado, todo o valor, todo o desejável, todo o justo, todo o belo e todo o amável».⁴⁰

Esses momentos únicos permitem-nos descobrir algo que dura, algo que tem o tom inconfundível da verdade. Falando do encontro, Dom Giussani observa: «Às vezes aparece como um “clarão na neblina”, mas este aparecimento fugaz nos deixa igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, “algo que contém algo”».⁴¹

Para ver esse «algo» que está dentro do algo com que deparamos (tal pessoa, tal comunidade, o «fato objetivo») não é necessária uma inteligência particular da nossa parte, como às vezes pensamos; só é preciso seguir a exaltação da «capacidade cognitiva da consciência» que o próprio fato suscita, gera, ajustando «a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca».⁴² Podemos entender isso por analogia com muitas experiências nossas: os encontros com determinadas pessoas escancaram o nosso olhar, permitindo-nos ver mais agudamente, mais profundamente a realidade das coisas.

Mas em que consiste, de que é feito esse “seguir”? Coincide com uma pureza de coração.

Pensemos no Inominado, como Manzoni nos apresenta. Ele orientara sua vida de um determinado jeito, fizera suas escolhas, tomara sua posição em relação ao cristianismo, vira muitas vezes as pessoas irem à igreja sem

³⁹ L. Giussani, “Quel che cerchi c’è”. In: Idem, *Spirito Gentil. Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*. Organização de S. Chierici e S. Giampaolo. Milano: Bur, 2011, p. 11.

⁴⁰ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*. Milano: Bur, 2009, p. 426.

⁴¹ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 167.

⁴² L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 98.

ficar minimamente comovido com isso. Mas, num momento particular da sua vida, em que o aguilhão do tormento começava a fazer-se sentir, quando ouviu do quarto de seu castelo todas as pessoas acorrendo em festa para encontrar o cardeal Frederico Borromeu, algo se moveu nele, ele deixou-se atrair pela alegria delas e uniu-se a elas. Quando ficou diante do cardeal e foi investido por seu olhar, preso em seu abraço, seu coração cedeu: ele seguiu o poder daquele olhar, o calor daquela ternura inesperada. «O Inominado – diz Manzoni –, soltando-se daquele abraço, cobriu novamente os olhos com uma mão e, levantando junto a face, exclamou: “Deus realmente grande! Deus realmente bom! Agora eu me conheço”». ⁴³ O olhar do cardeal, como o de Jesus para Zaqueu, liberta-o da presunção, devolve-lhe uma consciência de si verdadeira e escancara nele a pobreza de espírito. Ao final do diálogo deles, o cardeal dirige-se ao Inominado: «Não penses [...] que eu me contento com esta visita por hoje», e pergunta-lhe: «Vais voltar, não é verdade? Na companhia desse eclesiástico de bem?». «Se vou voltar?», pergunta-se o Inominado com grande espanto. E aqui explode toda a consciência nova de si mesmo, toda a pobreza de coração: «Quando o senhor me recusar, vou ficar obstinado à sua porta, como o pobre. Preciso falar-lhe! preciso ouvi-lo, [preciso] vê-lo! preciso do senhor!» ⁴⁴ Vê-se o que lhe aconteceu pelo desejo que brotou nele de ir encontrá-lo de novo.

Perguntemo-nos: quem será que é o nosso cardeal, o cardeal de cada um, o cardeal que torna a cada um de nós realmente nós mesmos, que nos escancara, sem o qual não podemos viver? Jesus, com efeito, não é abstrato, não é um mero nome; Jesus está vivo, presente, alcança-nos agora através da precariedade de uma carne, através de um olhar e um abraço reais, determinados. «Vivo é algo presente», gritamos na Jornada de Outubro. Só um presente consegue tornar-nos pobres. Não precisamos de uma organização, não precisamos de uma estratégia, precisamos de alguém que nos devolva a nós mesmos. Precisamos que aconteça na nossa frente alguém que nos torne pobres, que nos permita ver o que temos diante do nariz e não vemos.

Precisamos ganhar consciência do nexos essencial entre conhecimento e pobreza. «Pode-se compreender então que os Padres da Igreja tenham considerado como a fórmula fundamental do conhecimento religioso em geral, uma palavra do sermão da montanha: “Bem-aventurados os puros no coração, pois eles verão a Deus” (Mt 5,8). Aqui é uma questão de “ver”. A possibilidade de “ver” a Deus, ou seja, em geral, percebê-lo depende – diz Ratzinger – da purificação do coração, com a qual se entende um processo

⁴³ A. Manzoni, *I promessi sposi*. Milano: Bur, 2012, p. 481.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 486.

global em que o homem se torna transparente, não fica bloqueado em si mesmo, mas aprende o dom gratuito de si e torna-se então alguém que vê.»⁴⁵

Foi o que Dom Giussani disse e testemunhou perante a Igreja toda em 1998, na Praça São Pedro: «Era uma simplicidade de coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até o coração».⁴⁶

Essa simplicidade de coração, pela qual o homem se deixa escancarar pela realidade única que tem na frente, é o que permite ver a evidência indestrutível. «A existência inteira de um cristão, pode-se dizer, tem precisamente este objetivo: tornar-se simples.»⁴⁷ Só essa disponibilidade a deixar-se escancarar totalmente pelo acontecimento do encontro é que nos permite perceber adequadamente o seu significado.⁴⁸

c) *Consciência da correspondência*

Por que é que aderimos, nos apegamos ao encontro que, em última instância, nos trouxe até aqui hoje? Por que não nos esquecemos dele? Por causa da experiência de uma correspondência sem comparações com as exigências profundas do nosso coração, possibilitada pela presença encontrada.

Assim como foi para João e André com Jesus: estiveram diante de uma presença excepcional, finalmente correspondente ao coração. Com ele realizava-se uma correspondência ao coração inimaginada, inimaginável, jamais experimentada. Por isso foi fácil reconhecê-Lo em seu valor único e incomparável, «divino».⁴⁹ «Quem topava com Ele jamais iria embora – e este é justamente o sinal da correspondência experimentada –. O encontro

⁴⁵ J. Ratzinger, *Elementi di teologia fondamentale. Saggi sulla fede e sul ministero*. Brescia: Morcelliana, 2005, p. 90. “Aderir a Deus não é nada mais que ver a Deus, o que, com uma felicidade singular, só é concedido aos puros no coração. Davi tinha um coração puro, e dizia a Deus: ‘Minha alma se agarra em vós’; e ainda: ‘Para mim só há um bem: é estar com Deus’” (São Bernardo, *Sermone sul Cantico dei Cantici*, parte prima. Roma: Città Nuova, 2006, pp. 95-97).

⁴⁶ L. Giussani, “Testemunho durante o encontro do Santo Padre João Paulo II com os movimentos eclesiais e as novas comunidades”. In: L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. IV.

⁴⁷ I. Silone, *L'avventura d'un povero cristiano*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 126.

⁴⁸ “Deus honra sua criatura razoável predispondo-a a acolher o dom que Ele lhe dá de Si mesmo. Essa faculdade de acolhimento, também ela doada, é a essência mesma da razão” (F. Varillon, *L'umiltà di Dio*. Magnano (Bi): Qiqajon, 1999, p. 45).

⁴⁹ Cf. L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 10.

é deparar com uma presença assim, excepcional.»⁵⁰ Excepcional, ou seja, divina. Também para nós, dois mil anos depois, acontece o mesmo: o divino passa por uma face efêmera – «algo que contém algo» –. Esse «algo» que passa por algo de efêmero é o que dura, permanece, pois é divino. Por isso, se não identificarmos a natureza da presença encontrada, acabaremos por trocá-la por qualquer outra coisa.

Esta é a passagem que temos que olhar bem.

A questão é dar-se conta do conteúdo e da origem da diferença com que deparamos e pela qual estamos aqui. Em outros momentos, talvez tenhamos conseguido nos virar sem chegar até este ponto, sem a necessidade de reconhecer a natureza dessa evidência indestrutível que entrou na nossa vida, mas no caos de hoje, em que tudo está em discussão, não conseguiríamos continuar sendo cristãos por muito tempo, a não ser com uma evidência reconhecida em seu significado permanente. No 68, Dom Giussani disse: «Agora não pode mais ser aceito passivamente, os tempos não nos permitem isso».⁵¹

Fico entusiasmado em viver este momento histórico, com todo o trabalho que implica. Digo-o por mim, eu não quero poupar-me desse trabalho, pois não me basta viver na ilusão (como numa bolha), achando que está tudo bem, fechando-me numa zona de conforto e vindo aqui todos os anos com os amigos para ficar um pouco em paz; seria inútil para viver.

Ainda bem que somos desafiados por toda essa confusão, pelo ceticismo que nos circunda, pelo niilismo pelo qual nada parece durar! Sim, porque assim podemos compreender, a partir de dentro da nossa experiência – como talvez ninguém na história anterior tenha podido fazer –, a diversidade do cristianismo. É como quando uma pessoa vê que nenhuma relação dura, mas de repente encontra uma relação que dura, encontra alguém que lhe quer realmente bem, e então pensa: «É... isso é diferente!». Nesse momento é muito fácil reconhecer a diversidade.

É justamente porque não nos damos conta desse «algo» – que tem o tom inconfundível da verdade – que voltamos para A depois de ter visto B: não é por causa da nossa fragilidade, mas da falta de um reconhecimento. Nossa fragilidade não tem nada a ver com isso. O que eu descrevi não é um problema de coerência ética, e sim um problema de razão, de simplicidade de coração. «As coisas têm que ser esclarecidas dentro da própria pessoa»,⁵² escreveu Etty Hillesum em seu *Diário*.

⁵⁰ Ibidem, p. 26.

⁵¹ L. Giussani, J. Carrón, “Vivo é algo presente!”, op. cit., p. 27.

⁵² E. Hillesum, *Uma vida interrompida. Os diários de Etty Hillesum 1941-43*. São Paulo: Record, 1981.

2. O desafio do reconhecimento

Nós não somos simplesmente alcançados hoje, através de encontros concretos e determinados, pelo mesmo acontecimento de dois mil anos atrás. Também somos envolvidos na mesma experiência, desafiados a percorrer o mesmo percurso, a viver o mesmo reconhecimento. Num conto intitulado *O estudante*, Tchékhov descreve sugestivamente o nexó entre o acontecimento inicial e o acontecimento presente, entre a experiência de Pedro – e dos primeiros – e a nossa experiência.

Voltando da caça, numa noite fria e escura, Ivan, um jovem estudante, encontra hospitalidade na casa de duas viúvas, mãe e filha, que estão aquecendo-se perto do fogo. Ele junta-se a elas e começa a contar da paixão de Jesus, da última ceia, da angústia que Jesus sentiu no horto das oliveiras, da traição de Judas, da negação de Pedro, do canto do galo e do momento em que Pedro «voltou a si, saiu do pátio e amargo, amargo chorou». Ele vê que justamente nesse momento uma das duas, a mãe, Vacilissa, começa a soluçar e a filha é tomada por uma grande dor. Tchékhov escreve:

«O estudante desejou às viúvas uma boa noite e seguiu em frente. [...] O estudante pensava em Vacilissa: se tinha chorado, é que tudo que passara naquela noite estranha com Pedro fazia, para ela, algum sentido... Olhou em torno. O fogo solitário piscava calmo na escuridão, e ao seu redor já não se viam as pessoas. O estudante novamente pensou que, se Vacilissa chorara, e sua filha se incomodara, então obviamente aquilo que contara, ocorrido dezenove séculos atrás, possuía relação com o presente – com as duas mulheres e, claro, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todos os homens. Se a velhinha havia chorado não era porque ele sabia contar histórias, mas porque Pedro lhe era próximo, e porque ela se interessara, com todo o seu ser, por aquilo que acontecera na alma de Pedro. De repente sentiu uma alegria levantar-se em sua alma. Uma alegria tão grande que teve até mesmo de parar por um minuto, a recobrar o fôlego. O passado, pensou, liga-se ao presente por uma corrente ininterrupta de acontecimentos, que brotam um do outro. A impressão que tinha era que acabara de ver as duas pontas desta corrente: tocara uma delas, distanciara-se da outra. Ao se aprumar no barquinho para cruzar o rio, [...] pensou que a verdade e a beleza, que haviam dirigido a vida dos homens lá no pátio do sacerdote continuavam ininterruptamente até os dias de hoje, e, ao que lhe parecia, sempre seriam o principal na vida humana, e na Terra de forma geral; a sensação de juventude, saúde, força – ele tinha apenas vinte e dois anos – e a inexpressável doce espera da felicidade, da invisível e secreta felicidade, tomaram conta dele aos

pouquinhos. A vida lhe parecia deliciosa, maravilhosa, e cheia do sentido mais elevado».⁵³

É surpreendente o nexó intuído por Tchékhev: «Se a velhinha havia chorado [...] era porque [...] Pedro lhe era próximo, e porque ela se interessara, com todo o seu ser, por aquilo que acontecera na alma de Pedro».

Nós estamos aqui por causa da mesma experiência dos primeiros que encontraram Jesus. Nós somos desafiados, como eles, a reconhecer a natureza do encontro que nos aconteceu, da presença que nos investiu. Tampouco aos primeiros não foi poupado esse desafio, muito pelo contrário. O caminho deles indica-nos a via que temos que percorrer também hoje. Sendo assim, vamos voltar ao momento em que o desafio foi tão grande, que os obrigou a reconhecer a diversidade que tinham diante deles.

Numa determinada ocasião – o dia em que multiplicara os pães e os peixes e a multidão queria proclamá-lo rei –, Jesus disse diante de todas as coisas que geraram escândalo e que nem mesmo os discípulos eram capazes de entender: «O silêncio era grande. Jesus toma a iniciativa de rompê-lo: “Também quereis ir embora?” Foi então que Pedro, com a sua veemência, aparece com a frase que resume toda a experiência de certeza que eles tinham: “Senhor, nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos, a quem havemos de ir buscar? Só tu tens palavras que explicam, que dão sentido à vida”. [...] Aquela atitude é [...] profundamente razoável», porque – continua Giussani – «com base na convivência com a excepcionalidade do ser e das atitudes de Jesus, aquele pequeno grupo não poderia deixar de confiar nas suas palavras, para isso teriam que negar uma evidência [da mesma forma como nós teríamos que negar uma evidência] mais persuasiva que os seus próprios olhos: “Se eu não acreditar nesse homem, não posso acreditar em mais nada”. A contínua reiteração dessa impressão de excepcionalidade proporcionada pela convivência determinava um juízo racionalmente plausível, justificando a confiança n’Ele».⁵⁴ Um juízo como aquele de quem diz, após anos de convivência com sua mãe (se teve com ela um relacionamento normal): «Aconteça o que acontecer, posso estar bravo, triste, posso mudar de humor, o mundo inteiro pode desabar, mas eu não posso negar que minha mãe me ama». A convivência leva-o a um juízo que consegue desafiar qualquer humor.

⁵³ A. Tchékhev, “O estudante”. Tradução de Diego Moschkovich. In: *Cadernos de literatura em tradução*, n. 20, 8 jun. 2018, pp. 326-332. Disponível em: <www.revistas.usp.br/clt/article/view/146848>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

⁵⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 83-84.

«Um juízo requer que se confronte a experiência incluindo nela o tempo de sua “duração”...»⁵⁵ Nós precisamos desse tempo para alcançar a certeza. É essa a dramaticidade da vida. Jesus trata-nos como adultos: «Vós também quereis ir embora?». Porém muitas vezes nós gostaríamos que Ele viesse para nos tirar das dificuldades, decidindo em nosso lugar.

«Por isso, para responder à pergunta dos amigos e dos inimigos – “Mas então, quem és tu?” [que é esse “algo” que há em ti e que não conseguimos definir?] –, Jesus esperou que o tempo fizesse com que os discípulos se tornassem mais seguros do seu apego [com que aumentasse a certeza da razão por que se apegavam a Ele] e os inimigos mais pertinazes na sua hostilidade. Jesus esclareceu o Seu mistério quando os homens já estavam definitivamente fixados, fosse no reconhecimento, fosse no desconhecimento em relação a Ele.»⁵⁶

Jesus não quer abusar do próprio poder nem impor-se: espera que a nossa liberdade ceda e se apegue conscientemente a Ele. Sabe bem que, sem que a nossa liberdade se implique, o reconhecimento da Sua presença nunca se tornará realmente nosso. Portanto, Ele não tem pressa, não quer forçar os tempos, mas deixa espaço para a nossa liberdade e espera que o reconhecimento d’Ele abra caminho em nós.

Uma vez que a razão é afirmar a realidade na totalidade de seus fatores, não podemos eludir a pergunta sobre a origem da diversidade que veio ao nosso encontro. Se os frutos que vemos – em termos de humanidade e de intensidade de vida – são tais que apontam uma descontinuidade em relação a tudo o que nos circunda, então nós estamos na frente de uma alternativa: ou esses frutos podem ser explicados exhaustivamente com as capacidades especiais das pessoas que os testemunham, ou então, tratando-se de gente como nós, frágeis como nós, que erram como nós, eles revelam, demonstram, algo bem além das capacidades delas, uma coisa diferente que está em ação nelas («Pelo fruto se conhece a árvore»⁵⁷).

A minha razão não consegue dizer ou definir o que é essa «coisa diferente» – diz Dom Giussani –, mas «não posso deixar de admitir que essa coisa existe. [...] Há um fator aqui dentro, há um fator que decide por essa companhia, decide por certos resultados dessa companhia, certas ressonâncias nessa companhia, um fator tão surpreendente que se eu não afirmo essa outra coisa não dou razão da experiência [que faço], pois a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os fatores que a compõem, todos».⁵⁸

⁵⁵ Ibidem, p. 84.

⁵⁶ Ibidem, p. 84-85.

⁵⁷ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, pp. 317ss.

⁵⁸ L. Giussani, *É possível viver assim?* São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 226.

Recentemente fiquei muito encantado com Mikel Azurmendi, um amigo nosso que nos encontrou há dois anos. Sociólogo, professor do País Basco, maravilhado com o que estava vendo, foi tão leal ao contragolpe provocado pelo que percebeu, que passou dois anos visitando todas as nossas comunidades espanholas, as férias, as caritativas, as escolas, porque queria entender. É como se Azurmendi nos devolvesse o que muitas vezes nós já não vemos. Ele chegou ao EncuentroMadrid e depois de apenas dez minutos, vendo a diversidade do jeito de se tratarem, do jeito de estarem juntos, «certas ressonâncias nesta companhia», declarou: «Alguma coisa está acontecendo aqui». Não conseguiu olhar para tudo sem reconhecer que lá, naquela maneira de estarem juntos, de se tratarem, de se olharem, de se procurarem, de se interessarem por tudo, havia algo diferente, que depois o levou a afirmar – a partir do que lhe fora dito muito tempo antes; fora um seminarista quando jovem –: «É Ele. Só o divino pode ser a origem de tudo isto».

A mudança do humano com que Mikel deparou, assim como cada um de nós, é o maior milagre. «Pode-se definir o milagre como um acontecimento, portanto, um fato experimentável, por meio do qual Deus obriga o homem a ocupar-se d’Ele, dos valores dos quais quer torná-lo partícipe, por meio do qual Deus chama o homem a dar-se conta da sua realidade. Ou seja, é um modo com o qual Ele impõe sensivelmente a Sua presença.»⁵⁹ Não se trata de algo imaginado por nós que um instante depois desaparece.

É justamente diante do milagre – do milagre de uma humanidade diferente, mais realizada – que vem à tona a nossa posição e se desencadeia a luta entre a abertura e o fechamento, a transparência e a obtusidade. Nessa luta – de que o Mistério não nos poupa – a liberdade revela seu papel decisivo no caminho do conhecimento, na descoberta da realidade e de seu significado («Se a maneira de alcançar o destino, a realização, deve ser livre, a liberdade deve “entrar em cena” também na descoberta disso. [...] A liberdade, portanto, tem a ver não só com o caminhar rumo a Deus como coerência de vida, mas já com a descoberta de Deus»⁶⁰). Nessa luta, muitas vezes nós chamamos de «postura crítica» o que na verdade é uma tomada de posição preconcebida («um recôndito início»,⁶¹ diz Giussani), uma «aridez» que não nos permite ver.

O prêmio para quem trava essa luta com lealdade é o reconhecimento da presença de Cristo, a familiaridade com Ele.

⁵⁹ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 333.

⁶⁰ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 185.

⁶¹ *Ibidem*, p. 186.

Então o problema, amigos, é não parar na soleira desse reconhecimento, mas chegar ao reconhecimento da «fonte última» do que vemos, com o qual deparamos e que nos mantém juntos.

«Nós corremos o perigo de viver uma graça tão grande como esta casa [como esta companhia], supondo o último passo “Ah sim, sim!»), admitindo o último passo, reconhecendo o último passo, que é por Cristo, mas sem vivê-lo [...]. Vocês podem viver a companhia de maneira que sejam gentis entre si, atentos entre si, que gostem de poder viver num ambiente assim [...]; vocês podem viver tudo de positivo nessa companhia, mas deter-se, parar na soleira do reconhecimento do motivo adequado, do fator verdadeiro que os reuniu em primeiro lugar [...]. Vocês podem viver tudo isso sem deixar claro a vocês mesmos a fonte última. É como se chegassem à soleira das coisas: “É... sim, Cristo existe, é por Cristo”.» Mas «o quanto de comoção existencial, de reconhecimento e de gratidão é produzido ao dizermos: “Estamos juntos porque Cristo existe?”».⁶²

Cristo chega a amar tanto a nossa liberdade, que até nos deixa ir para longe d’Ele, na espera de que possamos descobrir livremente a Sua diversidade. Von Balthasar descreve desta maneira a atitude de Deus para conosco: «Onde quer que um homem decida abandonar-se a si mesmo e à própria limitação [...] aí cresce o meu reino. Mas, como os homens só o fazem a duras penas [...], eu tenho que percorrer com eles caminhos longos e largos, uma vida inteira até se convencerem da verdade».⁶³

«Deus espera com paciência que eu queira enfim consentir em amá-lo. Deus espera como um mendigo que está em pé, imóvel e silencioso, diante de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é essa espera. O tempo é a espera de Deus, que mendiga o nosso amor. Os astros, as montanhas, o mar, tudo o que nos fala do tempo traz-nos a súplica de Deus. A humildade na espera torna-nos semelhantes a Deus»,⁶⁴ diz Simone Weil.

Pensemos em Nossa Senhora, quando o anjo se afastou dela: é como se o Senhor saísse de cena para dar espaço à sua liberdade.

Pensemos no filho pródigo da parábola evangélica. O pai não é indiferente ao filho. Pelo contrário, justamente por amá-lo e saber bem quem é a criatura a quem deu a vida, é que ele sabe igualmente bem que o filho não poderá descobrir o gosto de ser filho sem que seja através da liberdade.

⁶² L. Giussani, *Affezione e dimora*, op. cit., pp. 361-362. “Atravessamos os milagres como cegos, sem ver que o menor brotinho é feito de milhares de galáxias” (C. Bobin, *La vita grande*. Otranto (Le): Anima Mundi, 2018, p. 41).

⁶³ H. U. von Balthasar, *O coração do mundo*. Porto: Tavares Martins, 1959.

⁶⁴ S. Weil, *Quaderni. Volume quarto*. Milano: Adelphi, 1993, p. 177.

O filósofo católico alemão Ferdinand Ulrich escreveu, meditando sobre a parábola do filho pródigo: «O pai não mantém o próprio filho preso a si [...]. Ele pôs o outro em liberdade como alguém diferente de si e o responsabilizou pelo risco futuro de um amoroso tornar-se ele mesmo a partir do abismo de sua própria *liberdade*».⁶⁵

Como é que o pai mostra o amor pela liberdade do filho? «Simplesmente deixa o filho ir embora.» O pai deixa o filho ir embora respeitando a sua liberdade, pois está apoiado na certeza de que o filho não se afasta dele sem levar consigo o seu ser filho. Ulrich continua: «Assim o pai, por assim dizer, retira-se na calma plena do próprio ser ele mesmo, e não o faz *contra*, mas *pelo* filho. Seu esconder-se paterno, seu silêncio, é a misericórdia do seu acompanhamento. *Aquele* filho, de que nos conta a parábola, é a misericórdia do Pai feita pessoa: no afastamento sem pai. Só compreendemos a parábola se O escutarmos em espírito de piedade e de perdão! O pai fica, “repousa” em seu poder e deixa o filho ir embora. Nesse ficar, nesse *aparente* não-fazer, ele explicita-se como liberdade que “somente com a sua existência” testemunha e está presente».⁶⁶

É precisamente nesse espaço de liberdade, em que o pai o deixa, que o filho pródigo reconhece a diversidade do pai, aquele tom de verdade que o faz voltar para casa. «Há um vazio terrível – observa Nouwen – nessa paternidade espiritual. Nada de poder, nada de sucesso, nenhuma popularidade, nenhuma satisfação fácil. Mas esse vazio terrível é também o lugar da verdadeira liberdade. É o lugar onde não há nada a perder, onde o amor não está cingido por vínculos e onde pode encontrar a verdadeira força espiritual.»⁶⁷

Com sua atitude, o pai revela sua verdadeira natureza de pai. Não há acesso à verdade a não ser pela liberdade, dizia o Concílio Vaticano II.⁶⁸ Cristo respeita, ama e sustenta – desafiando-a – a nossa liberdade.

É preciso tomar consciência do tamanho do que entrou na nossa existência, senão ficaremos condenados a viver no medo de que tudo acabe no nada. Se Cristo não entrar nas fibras do nosso eu, por essa evidência que cada um de nós – dado que estamos aqui – percebeu, ficaremos amedrontados como todos, porque «sem que Cristo esteja presente agora – ago-

⁶⁵ F. Ulrich, *Gabe und Vergebung. Ein Beitrag zur biblischen Ontologie* (Dom e perdão. Uma contribuição para uma ontologia bíblica). Freiburg: Johannes, 2006, p. 455.

⁶⁶ Ibidem, pp. 452, 457-458. “Vós me deixastes ir quando eu queria e quando não queria, e contudo não me afastastes de vós” (Guilherme de Saint-Thierry, *Pregliere meditate. Opere* 3. Roma: Città Nuova, 1998, p. 214).

⁶⁷ H. J. M. Nouwen, *A volta do filho pródigo. A história de um retorno para casa*. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁶⁸ Cf. *Declaração sobre a liberdade religiosa Dignitatis Humanae*, I, 2.

ra! –, eu não posso amar-me agora e não posso amar-te agora. Se Cristo não ressuscitou, eu estou acabado, embora tenha todas as Suas palavras, embora tenha todos os Seus Evangelhos. Com os textos dos Evangelhos, indo ao extremo, eu poderia até suicidar-me [Giussani ousa dizer isto!], mas com a presença de Cristo não [porque não é simplesmente um acontecimento do passado], com a presença reconhecida de Cristo não!»⁶⁹

Por que vale a pena estar aqui, nestes dias? O que podemos ganhar com isso? A consciência de que nos aconteceu algo que pode vencer a ansiedade e a insegurança de que tudo possa acabar no nada. O que as vence não é pensar: «Agora vou arranjar mais coisas para fazer», mas só a consciência daquilo que aconteceu, de algo que não foi você quem produziu, que não fui eu quem produziu: «Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada».⁷⁰ Só a presença d’Ele é a consistência do nosso eu.

3. A necessidade da verificação

«Quem vem por uma intuição ou por um pressentimento vago de um valor e depois não é solicitado ou não se compromete em verificar, cedo ou tarde vai embora.»⁷¹ Essa advertência de Dom Giussani aos universitários também vale para todos nós, sem excluir ninguém. «Se Cristo é mesmo a resposta à vida, isso deve ser “visto” de alguma forma. [...] Por isso eu dizia aos jovens: “Temos que vigiar todas as atividades da nossa vida para conseguirmos ver e experimentar, entender e viver, que tipo de resposta a presença de Cristo realmente é para as urgências e as exigências da nossa experiência humana que nessas atividades se expressam”».⁷²

Durante a apresentação na Biblioteca Ambrosiana das *Atas* da Conferência de Lugano sobre Giussani, o diretor de estudos de Venegono, Pe. Franco Manzi, observou: «Então poderíamos dizer que Dom Giussani, enquanto caminhava ele mesmo seguindo a Cristo no “caminho de Deus” – como os Atos dos Apóstolos definiam o cristianismo –, de um lado verificava se a experiência de Pedro, de André e dos outros apóstolos era autenticamente humanizadora também para ele, e de outro convidava os jovens que encontrava no trem ou nos bancos escolares do Berchet a percorrê-la com ele. Dom Giussani descobriu o critério de autenticidade

⁶⁹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 77.

⁷⁰ Cf. Jr 31,3.

⁷¹ L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*. Milano: Bur, 2007, p. 158.

⁷² L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*. Organizado por C. Di Martino. Roma: EDIT-Il Sabato, 1993, p. 341.

desse “movimento” deles atrás de Cristo nas experiências de fé atestadas nos Evangelhos e no resto da Bíblia. Chegou assim a considerar que, se a sua experiência com aqueles companheiros de viagem era tão humanizadora como a de Pedro, de André e dos outros apóstolos, então significava que o Cristo ressuscitado continuava eficazmente presente na história, para salvar também a humanidade da nossa época». ⁷³

A Igreja não quer adesões acríicas. Eu tenho que verificar se o que entrou na minha vida me permite desafiar qualquer escuridão, qualquer dúvida, qualquer medo, qualquer insegurança. Como deveríamos ter estudado na Escola de Comunidade, a Igreja não brinca nem trapaceia conosco. ⁷⁴

Este é o desafio. Então vocês entendem que não adianta a associação, não adianta o redil, não adianta procurar lugares confortáveis para acharem que vivem como cristãos. Desta forma não daremos conta. E quem lhes propõe isso não lhes quer bem. Jesus não fechou os discípulos num redil, mas entregou-lhes o método com que podiam desafiar o mundo, fazendo a verificação da promessa d’Ele: «Estando em relação comigo, você vai perceber que vive de um jeito incomparável em relação a qualquer outro». ⁷⁵

Uma pessoa me escreveu:

«“O que resiste ao impacto da passagem do tempo?” Pensei muitas vezes que essa pergunta fosse o resultado de uma depressão latente minha, de um cinismo galopante ou então de uma falta de fé. Nos últimos tempos, porém, percebi que não é assim. Não, não é uma pergunta de alguém deprimido, porque essa minha pergunta tem se transformado com o tempo e virou parte constitutiva da relação e do diálogo cotidiano com Ele, a ponto de eu ter dito várias vezes: “Como é que Tu resistes, ó Cristo, ao impacto da passagem do tempo, como é que resistes no meu casamento, com os amigos, na relação com os filhos que crescem, nos desafios da vida diária, nos medos que me afligem, nas coisas de que antes eu gostava tanto e que agora me deixam quase indiferente? Como?”. Fazendo com que eu sempre encontre “coisas diferentes e inesperadas” (este é sempre um traço característico do acontecer

⁷³ F. Manzi, “Punto di vista di un biblista sugli *Atti* del Convegno della FTL: ‘Giussani: Il pensiero sorgivo’”. In: *Rivista Teologica di Lugano*, ano XXIV, 1/2019, p. 200.

⁷⁴ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 310-312.

⁷⁵ «A Igreja repete com Jesus que pode ser reconhecível como crível em nome de uma correspondência às necessidades elementares do homem no seu mais autêntico florescer. É o que Jesus entendia com a expressão [...] ‘o cêntuplo’ neste mundo [não no além]. É como se, portanto, [...] a Igreja dissesse [...]: “Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarás em outro lugar”. É sobre o fio da navalha desta promessa que a Igreja põe à prova a si mesma, ao se propor a todos os homens como prolongamento de Cristo» (L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 310).

d'Ele) em relação ao que eu esperaria, e que me fazem renascer. Houve um longo período da minha vida em que Cristo foi uma espécie de enfeite que eu invocava nos casos de necessidade e urgência, enquanto todo o resto eu conseguia gerenciar sozinha tranquilamente. Mas agora, mesmo sem muitas turbulências, veio claramente a consciência de que aquele “Sem mim nada podeis fazer” não é mesmo um exagero. Como quer que seja, depois de ter ouvido Dom Giussani desejar-nos na Jornada de Outubro a “tenacidade de um caminho”, eu e meu marido decidimos voltar ao caminho, começando a participar, depois de muitas hesitações, do gesto da caritativa. Foi um dos momentos mais bonitos do nosso casamento, porque nessa re-decisão de retomarmos juntos Ele estava de novo entre nós dois; misteriosamente, aderindo a uma proposta educativa da companhia, que aparentemente não tinha nada a ver, passamos a nos ver novamente juntos, unidos no caminho como há tempos não ocorria. Que presente inesperado! A caritativa foi como que um tsunami na minha vida, pois pôs a nu, trouxe à tona de repente toda a minha posição reduzida perante a vida».

Essa superabundância de vida é o que te permitirá verificar a verdade da mensagem que a Igreja te traz, a sua proposta como prolongamento de Cristo na história. É na experiência de uma plenitude não experimentável em outro lugar que está a “verificação” do que a Igreja diz de si: «Eu sou o Corpo de Cristo, rosto da presença d'Ele aqui e agora». É assim que você poderá dizer, aderindo cada vez mais racionalmente ao que a Igreja diz sobre si, «Cristo está aqui».

Para poder chegar a essa certeza, é preciso que o homem aceite viver dentro do lugar através do qual lhe chega a vida da Igreja, porque a Igreja «é vida e deve oferecer vida». É por isso que alguém decide vir aqui num fim de semana, para ficar de molho nessa vida. O homem, com efeito, continua Dom Giussani, «não pode dispor-se a uma verificação desse porte sem um compromisso que envolva a vida». Por isso, «se a Igreja não pode trapacear, tampouco o homem [cada um de nós] pode fazê-lo».⁷⁶

O tempo é crucial para essa verificação, para que desponte aos nossos olhos a diversidade do cristianismo, aquilo que verdadeiramente resiste ao impacto da passagem do tempo, das circunstâncias, dos desafios, das decepções. Não temamos: se formos leais com as exigências do coração, elas são tão irreduzíveis a nós mesmos e à nossa manipulação, que têm o poder de desmascarar qualquer ídolo que tenhamos construído! Não precisamos de mais nada além do tempo e da comparação com o coração para vermos o que é verdadeiro. Porque só o que é verdadeiro dura no tempo. A verdade tem

⁷⁶ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 312-313.

uma nuance inconfundível – todos o sabemos – e dura no tempo. E por que dura? Porque, como dissemos no início, corresponde às exigências do coração. Todas as promessas que os ídolos fazem não duram, pois não correspondem ao coração, «têm boca e não podem falar»,⁷⁷ diziam os profetas de Israel. São nada, os ídolos são inconsistentes; depois de um tempo, *puffff*, desaparecem.

Temos à disposição instrumentos irreduzíveis a nós mesmos e à nossa manipulação para fazermos um caminho seguro. É o desafio que cada um tem que assumir consigo mesmo.

Para concluir, vejamos um testemunho da verificação da proposta que todos nós recebemos continuamente no Movimento e que permite não voltarmos para A após termos experimentado B.

«Estou experimentando de uma maneira muito concreta a passagem definitiva para a maturidade da fé. Há 34 anos vivo o Movimento, mas neste último período me foi concedida a graça de experimentar um salto de autoconsciência na fé. Eu me dei conta da desproporção que há entre o que recebi e a minha humanidade. Vivi durante muito tempo com a presunção gnóstica de achar que entendia, e me esforçava – de uma maneira pelagiana – para tentar aplicar o que supostamente achava que já tinha entendido. Agora tudo me parece novo. Descubro-me numa posição totalmente diferente da que vinha vivendo desde que conheci o Movimento. Começo a me comover com tudo. Palavras que já li infinitas vezes e que me produziam um regozijo intelectual, mas não mudavam nem um milímetro a minha própria posição, agora me desarmam. Dei-me conta de que seguia Giussani de forma abstrata sem pôr em jogo de um modo real a inteligência e o coração. Comecei a entender o que significa uma inteligência afetiva, um apego à pessoa dele, e portanto às palavras dele. Giussani deixou de ser alguém externo à minha humanidade e começou a julgá-la de dentro. Começou a revelar-se o significado real do que aprendi e quase decorei dos capítulos 1, 2, 3, 5 e 10 d’*O senso religioso*. Estou fascinado, porque voltei a ser como uma criança, descubro que ainda tenho tudo para aprender, mas não para acumular conhecimentos, e sim para “viver intensamente o real”.»

Quanto mais realizamos, na relação com todas as circunstâncias, uma verificação pessoal da capacidade que Cristo tem de mudar a nossa vida («Quem me segue terá o cêntuplo nesta vida»), de fazê-la renascer, mais razoável se torna o nosso reconhecimento da presença d’Ele, o nosso “sim” a Ele e à maneira concreta que Ele escolheu para nos alcançar e conquistar: o Movimento.

A verificação, então, é a grande estrada da personalização da fé, do amadurecimento da certeza da presença de Cristo na nossa vida.

⁷⁷ SI 115,5.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Ez 37,21-28; Jr 31,10-12b.13; Jo 11,45-56

HOMILIA DE S.E.R. DOM MATTEO ZUPPI ARCEBISPO METROPOLITANO DE BOLONHA

Estes Exercícios introduzem-nos na Santa semana da paixão e da ressurreição. São os dias que iluminam todos os nossos dias. Preparamo-nos para seguir com comoção o Filho do Homem em seu amor até o fim. Sua paixão questiona-nos e orienta-nos sempre. Com efeito, Ele entrega-se totalmente a nós e ajuda-nos a entender onde estamos. Nós vamos traí-Lo numa banal presunção, achando que o contrário do medo é a coragem e não o amor; vamos poder chorar e recomeçar a partir da Sua palavra, como Pedro; vamos ver a pavidéz dos poderosos e a obstinação dos homens da lei que O condenam; vamos ficar consternados diante da nossa estupidez assassina, escondidos entre a multidão manipulada que grita para condenar Aquele que é a sua salvação; vamos ficar junto de Maria debaixo da cruz, e vamos escolher crescer ao tomarmos essa mãe que nos é entregue e ao aprendermos a custodiá-la para sempre sermos filhos responsáveis, e não órfãos distantes.

Amendo e seguindo a Jesus, nós também nos tornamos santos: não perfeitos, obrigados na realidade a cuidar das aparências, a medir a consideração com os primeiros lugares e as saudações, mas pequenos – mendigos, diria “alguém” – feitos grandes só porque amados por Jesus. Jesus é o encontro, o encontro sempre novo que docemente nos impele a correr para frente, sobretudo quando os passos ficam mais pesados ou meio preguiçosos, e com firmeza pede-nos que não tenhamos medo de estar com Ele, de amá-Lo e de não nos deixar levar, estragando a nossa vida e os dons que ela contém.

O tempo é curto e escapa depressa. As Páscoas e as oportunidades não são infinitas! Somos uns pobres coitados. Que alegria, porém, entender e ouvir isso, também aprendendo a rir de nós mesmos (às vezes nos levamos a sério demais, tanto que ninguém pode dizer-nos mais nada; a ironia e o bom humor ajudam-nos a relativizar o nosso eu e a não relativizar o Senhor, coisa que para nós é definitivamente mais fácil fazer!). Lembrar a nossa fragilidade não é frustrante de forma alguma, como a idolatria do eu leva a crer.

Na Quaresma, voltamos a entrar em nós mesmos, não saímos de nós. Somos pobrezinhos que estendem as mãos para a única mão que salva. É

a imagem, linda, do cartaz de Páscoa deste ano. «Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certeza, sou rico. [...] Só na companhia d’Ele é que a pessoa ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem carrega essa mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros»,⁷⁸ disse Dom Giussani. Isso realmente não é óbvio para uma geração como a nossa, que vive e teoriza o amor a si, mas reduzido a individualismo, podendo até estar garantido por todos os direitos, mas sem o próximo e, por fim, sem amor.

Nós somos o povo – como escutamos – prometido pelo profeta, um povo de humildes e de pobres: «Farei deles uma nação única no país, e no meio deles colocarei meu santuário». Eu acredito – para mim é assim com certeza, mas acho que também é assim para todos vocês – que vê-los, ver-nos assim, que estar inclusive fisicamente juntos e ver este santuário, ajuda-nos nos dias de solidão ou de dificuldade a lembrar que fazemos parte desse povo. Um povo que descobrimos ser muito mais amplo do que pensávamos (é uma graça!), mas que nos pede uma adesão sempre nova e pessoal. Um povo não de protagonistas que acabam por dividir-se e esgotar-se nos confrontos entre si, mas de irmãos chamados sempre a servir e a cuidar da comunhão, que nunca é óbvia e não se realiza de uma vez por todas.

Ser santos é o nosso único protagonismo, que nos permite ser nós mesmos de verdade e se revela no amor aos outros, não ao impor-se ou ao usá-los. Somos um povo que não adquire a arrogância dos justos, a dureza negativa dos arautos da desventura, daqueles que não sabem reconhecer os sinais da graça e que no fim não veem mais do que ruínas e problemas, pois não leem a história e não creem na providência. Que alegria ser parte desse povo de coitados e poder sê-lo por muitos anos – como deve ser o caso de muitos de vocês – numa amizade fiel, amável, que busca o bem e que o ajuda, unidos à companhia que o Papa Bento chamava de uma «companhia confiável», parte de uma caravana que não parou de andar e que acompanhou muitos de nós praticamente a vida inteira.

A unidade e a concórdia desse povo – que sempre é delicada e deve ser servida, nunca usada – é confiada a cada um. Giussani comovia-se quando falava da Igreja como «o lugar em que toda essa gente se enriquece». É mais ou menos o contrário do mundo, onde poucos enriquecem e os outros continuam realmente pobres. Aqui, «toda essa gente se enriquece, se doa e se enriquece com o dom do outro». «A Igreja – continuava Giussani – é justamente um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, aumenta, expurgando continuamente

⁷⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 68. Trecho do cartaz de Páscoa de 2019.

o que de espúrio entra nela, porque somos homens; mas ela é humana, portanto os homens são humanos quando expurgam o espúrio e amam o puro. A Igreja é uma coisa realmente comovente.» E dizia: «A luta com o niilismo, contra o niilismo, é essa comoção vivida».⁷⁹

Sob certos aspectos – nós o ouvimos no Evangelho – são uma purificação para a Páscoa, para viver a Páscoa, mas também são uma grande antecipação dela. A Semana Santa, com efeito, é o tempo oportuno para expurgar o que é espúrio no nosso coração e na nossa Fraternidade – dado que fomos feitos para amar, fomos feitos para ser santos; e não por sermos perfeitos, mas por amarmos –, pedindo que possamos expurgar o que há de espúrio, pedindo perdão e perdoando, escolhendo amar e abrindo-nos para esse amor tão grande.

Numa geração como a nossa, sem vínculos, que tem medo deles mas que acaba por ficar atada a tantas dependências, agradeçamos por sermos parte de um povo como este, que continua cantando sua libertação, ou seja, seu amor pelo Senhor, que nos devolve a nós mesmos. Não perdemos o maravilhamento de um encontro que se renova. Pelo contrário. A Páscoa de paixão e ressurreição (não há uma sem a outra, e vice-versa!) ajuda-nos a reencontrar o amor do início, para não virarmos administradores mornos e avaros, às vezes amargurados por conta das inevitáveis decepções; impele-nos a procurar não os inimigos, mas as pessoas; faz crescer em nós o gosto de falar com todos e o entusiasmo em não nos contentarmos com a mediocridade ou com sermos testemunhas mornas e descontentes.

A cada um de nós é confiado um pedaço deste carisma – deste povo, como escutamos o profeta dizer, desta promessa que passa pela nossa vida, como padre Carrón disse antes, que vai se tornando concreta até que possamos dar-nos conta muito tempo depois: «Finalmente entendi!» –, que temos que levar ao mundo, presentear a muitos com a inteligência e a paciência da amizade e do amor, pois é um dom; e um dom se perde quando fazemos dele uma propriedade. Na realidade, só possuímos o que damos. Que muitos consigam ver a beleza, a verdade e o bem não em categorias abstratas ou como uma verdade distante, mas em cada um de nós, na nossa humanidade concreta e pobre como é, na beleza, na verdade e na bondade da nossa vida pessoal. Cuidemos disso.

Eis por que não temos saudades do passado: porque Cristo é uma presença que sentimos verdadeira hoje, presença humana que nos guardou e que se renova sem se perder ou desvalorizar. A presença d'Ele torna-se a nossa presença. Uma presença que conheceu o pecado, mas não

⁷⁹ L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*. Milano: Bur, 1995, p. 74.

se tornou cínica ou resignada. «Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus», essa presença impele-nos a continuar indo «alegremente» – como se cantava antigamente⁸⁰ – pelo caminho ao encontro dos pobres e das gentes. «Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus. Farei com eles uma aliança de paz, será uma aliança eterna. Minha morada estará junto deles», meu santuário.

É isso o que resiste ao impacto da passagem do tempo. Perdura o amor que não se corrompe por ser santidade de Deus, pessoal e de povo, minha e nossa. Perdura o amor presenteado, o serviço aos irmãos e aos pobres (que são os irmãos menores desta mesma Fraternidade), inclinando-nos para lavar seus pés. Perdura a comunhão que nos une e que o pecado não pode romper. Perdura o Seu amor, que responde à pergunta do Evangelho de hoje, que no fundo é a pergunta da nossa espera, às vezes desesperada: «O que vos parece? Será que ele não vem para a festa?». Sim, o meu e nosso Senhor vem, e vem só por amor. Vem, e sua fidelidade dura mesmo quando tudo parece acabar. Vem para a festa, doando sua vida para preparar a festa que não tem fim.

«Uma positividade total na vida deve guiar o ânimo do cristão, em qualquer condição que esteja, com qualquer remorso que tenha, sob o peso de qualquer injustiça que haja, com qualquer escuridão ou inimizade que o rodeie, diante de qualquer morte que o assalte, porque Deus, que fez todos os seres, é para o bem, Deus é a hipótese positiva sobre tudo o que o homem vive.»⁸¹ Que estas palavras de Dom Giussani se tornem a nossa oração, na certeza e na alegria de termos encontrado o que dura para sempre: o amor que só quer o nosso bem.

É a Páscoa que nos faz renascer com Ele e que dura para sempre.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Caríssima Excelência, desejo agradecer-lhe de todo o coração, em meu nome e de todos os presentes, por ter aceitado presidir esta Eucaristia durante os nossos Exercícios Espirituais anuais. Obrigado pelo que nos disse, Excelência. Obrigado por seu testemunho, nesta mudança de época nem um pouco simples, de uma total e cordial identificação e se-

⁸⁰ Cf. “La canzone della Bassa”, in *Canti*. Milano: Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 234.

⁸¹ L. Giussani, *Alla ricerca del volto umano*, Esercizi Spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione. Rimini 3-5 de maio de 1996. Suplemento de *Litterae communionis - Tracce*, jul./ago. 1996, p. 12.

guimento ao Papa Francisco. É o que cada um de nós deseja viver, cada vez mais unidos a Cristo e à sua Igreja, saindo ao encontro dos nossos irmãos homens, principalmente dos pobres e dos necessitados. Obrigado!

Dom Zuppi. Sou eu quem agradece o convite, obviamente. Tinham-me dito que vocês seriam poucos em Rímíni... De toda forma, obrigado. Sinto muito forte o dom que é caminharmos juntos, o dom desta comunhão, desta Fraternidade. Também tenho que agradecer àqueles de vocês que moram em Bolonha, agradeço-lhes muito o serviço e o testemunho que fazem. Mas creio que também devemos fazer um agradecimento comum ao Senhor que vem. Alguém pode pensar: «Será que vem?». Vem! E estes dias ajudam-nos a abrir o coração e a não sermos como aquele que o Papa Francisco, com sua ironia, descreve assim: «Os cristãos que vivem a Quaresma sem a Páscoa». Estes dias são realmente uma preparação para expurgar – como disse antes ao ler aquela frase maravilhosa de Giussani – o que há de espúrio em nós, porque somos feitos para este povo, para este santuário, e a nossa pobreza encontra mesmo a Páscoa, a ressurreição já no estarmos juntos, no caminharmos juntos. Agradeçamos isto ao Senhor e peçamos a bênção para que seja uma Páscoa que nos encontre com Ele, para enfrentarmos o mal com Ele, para não escaparmos, mas que também nos encontre com a força do amor, que é mais forte do que qualquer adversidade, conscientes de que dar a vida significa que dura para sempre.

* * *

Salve Regina

Sábado, 13 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra em ré menor n. 20, K 466

Clara Haskil, piano

Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux

“Spirto Gentil” n. 32, Philips

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Esta é a vitória que vence o mundo: a fé» (1Jo 5,4)

O primeiro passo que demos esta manhã foi uma «constatação»: há «um tipo de relação diferente entre as pessoas, um clima mais respeitoso e mais verdadeiro», uma novidade de vida que percebemos em muitos ao nosso redor e que as páginas de *Por que a Igreja* nos ajudam a identificar. É uma das coisas que mais me impressionam quando viajo pelo mundo para encontrar as comunidades do Movimento: nos lugares mais perdidos há pessoas simples – não chamativas, quase ninguém as conhece – que fazem uma experiência espetacular, que as leva a ter uma gratidão transbordante; nas situações mais diferentes, infinitamente mais dramáticas do que possamos imaginar, muitos começam a fazer experiência de uma novidade, de um florescimento e de uma intensificação da vida, de uma forma diferente de enfrentar as circunstâncias, inclusive as dificuldades.

Isso é possível em qualquer lugar e a qualquer um. É o que me deixa boquiaberto toda vez. Ouçam o que Aliona, de Karaganda, tem para contar:

«Encontrei o Movimento em 1997, quando padre Edoardo veio à nossa escola para nos contar sobre a Itália na aula de história. Nasceu uma amizade, ele vinha jantar conosco, impressionava-nos muito, e depois de um tempo nos convidou para ir às férias. Nós nunca tínhamos visto uma coisa parecida, nos conquistou. Começamos a ir à Escola de Comunidade, encontramos novos amigos, continuamos participando das férias. Aí entrei na faculdade, e depois de dois anos fiquei tomada pela vida estudantil e saí da comunidade, porque [prestem atenção a este trecho] parecia que eu já tinha recebido a fé na minha vida, então podia ir à igreja sozinha. Parecia que a comunidade tinha deixado de me ajudar. Eu me casei, tive duas filhas. Quando nasceu minha segunda filha, descobriram uma doença específica na mais

velha. Obviamente, para mim foi uma grande provação. Comecei de novo a procurar um sentido, eu sentia uma enorme falta nas relações com meu marido, nas relações com minhas filhas, parecia que a vida tivesse virado um beco sem saída, sempre me faltava algo. Sete anos depois, minha filha mais nova tinha que ir à escola. Fora da escola encontrei uma ex-professora minha, que tinha encontrado o Movimento comigo. Falando com ela, perguntei: “Ainda existe a Escola de Comunidade e todo o resto?”, talvez com uma esperança para mim. Ela me respondeu: “Claro! Ainda existe”. Então me olhou e me perguntou como eu estava. Quando lhe contei da minha filha mais velha, ela me disse: “Uma criança assim tem que ser muito amada. Venham conosco para as férias”. Nessas férias eu revi as pessoas que tinha conhecido muitos anos antes, vi como viviam, seus olhos estavam cheios, brilhavam de alegria, as famílias eram felizes com suas vidas. Eu entendia que estava tão fechada, que a minha vida era uma corrida ao redor de mim mesma, sem sentido. Senti de novo que meu coração estava se enchendo de entusiasmo. Passaram-se cinco anos e eu ainda sinto que esse é o único lugar onde vivo de verdade, onde sou eu mesma, onde posso amar minha filha como sempre quis amar, onde posso amar meu marido por como ele é. E não há mais nada capaz de responder às minhas perguntas, só Cristo. A Escola de Comunidade e a caritativa são o que me devolvem a mim mesma».

O que possibilitou esse jeito diferente de viver? O que possibilitou isso – respondendo indicando o fator mais imediatamente evidente – foi o envolvimento da própria vida com a proposta do Movimento, ou seja, da Igreja tal como nos alcançou persuasivamente; foi a fidelidade a essa proposta. Quem aceitou envolver-se com a vida que a Igreja nos propõe pelo Movimento experimentou uma novidade que podemos constatar e que se comunica, da qual vemos muitos sinais. Nada é mecânico na vida, muito menos no cristianismo. Por isso pode haver gente na mesma comunidade que leva a sério a proposta, que vive uma fidelidade a ela, e gente que fica indiferente.

Mas isso renova a pergunta que dá o título a estes nossos Exercícios: o que resiste ao impacto da passagem do tempo? Quanto mais a plenitude de vida e a novidade experimentadas são evidentes, mais, de fato, a pergunta é aguda: como essa mudança pode durar?

1. O problema da duração

Como é que esse olhar, que às vezes vemos em nós e que nos faz explodir de alegria, se torna nosso? Como essa beleza se torna minha? E como o que experimento vivendo de molho na comunidade cristã pode alcançar a todos os aspectos da vida, mas todos mesmo?

Somos muito sortudos: Dom Giussani já enfrentou anos atrás esse mesmo questionamento («O que dura?») numa determinada página da experiência dos universitários, então podemos ser acompanhados por ele, passo a passo, para responder a toda a urgência que vislumbramos nestes dias. Há um só caminho, diz Dom Giussani, só um: tendo sido a fidelidade à proposta o que produziu essa mudança, cumpre sermos fiéis, «continuar sendo fiéis!».⁸²

Mas aqui começa a nossa dificuldade, porque também em nós nasce o moralismo que caracteriza a forma de pensar em que estamos imersos. Com efeito, há uma maneira de conceber essa fidelidade que é como a da maioria das pessoas, de modo que – adverte-nos Dom Giussani – «essa fidelidade está totalmente abandonada à capacidade ética de vocês». Somos tentados por uma interpretação moralista e voluntarista da fidelidade. Tendemos a ler tudo em termos de “capacidade”. Como que dizendo: surpreendemos uma determinada novidade de vida, experimentamos uma mudança inesperada, agora temos que nos comprometer a fazê-la durar, a prolongá-la e a realizá-la em tudo. Então diz Giussani: «Pensem na chatice de uma repetição iminente, devida a termos que dizer sempre: “Precisamos mudar as relações entre nós, precisamos ser sinceramente amigos, precisamos respeitar a ordem...””. Precisamos!». Consequentemente, «o modo de avançar» é visto como «um fenômeno de esforço da sua vontade»,⁸³ como se fosse suficiente repetir constantemente uma advertência para evitar que o ânimo decaia, para manter sempre alto o moral da tropa, como se nós pudéssemos gerar, com as nossas exortações, o que desejamos.

«Mas eu acho – continua Giussani – que não sou uma ave de mau agouro, que não sou pessimista ao prever, com o tempo que passa, diante da repetitividade do chamado, certa degradação da atenção de vocês, um entusiasmo menor, porque só se fica entusiasmado com uma novidade.»⁸⁴ E a novidade é a verdade, o divino que se manifesta, atraindo e mobilizando o nosso ser.

A duração da mudança não pode vir da nossa vontade, porque todos já sabemos de antemão que o nosso esforço não é capaz de se manter. «No fundo, essa nossa vontade, esse nosso compromisso, essa nossa eticidade não pode deixar de permanecer muito frágil.»⁸⁵ Principalmente numa sociedade que diz exatamente o contrário do que nos propomos e tentamos viver.

É impossível esconder isso: «Esta nossa fragilidade endógena, estrutural, faz com que nos tornemos como folhas ao sabor do vento, quer dizer,

⁸² L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 55.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 56.

⁸⁵ *Ibidem*.

faz com que facilmente nos tornemos vítimas do poder, do poder secular, social, civil. Tentem só pensar em se opor estavelmente à mentalidade que nos rodeia, à mentalidade que determina as estradas e os caminhos para a carreira universitária, para a profissão, a mentalidade das suas casas sobre as tarefas, a mentalidade de todos! Opor-se a isso! Não só ao poder secular, mas também ao poder eclesiástico: se a nossa experiência for ou fosse boicotada, contrastada, combatida, na realidade da Igreja, a energia comunicativa e a criatividade da nossa adesão se rarefiam, tudo ficaria cada vez mais limitado, e é muito fácil prever a incapacidade de uma resistência nossa eficaz. Mas uma experiência vira história quando não pode ser detida pelo poder».⁸⁶ Hoje, isso é ainda mais evidente para nós do que era há algumas décadas.

O convite à fidelidade não é portanto «um convite imediatamente determinado pela esperança na força de vontade de vocês, não está fundamentado na capacidade ética de vocês».⁸⁷

Então, se não depende da nossa força de vontade, em que é que está fundamentada a fidelidade? Para responder, antes temos que nos perguntar: como o cristianismo se tornou história? Na resposta a essa pergunta está contida toda a sua novidade, a sua excepcionalidade – da qual precisamos tornar-nos mais conscientes –, que é o fundamento da fidelidade.

2. «A pretensão de contemporaneidade de Cristo na história»

O que possibilitou que o início vivido pelos discípulos continuasse no tempo? O cristianismo continuou na história, tornou-se história por causa da força de vontade dos primeiros? Foram tão bons a ponto de garantir a permanência do início? Eles também ficaram encurralados com a derrocada de tudo, num dado momento até d'Aquele que despertara neles tanto entusiasmo. Depois da Sua morte, de fato, dois discípulos voltaram para casa dizendo: «Nós esperávamos que finalmente tivesse chegado aquele que podia cumprir a promessa que recebêramos quando o encontramos, aquela promessa que correspondia à espera do coração; mas agora tudo acabou».⁸⁸ E quando algumas mulheres correm até os apóstolos para lhes dar o anúncio da ressurreição, alguns pensam: «São loucas» – como diz o canto –,⁸⁹ são loucas, tanto é verdade que os dois discípulos de Emaús voltaram para casa desiludidos.

⁸⁶ Ibidem, pp. 56-57.

⁸⁷ Ibidem, p. 58.

⁸⁸ Cf. Lc 24,13-35.

⁸⁹ *Barco Negro*, música de Caco Velho e Piratini e letra de D. Mourão-Ferreira.

Mas então, se não foi um esforço deles – e tomar consciência disso já é libertador –, nem uma tentativa organizacional, o que é que possibilitou a continuidade do fenômeno inicial? Como explicar que tenha durado?

É a pergunta que assalta os historiadores e quem quer que se debruce sobre os relatos evangélicos. Lendo os textos dos Evangelhos, que não omitem nada do desconcerto dos apóstolos, deparamos com este paradoxo: todos os seus O abandonaram e fugiram, mas depois de alguns dias os vemos unidos, entusiasmados, dispostos a tudo; isso os historiadores não conseguem mesmo explicar. No entanto tal mudança deve ter uma explicação! Assim, eles lançam mão da mesma palavra que usamos nestes dias: deve ter acontecido «algo», de modo que pessoas desorientadas, decepcionadas, que haviam voltado para casa céticas por não ter-se cumprido a promessa, uniram-se de novo, entusiasmadas, dispostas a qualquer coisa, com uma energia transbordante.

Até mesmo Strauss, o historiador racionalista, que nega a historicidade da ressurreição, para explicar a virada verificada nos discípulos é forçado a admitir que obrigatoriamente deve ter acontecido «algo»: uma mentira inventada pelos discípulos não poderia dar uma explicação adequada do que ocorrera neles num arco tão curto de tempo. «Uma mentira assim, inventada pelos Apóstolos, não poderia ter inspirado a coragem de anunciar com tanta constância e no meio dos mais graves perigos a ressurreição de Jesus. Com razão, os apologistas insistem ainda hoje em observar que a revolução extraordinária operada no ânimo dos Apóstolos – do mais profundo desalento, da perda de toda e qualquer esperança no momento da morte de Jesus, para a fé e o entusiasmo com que anunciaram qual Messias no Pentecostes sucessivo –, tal revolução não poderia explicar-se se nesse ínterim [apenas poucas semanas após a crucificação d’Ele] não sobreviesse algo de extraordinariamente consolador, e em particular algo que os convencesse da ressurreição de Jesus crucificado.»⁹⁰

O cristianismo tornou-se história, uma história que chegou até aqui, até você, por causa do que aconteceu alguns dias depois da crucificação. O que permitiu que se tornasse história? O fato do divino ter-se manifestado com uma potência ainda maior: a única razão que possibilitou essa reviravolta e a continuidade no tempo foi o fato de O terem visto vivo. «“Cristo ressuscitou” quer dizer que Cristo tem o senhorio do tempo, é o Senhor do tempo, vence o tempo».⁹¹

Cristo está presente agora! Essa é a excepcionalidade do cristianismo, pela qual Cristo é uma presença diferente de qualquer outra figura do pan-

⁹⁰ D. F. Strauss, *La vita di Gesù o Esame critico della sua storia*. Milano: La Vita Felice, 2014, pp. 1395-1396.

⁹¹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 63.

teão das religiões: «A excepcionalidade é a pretensão de contemporaneidade de Cristo na história».⁹² Uma contemporaneidade que nenhum poder deste mundo pôde parar, tanto que chegou até nós. Ela jamais será detida, jamais, por nenhum poder.

Então a fidelidade é fidelidade a Cristo ressuscitado. O que permite a duração, o que resiste ao impacto da passagem do tempo, não somos nós com as nossas capacidades, mas essa novidade – a Sua própria presença, o reacontecer da Sua presença agora, uma Presença agora – que entrou na nossa vida, que constantemente vimos reaparecer, que já não podemos tirar de nós; eu não posso tirá-la de mim, não posso tirá-la da minha história; poderia ir embora, mas mesmo assim a levaria comigo. Esse «algo» que os historiadores como Strauss admitem – mesmo sem reconhecê-lo nem tampouco aderir a ele – não é nada além do fato de Cristo ressuscitado. A fidelidade de que estamos falando é a fidelidade a esse fato ocorrido.

«Aquela experiência de plenitude que aqueles primeiros discípulos tiveram poderia ser deixada no passado, melancólica e nostálgicamente [...] sentida como outras experiências em outros lugares, em outros momentos da história. Mas a excepcionalidade [...], como diz Eliot nos *Quatro quartetos*, a intersecção do sem tempo no tempo se dá onde a mudança provocada dure, dure, se torne duração (“duração” quer dizer uma outra realidade, uma outra forma do real, pois a duração é a consistência do ser, um outro ser), ou seja, se faça história. A excepcionalidade é que a mudança dure, se faça história.»⁹³

A permanência da mudança – o tornar-se história do início – implica, sim, a minha fidelidade, mas é dada, é originada por algo que não sou eu, por uma Presença que domina a história, que venceu o tempo e o espaço e está aqui, agora. «Ele está aqui. / Está aqui como no primeiro dia»,⁹⁴ dizia Péguy. Acontece agora. Há «algo que vem antes» da minha fidelidade e que pede e sustenta a minha fidelidade: é o Seu acontecer agora.

«Há um ano eu estava vivendo um momento de grande provação, não estava bem, mas tentava ficar presa por um fio a alguns poucos amigos que não se desagregaram, não tinham medo. Um dia fui encontrar um deles e estava em péssimas condições. Ele me disse uma frase: “A nossa amizade é sagrada, porque abre perguntas às quais só um Outro responde”. Algumas semanas depois eu estava jantando com outra amiga e, enquanto eu chorava, ela me olhou e me perguntou a queima-roupa: “Quem é você?”. Aí eu

⁹² Ibidem, p. 64.

⁹³ Ibidem, p. 60.

⁹⁴ C. Péguy, “Il mistero della carità di Giovanna d’Arco”. In: Idem, *I misteri*. Milano: Jaca Book, 1997, p. 56.

me disse: a resposta para mim não são palavras, explicações cristãs, mas a presença d'Ele. Nada menos! A resposta é Ele, que no encontro feriu para sempre o meu coração com Sua beleza. Nas entranhas da minha vida, que é uma história dentro da história, eu vejo que a única coisa que dura é a fidelidade de Deus, Sua continuação em esperar-me, desejar-me, vir procurar-me: o Seu já estar aí!». Cristo vem ao nosso encontro através de amigos que não se desagregam, que não têm medo.

Qual é então o perigo mortal, que normalmente vimos à espreita nestes anos? Relegar Cristo – o acontecimento da Sua presença, o encontro com Ele – ao passado e viver na lembrança, na saudade do início (o arcebispo de Milão disse-nos isso recentemente, na homilia pelo aniversário de Dom Giussani),⁹⁵ na tentativa – e na presunção – de desenvolvermos nós as consequências do encontro. É a tentação kantiana. Cristo torna-se assim uma “não presença”, uma presença no passado, uma premissa que está às nossas costas, na qual inspiramos compromissos e projetos. Isso não é apenas a postura protestante, atenção: pode ser a nossa postura em relação ao encontro decisivo com a realidade do Movimento que marcou a vida de todos nós que estamos aqui.

«Há um perigo», diz Giussani, «e o experimentamos: quantos não caíram nele!». Qual perigo? «Como a humanidade sempre pensou um pouco na era dourada como sendo os primórdios do tempo humano, o paraíso terrestre, assim muita gente sentiu o início do nosso Movimento ou o início de sua participação no Movimento como uma espécie de era dourada, como uma espécie de fascínio admirável que o tempo, porém, destituiu de sua atração: [...] o Protestantismo erigiu em sistema esse olhar para a figura de Cristo. Aquele “foi” o momento. E por que acontece? Acontece para que o homem de todos os tempos possa ter, na lembrança daquele momento, um motivo de esperança para o futuro, para o além-morte, para o seu destino, enquanto passa por esta vida tão cheia de decepções em todos os sentidos e principalmente da decepção consigo mesmo, moral!»⁹⁶

O Papa Francisco acabou de escrevê-lo na exortação apostólica *Christus vivit*: «Corremos o risco de tomar Jesus Cristo apenas como um bom exemplo do passado, como uma recordação, como Alguém que nos salvou há dois mil anos. De nada nos aproveitaria isto: deixar-nos-ia como antes, não nos libertaria».⁹⁷

⁹⁵ Cf. M. Delpini, “Morar em Cristo”, Homilia pelo aniversário da morte de Dom Giussani e do reconhecimento pontifício da Fraternidade, 11 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://portugues.clonline.org/not%C3%ADcias/igreja/2019/02/12/aniversario-giussani-fraternidade-missa-milao-delpini-carron?hl=delpini>>. Acesso em: 6 de junho de 2019.

⁹⁶ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 60-61.

⁹⁷ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus Christus vivit*, §124.

«Por isso – continua Giussani – eu insistia em que a excepcionalidade está no fato de que a mudança dure, que se torne duração, que se torne história, que aquele fato se torne história, seja permanente, e depois de dois mil anos aquele primeiro Cartaz [isto é, o anúncio de que Deus se fez carne, se tornou uma presença humana na história] ainda seja verdadeiro, no sentido de experimentado, renovado, tornado novo, vivido, e daqui a duzentos mil anos, se o mundo ainda existir, ainda o será. O divino é a vitória sobre o tempo, mas não sobre o tempo entendido escatologicamente (veja o Protestantismo: a vitória de Deus no fim dos tempos, a vitória de Deus no fim da sua vida, que julga você após a morte); é a vitória de Deus no tempo, sobre o tempo, dentro do tempo.»⁹⁸

O verdadeiro desafio é se o que começou pode continuar, se pode tornar-se nosso, ou seja, se Cristo ressuscitado é capaz de gerar uma criatura nova, uma testemunha em que se veja que a relação com a presença d’Ele não é adiada para o além, para depois da morte, mas é agora, porque nós podemos tocar a presença d’Ele agora.

Então, a permanência da novidade não é garantida pela «tenacidade de uma coerência nossa», não é dada por uma força de vontade, opor uma «continuidade imperturbável de chamado de atenção»,⁹⁹ por uma inteligência das nossas tentativas. Não! «A excepcionalidade, aquela pela qual a mudança se torna história, se torna duração, permanece [...], é dada por algo objetivo que já existe. É claro: a permanência da minha mudança, da sua mudança, ou é dada por algo que está em você ou é dada por algo objetivo que já existe; ou depende da sua vontade ou então depende de algo objetivo que já existe – já existe! –, por uma realidade que domina a realidade em movimento. Esta é a mensagem do segundo Cartaz: Cristo ressuscitou, Deus deu a história nas mãos daquele homem!»¹⁰⁰

Podemos voltar a dizê-lo com as palavras do Papa Francisco: «Aquele que nos enche com a sua graça, Aquele que nos liberta, Aquele que nos transforma, Aquele que nos cura e consola é Alguém que vive. É Cristo ressuscitado».¹⁰¹

⁹⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 61.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 57.

¹⁰⁰ *Ibidem*, pp. 62-63. «Para mim é suficiente se Jesus está vivo. Se ele vive, eu vivo; pois que a minha alma está suspensa à sua; mais ainda ele é a minha vida, aquilo de que preciso. Com efeito, que haverá de me faltar se Jesus está vivo? Mesmo que tudo me fosse tirado, isto não teria importância alguma, contanto que Jesus esteja vivo» (Guerrico d’Igny, “I Sermone per la Resurrezione del Signore”, in Scuola Cisterciense, *Pensieri d’amore*. Casale Monferrato (AI): Piemme, 2000, p. 257).

¹⁰¹ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus Christus vivit*, §124.

Tolstói escreve: «Cristo morreu há muito tempo, e Sua existência carnal foi breve, e nós não temos uma imagem clara de Sua pessoa carnal, mas a força de Sua vida de amor e de razão, Sua relação com o mundo [...] age até hoje sobre milhões de homens, os quais acolhem em si essa Sua relação com o mundo e vivem dela. E o que é que age dessa maneira? O que é essa coisa, que antes estava ligada à existência carnal de Cristo, e que agora constitui a continuação e a propagação dessa Sua mesma vida? Nós dizemos que esta não é a vida de Cristo, mas que são as consequências dela. E, quando dissemos essas palavras que não têm nenhum sentido, parecia-nos ter falado de maneira mais clara e mais precisa do que quem sustenta que essa força seja o próprio Cristo, vivo».¹⁰²

Que Cristo ressuscitou significa que Cristo está presente, está aqui, como no primeiro dia: «Há uma realidade dentro do mundo, há uma realidade que tocou a nossa carne e os nossos ossos com o Batismo, há uma realidade que se faz audível e visível através da nossa companhia [...], há uma realidade que penetra o tempo, criando um fluxo, um povo que não terá fim, ao qual todos os homens são chamados, há uma realidade que é Deus feito homem. Aquilo que fez todas as coisas identificou-se com a precariedade de uma carne, identifica-se com a precariedade de uma carne, faz-se audível e tangível com a precariedade de uma carne. Aquilo para o qual o homem foi feito é esse Homem que está entre nós».¹⁰³

Em 1984, revisitando com a memória o início da nossa história, Giussani dizia: «O fascínio inicial do Movimento foi dado justamente por isto. Desde o primeiro dia em que falamos, a mensagem dada era a vitória de Cristo sobre o mundo, a vitória de Cristo sobre a história: “Jesus Cristo é o centro do cosmos e da história”».¹⁰⁴

Cristo é contemporâneo à história – faz-se audível e tangível pela companhia da Igreja, pela precariedade de uma carne –, por isso deve ser vivido agora: por mim, por você, por nós, deve «ser vivido em seu reacontecer, e todas as forças do poder, de qualquer natureza, civil ou eclesial, jamais poderão deter essa contemporaneidade, jamais!». Dom Giussani acrescenta uma observação que também vale para nós hoje, muitas vezes preocupados com resultados numéricos por causa da nossa insegurança existencial: «Não se sabe se serão doze no fim do mundo, como Soloviov supunha e imaginava, ou se serão doze bilhões: não importa, não tem a ver. O que tem a ver é que essa contemporaneidade de Cristo à história jamais será

¹⁰² L. Tolstói, *Sulla vita*, op. cit., p. 198.

¹⁰³ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*. Milano: Bur, 2019, p. 115.

¹⁰⁴ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 64.

interrompida e bloqueada, jamais [...]. Então é preciso que a fidelidade seja experiência daquilo que Cristo é no primeiro Cartaz: é a fidelidade a esse fato ocorrido. Então a fidelidade é a experiência da mudança como duração na história, a experiência da mudança produzida [...] por uma realidade que já está presente: é fidelidade a esse algo que já está presente agora»¹⁰⁵ e que me muda agora, gerando em mim uma criatura nova que dura no tempo.

Vejam uma demonstração de fidelidade a esse algo que já está presente:

«Eu percebo que basta um nada (uma doença, uma decisão arriscada, um acidente de percurso) para eu me colocar contra a parede e abrir mão do que eu achava que tinha sob controle. Já aconteceu algumas vezes. Pode acontecer de novo. Para responder à sua pergunta, só posso evocar uma experiência pessoal minha. O que me ajudou a sair daquilo que parecia, literalmente, uma prisão cujas barras eram a inconsistência das minhas ações e dos meus pensamentos? O turbilhão em que eu estava não me impediu de ficar apegado aos gestos que os amigos da Fraternidade continuavam a me propor. Gestos simples, discretos, mas propostos com uma fidelidade inesgotável. Eu ia aos momentos de Escola de Comunidade com a cabeça na lua, mas ia. Frequentava o gesto de uma caritativa organizada com uma simplicidade desarmante. Eu olhava e escutava. Da minha “prisão” eu olhava os rostos e escutava as músicas com uma atenção que nunca tinha tido antes. Eu repetia as palavras e ficava impressionado com como parecia que fossem dirigidas a mim: “Não tenha medo”, “Tu és um Deus fiel”, “Tirárá os sapatos de cada um”, etc. Eu quase que temo dizê-lo, mas a vida se fazia ainda mais vida através daquela presença simples e fiel evocada por gestos vistos e músicas cantadas milhares de vezes. O que estava sendo evocado, senão uma Presença presente? Um “Tu” que conhece meus pensamentos, que vive em mim».

3. «Esta é a vitória que vence o mundo: a fé»

Mas «a experiência da mudança como duração na história», assim como Dom Giussani nos conduziu a olhá-la, põe em discussão a nossa imagem de mudança. «O problema é ultrapassar uma imagem psicológica da mudança.» Vejam com que fineza Giussani a indica: «Concepção psicológica da mudança é quando alguém diz: “Sim, eu tenho que ser mais... tenho que saber amar e não instrumentalizar o outro ou a outra...” [...]; mas depois fica na comunidade resignado ou se decepciona porque não muda». Por

¹⁰⁵ *Ibidem*, pp. 64-65.

que tantas vezes ficamos decepcionados? Porque identificamos a mudança com algo que nós medimos. «Quantos e quantos de nós já não fizeram esta objeção: que a promessa não fora mantida, que nada mudava! Quantas vezes me disseram: “Mas não muda nada!”». É uma concepção de mudança psicológica, ou seja, é uma mudança que você nota com sua consciência, que você mede com sua observação, com a observação da sua consciência: eu tinha o temperamento irascível e ainda o tenho; tinha tendências cleptomaníacas e continuo enfiando no bolso as coisas do meu colega; terminei a faculdade, comecei a profissão, [...] e não sei o que fazer, tudo é como antes, nada se move ou nada anda como eu esperava.»¹⁰⁶ Enfim, concebemos a nossa mudança conforme a imagem que respiramos ao nosso redor, que nós mesmos criamos, ou seja, como o aumento das nossas capacidades, a melhora do nosso desempenho.

Mas então, se não se pode medir, em que consiste a mudança? A mudança é virtual? Qual é a verdadeira mudança?

«A experiência da mudança é determinada, acima de tudo, pelo reconhecimento de Cristo como o vencedor da história. E esta é a fé.¹⁰⁷ O ponto – o ponto! – é a certeza de que a vitória sobre a história existe entre nós. São Paulo diz: “Se Cristo não houvesse ressuscitado, vã seria a nossa fé, seríamos dentre todos os homens os mais dignos de compaixão”».¹⁰⁸

Portanto, a verdadeira mudança, o que lhe permite acordar a cada manhã com uma esperança, qualquer que seja a situação que você tenha que enfrentar, qualquer que seja a dificuldade que você tenha que atravessar, é a certeza de que entre nós existe a vitória de Cristo na história. É uma *metanoia*, uma mudança de mentalidade. A verdadeira mudança, então, é a fé, o reconhecimento da presença d’Ele agora. Esta é a vitória na história e sobre a história, «esta é a vitória que vence o mundo: a fé».¹⁰⁹

¹⁰⁶ Ibidem, pp. 65, 62.

¹⁰⁷ “A primeira tarefa dos cristãos é testemunhar a Ressurreição. Eles também são rebeldes que não aceitam conformar-se com a condição humana. Mas sabem que Alguém passou vivo para o outro lado das coisas e lhes abriu o caminho” (O. Clément, *La rivolta dello Spirito*. Milano: Jaca Book, 1980, pp. 169-170). “É impensável que Cristo ressuscitado me mantenha tal e qual sem nenhuma transformação. E eu vivo justamente para transformar-se. Crer em Cristo é crer que há um princípio dinâmico de transformação, ou seja, de libertação. Com efeito, não sou livre, pois sou pecador e o sei muito bem. Não posso tornar-me livre se não for transformado. A Ressurreição é isto. Não é a reanimação de um cadáver, é a passagem para a liberdade, a liberdade de amar. E essa passagem para a liberdade implica uma transformação radical...” (F. Varillon, *Traversate di un credente*. Milano: Jaca Book, 2008, p. 149).

¹⁰⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 66.

¹⁰⁹ Cf. 1Jo 5,4.

Esta carta nos dá testemunho disso:

«Agradeço-lhe muitíssimo a pergunta que você nos fez para os Exercícios da Fraternidade. Desde o dia em que ela chegou, eu vivo cada momento do meu dia com o desejo de enxergar nas circunstâncias o que responde de verdade à provocação que você nos lançou. Neste período eu percebi que o que resiste ao impacto da passagem do tempo é só o reconhecimento de que Jesus reacontece continuamente e me faz companhia aqui e agora. A única coisa que torna possível a continuidade do início é continuar vendo-O vivo no meio de nós e encontrável em qualquer circunstância que me for dada. E o que permite a duração, o que me tem permitido estar feliz em qualquer circunstância, mesmo nas mais difíceis, é a fidelidade a esse reconhecimento. Neste período tenho alguns amigos que estão tendo que lidar com situações difíceis – na família, no trabalho, doenças –, e na relação com eles me dei conta de que a companhia mais verdadeira que podemos nos fazer é seguirmos juntos um lugar em que somos facilitados a reconhecer Jesus presente, porque só isso permite levantar o olhar e não sucumbir diante da dificuldade. Faz quinze dias, um querido amigo meu teve que ser internado para fazer uma operação delicada e estava vivendo essa circunstância com muito medo e angústia. Inesperadamente, ele me telefonou uma noite dizendo-me que tinha ficado muito marcado com uma carta da *Passos* de uma garota de Bolonha, porque o que ela contava era exatamente a resposta ao que o estava abatendo naquele momento. Eu lhe disse: “Ótimo! Mas isso é Jesus para você!”. No dia seguinte, quando nos vimos, ele estava com outra cara. Realmente outra cara, outro olhar, mais alegre, mais confiante. Bastou reconhecer Jesus presente para que o medo e o incômodo fossem vencidos! [Será que alguém ainda acredita nisto?] Reconhecer Jesus, que nos faz companhia, e ajudar-nos a enxergar os sinais inconfundíveis da presença d’Ele é o que permite ficar diante das circunstâncias, de qualquer circunstância, com um olhar novo. Então entendo cada vez mais que a verdadeira mudança que resiste ao impacto da passagem do tempo é o reconhecimento da vitória de Cristo aqui e agora. E seguir você é para mim, acima de tudo, a possibilidade de ser ajudada constantemente a reconhecer Jesus manifestando-se na nossa vida. O resultado desse caminho na fidelidade à autoridade (que é a forma em que o Mistério historicamente me alcança) é que todas as noites eu vou dormir feliz, em paz, grata por todos os dons que o Mistério continuamente me dá».

Como podem ver, é uma mudança que perdura no tempo.

«O ponto é a certeza de que entre nós existe a vitória sobre a história. É justamente essa certeza, que se chama fé [...], o que nos dá a capacidade

de um esforço moral inexaurível.¹¹⁰ Mas assim [...] o esforço moral torna-se “participação num fato”.»¹¹¹

O eu como protagonista da história é gerado por Cristo presente, pelo reconhecimento de Cristo presente. Esta é a grande diferença entre o Catolicismo e o Protestantismo. Giussani insiste: «É o fascínio pela pretensão que a contemporaneidade de Cristo tem na história, [...] é o fascínio do alcance histórico de Cristo ressuscitado, é o reconhecimento de Cristo ressuscitado o que constitui o sujeito histórico novo, diferente dos outros, ou seja, nós. E dizendo este “nós” entendemos com maravilhamento a diferença abissal entre essa maneira com que Deus prossegue na história e as nossas próprias capacidades, o resultado das nossas próprias capacidades. O resultado das nossas capacidades deveria fazer-nos recuar imediatamente. Mas é uma outra questão: não a capacidade ética, mas a fé. A capacidade ética é possível como consequência da fé. [...] Portanto [como vocês podem ler no Cartaz de Páscoa deste ano], as pessoas que iam atrás d’Ele, [...] eram uns pobres coitados como eu e como você, mas toda a novidade da esperança, a certeza absolutamente nova, a realidade nova que eles se tornaram era aquela Presença. A contemporaneidade daquela Presença para mim, para os meus filhos, para aqueles que virão depois, daqui a cem milhões de anos: esta é a vitória que vence o mundo, esta é a novidade absoluta, este é o divino na história! Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certeza, sou rico. O que possibilita amar a minha pessoa – a minha pessoa como algo fascinante – é que exista essa Presença.¹¹² Com efeito, só na companhia d’Ele é que a pessoa ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem carrega essa mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros».¹¹³

O verdadeiro recurso da nossa vida é uma Presença presente, que nos enche de maravilha porque existe! «Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! [...] Ele vive e quer-te vivo!»¹¹⁴ É por

¹¹⁰ “Aquela pessoa sabia ligar-me a uma disciplina, a um sacrifício, com o simples dom de si. [...] O dom dela alçava-me para a intuição de novos deveres, tornava-os para mim *corpo* na minha frente” (C. Pavese, *Il mestiere di vivere*. Torino: Einaudi, 1990, p. 34).

¹¹¹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 66.

¹¹² “Ao Senhor não só devemos pedir piedade, mas também é necessário dirigir a Ele todo o nosso afeto: assim amaremos a nós mesmos por causa d’Ele” (São Bernardo, *Sermonil/III: diversi e vari*. Scriptorium Claravallense. Milano: Fondazione di Studi Cistercensi, 2000, p. 159).

¹¹³ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 67-68.

¹¹⁴ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus Christus vivit*, §1.

causa dessa Presença que eu não sou determinado, em última instância, pelas minhas faltas, pelo meu fracasso, pela minha incapacidade, pelo meu mal. Participar da realidade humana em que Cristo se faz presente responde ao niilismo que temos em nós, a toda a falta de confiança, a toda a percepção da nossa incapacidade, mais do que mil discursos, mais do que mil conversas entre nós, mais do que mil projetos. Um fato, isto é o cristianismo! Não as discussões entre nós, não as nossas tentativas, mas um fato, com uma evidência inevitável.

É justamente a certeza da Sua presença, que se chama «fé», o que nos dá uma capacidade inesgotável de estar diante de tudo. Por isso, a única moralidade verdadeira é a pobreza de espírito de quem reconhece um fato, é a simplicidade de coração, porque os discípulos jamais teriam sonhado aquilo, não poderia passar nem perto da cabeça deles que pudesse acontecer uma coisa como aquela que viram na frente dos próprios olhos depois que O depuseram no sepulcro: vê-Lo vivo!

De quem podemos dizer: «Estás sempre comigo»? «Eu sei, meu amor, / que nem chegaste a partir / pois tudo em meu redor / me diz que estás sempre comigo.»¹¹⁵ Vejam bem, reconhecê-Lo presente não é mecânico, implica uma luta entre a experiência que fazemos e o mundo que não O conheceu, entre a experiência que os discípulos fizeram com o Cristo ressuscitado e todo o falatório que se espalhou em torno das mulheres: «São loucas! São loucas!». Podem dizer a mesma coisa de nós: «São loucos!».

O verdadeiro desafio para a razão e a liberdade de cada um de nós está nesse reconhecimento, portanto não há decisão maior do que a fé. Não viemos aqui para encher nossa própria bola – como dizem –, achando que encontramos o que resiste ao impacto da passagem do tempo como que por magia, como se o tivéssemos tirado da cartola. Não, estamos aqui para ir a fundo no que nos aconteceu. E nós só vemos até o fundo o que encontramos, só damos razão realmente da experiência que fazemos – cada um de vocês diga se não é assim – na medida em que reconhecemos Cristo em ação no meio de nós. Pensemos a respeito: cada um de nós teria que apagar todos os sinais da novidade que encontra em si, se eliminasse o fato de Cristo ressuscitado, presente e vivo na comunidade cristã.

Mas, uma vez que O reconhecemos vivo, presente, como é que eu poderia levantar-me de manhã sem desejar reconhecê-Lo mais uma vez, sem desejar tê-Lo sempre no canto dos olhos? Coloquemo-nos por um instante no lugar dos discípulos: depois de tê-Lo visto vivo, como é que poderiam levantar-se na manhã seguinte para irem pescar, para irem como São

¹¹⁵ *Barco Negro*, música de Caco Velho e Piratini e letra de D. Mourão-Ferreira.

Paulo pelo mundo a comunicar Cristo, para irem fazer as coisas normais (como para nós seria pegar um ônibus ou arrumar a casa), sem carregá-Lo no olhar? Eles não podiam evitar ser investidos pela presença d’Ele. Por isso, a existência cristã, para quem O reconheceu e O reconhece, é resumida nestas belíssimas palavras de São Paulo, tantas vezes ouvidas: «Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim». ¹¹⁶ Esta é a verdadeira mudança: eu vivo investido por aquela Presença; não sou definido pelo meu esforço de mudar, mas pela consciência do que aconteceu na minha vida. Relaxem, amigos, não somos nós que temos que “resistir”, não é o nosso esforço o que sustenta tudo. Não, não, Ele ressuscitou, e não somos nós que temos que sustentar a Sua ressurreição. É o contrário: é Cristo ressuscitado quem sustenta a nossa vida. E só porque reconhecemos a Sua ressurreição é que relaxamos, é que a angústia e o estresse deixam de prevalecer. Então começamos a mudar, toda a vida começa a mudar, quase sem nos darmos conta, sem querer: simplesmente identificamos em nós dinamismos que não são nossos, surpreendemo-nos diferentes.

A experiência do reconhecimento de Cristo, então, traz consigo mais um passo: além do reconhecimento, «a permanência do reconhecimento. Como se chama? Memória. De fato, o que é que Cristo pediu? A memória. Pediu a memória de si: “Fazei isto em memória de mim”. O que é “isto”? Tudo!». É a memória, o «reconhecimento permanente» da Sua presença, a «verdadeira duração da nossa pessoa. Se o reconhecimento é o conteúdo fascinante da nossa pessoa, se o reconhecimento de Ti, ó Cristo, é tudo o que eu sou como consistência, a permanência desse reconhecimento constitui – constitui! – a nossa pessoa como duração». ¹¹⁷

Claro, alguém ainda pode fazer sua objeção: «Como se faz para resistir?». Mas a objeção é radicalmente minada: «“A resistência já está dada” [não é você quem tem que resistir] [...], porque a resistência é Cristo», ¹¹⁸ é Ele quem resiste, e resistindo permite que você também resista. De novo, é o contrário. E descobrir isso é profundamente libertador.

4. Um lugar que é caminho

Para manter viva essa memória, é-nos dado um lugar: «O lugar onde essa memória surge [...], a fonte dessa memória, ou o lugar onde o reconheci-

¹¹⁶ Gal 2,20.

¹¹⁷ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 68.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 69.

mento é solicitado e continuamente lembrado, é o sinal dessa vitória de Cristo na história, é a comunidade viva, a companhia nova, homens que estão juntos porque Cristo existe». ¹¹⁹

Se quisermos durar, se quisermos perdurar no tempo, só conseguiremos no único lugar que resiste. O que segura não é o nosso esforço. Portanto, ressalta Dom Giussani, trata-se de «frequentar o sinal da vitória de Cristo!», ou seja, uma companhia dentro da qual Ele está, «Aquele que está entre nós». ¹²⁰ Então o nosso dever prático é frequentar o sinal dessa vitória, assim como os discípulos iam procurá-Lo no dia seguinte, e no dia seguinte, e no dia seguinte de novo, justamente por terem consciência de que, se não O encontrassem com frequência, a novidade encontrada se afastaria com o tempo, se tornaria ineficaz.

«Caro padre Carrón, quero contar-lhe um fato que me aconteceu. Preciso começar do 1^a de maio de 2012, com a sua carta ao jornal *la Repubblica*, ¹²¹ na qual – ao meu modo de ver – você assumia distância de pessoas do Movimento envolvidas em investigações judiciais. Eu desprezei aquela carta. Pensei que um pai não escreve assim de seus filhos, pensei que Dom Giussani jamais escreveria nada do gênero. Meses mais tarde, eu também fui envolvido numa investigação, e da noite para o dia a minha vida mudou: perdi o trabalho e passei por todas as dificuldades que nascem nessas circunstâncias. Mesmo no aperto, desde logo me acompanhou a ideia de que o que acontece é para a mudança da pessoa, e além disso Deus não me deixou faltar o essencial: a companhia verdadeira e profunda da minha mulher, a ajuda e o sustento inclusive material dos amigos. Mas eu estava desorientado: a minha vida de antes (de trabalho e pública) não existia mais, e o meu grupo de Fraternidade se dissolveu; alguns aspectos importantes de vinte anos de vida precedente foram postos em discussão, e o meu interesse pelo Movimento teve baixas históricas: tudo parecia complicado, pouco compreensível, longe de mim. A necessidade de resposta me levou também a circunstâncias que não pertencem à minha história: estive em Medjugore, rezei como nunca tinha feito antes na minha vida e, ao mesmo tempo, percebia no meu “recomeço” uma incompletude. Depois minha mulher, por motivos de trabalho, ficou amiga de uma pessoa do Movimento que conhecíamos mais ou menos de vista. Foi como um furinho numa barragem, que depois vai se alargando, até fazer a estrutura toda ceder. A novidade começou novamente a abrir

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ *Ibidem*.

¹²¹ J. Carrón, “Carrón: da chi ha sbagliato un’umiliazione per Cl”. In: *la Repubblica*, 1 mai. 2012, pp. 1 e 11.

caminho, atravessando a carne, e eu – mais do que me lançar – não me opus. Não bruscamente, mas de maneira lenta, natural, quase mal perceptível, e até com algumas reservas, descobri em mim esta mudança, este ser novamente agarrado. Quando, por ocasião da dolorosa condenação de Roberto Formigoni, saiu o comunicado de imprensa de CL,¹²² eu achei maravilhoso; e achei ainda mais bonito o artigo publicado em *Avvenire*¹²³ que comentava o comunicado, definindo-o como “infinitamente cristão”. Entrei em casa, minha mulher estava ocupada, mas trocamos um oi e eu lhe disse de pronto o quanto eram bonitos o comunicado e o artigo, depois me sentei à mesa e, enquanto eu estava comendo, ela me mandou uma mensagem de *WhatsApp*: era uma carta de Carrón, que parece explicar e motivar o comunicado de imprensa. “Essa me passou batida”, pensei; era uma carta que parecia “explodir” o comunicado, mais analítica, mais completa. Li-a inteira e cheguei ao fim: não era de hoje, era de 1º de maio de 2012. Era a carta que há quase sete anos eu tinha desprezado. E agora, enquanto escrevo estas linhas e releio a sua carta de sete anos atrás, gostaria de registrar aqui todas as frases que me descrevem, mas é impossível escolher, porque a sua carta inteira descreve estes meus anos de renascimento; na minha experiência, a carta toda responde à sua pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”.»

Basta um furinho na barragem e começar a seguir.

Você não quer perder o que encontrou? Você sabe onde o encontrou e então sabe para onde pode voltar, porque está te esperando. Não é a vitória da sua tentativa, porque a sua tentativa é enganadora – como a minha –, não é capaz de resistir, não é capaz de perdurar. Desta forma, não percamos tempo atrás dos nossos esforços. Quer resistir? Olhe para onde você reconhece algo que resista. Se você o encontrou no Movimento, por uma diversidade no jeito de estarem juntos, pela capacidade que tem de te recuperar, pelo poder de persuasão com que te fez descobrir a fé, então o método para perdurar é o compromisso com o Movimento, com esta companhia, sinal da presença d’Ele para você. A fidelidade é a Ele, através da fidelidade a esta companhia.

Dom Giussani disse em 1989 – vocês o encontram no último livro dos Exercícios, *A verdade nasce da carne* –, que a nossa companhia «tem esta função capital e imediata para cada um de nós. O Senhor é grande, poderia ter estabelecido milhões de outras formas, e de fato a Igreja está cheia da riqueza dessas formas diversas: nós fomos tocados por esta forma. Não nos houvesse tocado assim, não seria necessário o que existe entre nós: ten-

¹²² “Formigoni. Nota de Comunhão e Libertação”. O comunicado de imprensa de CL sobre a condenação de Roberto Formigoni, 22 de fevereiro de 2019, portugues.clonline.org

¹²³ M. Leonardi, “Ma non si è figli perché non si sbaglia”. In: *Avvenire*, 26 febbraio 2019.

do sido alcançados desta maneira, o Movimento é necessário, e abandoná-lo, esmigalhá-lo, esquecer-lo, não utilizá-lo é trair a Deus. Não se pode dizer: “Tu, Senhor, vieste a mim por este caminho, mas eu vou a Ti por outro”. Não! Logo, é por meio desta nossa companhia e amizade, por mais frágil que possa ser, que nós vamos até Ele. Meu Deus, eu queria poder caminhar com cada um de vocês e nem sequer sou capaz, não tenho sequer a energia e o tempo para responder a todas as cartas! E vocês têm que me perdoar, porque juro que o coração é diferente do que tem parecido deste jeito. Ajudemo-nos: este é o caminho pelo qual o Senhor nos chama para Si, para a vigilância; um caminho tão frágil, um caminho tão discutível sob tantos pontos de vista, mas é o instrumento pedagógico, a modalidade educativa que o Senhor preparou para você. Caso contrário, se eu não estivesse convencido disto, vocês realmente acham que eu aceitaria estar aqui falando? Pelo amor de Deus, eu pensaria em mim mesmo e me retiraria para rezar!».¹²⁴ Imaginem como foi libertador para mim, que estou aqui no palco falando a vocês, ler essas palavras de Dom Giussani!

5. «O peso cultural da nossa mudança»

Quando uma pessoa vive o chamado à memória no lugar que Cristo escolheu para envolvê-lo, então fica cheia de energia para recomeçar sempre, indomável. Como aconteceu aos discípulos. Eu posso errar mil e uma vezes, mas retomo continuamente e posso comunicar aos outros uma novidade, posso convidar os outros a participar da nossa vida; muitas vezes vão dizer-me não, mas eu retomo constantemente, porque não dependo da reação deles. «Essa indomabilidade, fácil como reconhecer e abraçar e beijar o rosto da própria mãe, é realmente experimentar em si a vitória sobre o tempo, é a reverberação em mim mesmo da vitória sobre o tempo que Cristo ressuscitado representa.» Essa indomabilidade surpreendente é o sinal em mim, em você, agora, não só no último dia, mas na história, na confusão atual, da vitória de Cristo sobre o tempo, da Sua ressurreição. «Então a pessoa arrisca a própria energia na proposta, na proposta a si mesmo e aos demais. Por quê? Porque essa vitória é realização do humano.»¹²⁵

Uma de vocês escreveu:

«Há cerca de dois meses, na escola em que trabalho há quase dois anos, morreu de repente um aluno nosso. A dor e o desconcerto por esse fato geraram dinâmicas e diálogos inesperados. Em particular, com um colega

¹²⁴ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, op. cit., pp. 239-240.

¹²⁵ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 70.

com quem desde logo eu percebi uma forte sintonia, houve um verdadeiro “encontro”. Já adianta que ele se define ateu e detesta tudo o que tem a ver com a Igreja. Num dos momentos mais dolorosos devido à perda do nosso aluno, ele me confessou que se sente insatisfeito e que há muito tempo tenta aplacar a inquietude que o acompanha. Ele acrescentou que se sentia inadequado em relação aos pedidos de ajuda dos nossos jovens e que, no entanto, para mim não era assim. De fato, afirmou: “Você fica à vontade com todo mundo. Quando está com outra pessoa, você a acolhe até desaparecer, a ponto de o outro tornar-se o centro”. Em seguida acrescentou: “Você está presente. Sempre. Mas também está sempre em outro lugar”. Por fim, concluiu dizendo-me que percebe que sou “completa, plena”. Decidimos encontrar-nos para conversar com calma, porque ele quer entender melhor o que é para mim esse “outro lugar” que ele viu».

A realização do humano. «Esse é o peso cultural da nossa mudança.»¹²⁶ Essa é a nossa contribuição para o mundo: enquanto a maioria está desorientada e vive no caos, de modo que alguém como Ulrich Beck, após ter dedicado toda a vida a estudar a sociedade, precisa concluir que não entende mais o mundo,¹²⁷ nós – pela graça que temos recebido e recebemos todo dia – não estamos desorientados, assim como os discípulos no meio do caos do Império Romano não estavam desorientados. Este é o peso cultural do que nós carregamos, o alcance cultural da proposta com que encaramos a história e o colapso de tudo. Todas as formas que aguentaram até hoje podem desmoronar, mas a nossa vitória não se identifica com a permanência de determinadas formas e o apego a elas. Por isso podemos recomeçar, da mesma forma como os primeiros cristãos recomeçaram depois da queda do Império Romano; os bárbaros vieram, mas os cristãos recomeçaram, e em grande estilo. Mesmo com tudo desmoronando, isso não os fez desabar, pois seu fundamento não estava assentado naquele mundo que estava se desintegrando. Nós também estamos num momento de passagem, de turbulência, e nós também podemos desafiar esta situação com uma proposta cheia de significado.

«A experiência da mudança é» – consiste, nasce, floresce – «no reconhecimento de Cristo»: a nossa fé é na presença de Cristo que nos muda, porque «Ele permite que o mundo volte a ser verdadeiro vencendo o mal, pois

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ “O mundo está fora dos eixos. Muitos já pensam isso. Vagamos sem meta, confusos, discutindo a favor e contra isto e aquilo. A maioria das pessoas concorda com uma frase, além de todos os antagonismos e em todos os continentes: ‘Eu não entendo mais o mundo’” (U. Beck, *La metamorfosi del mondo*, Laterza, Bari 2017, p. XIII).

o mal é o não humano, é a não verdade», vencendo sobre o que passa e não dura. E assim começamos a participar da Sua vitória, do cêntuplo experimentável neste mundo, de uma letícia, de uma paz, de uma alegria, de uma energia pela qual perguntamos espantados: «De onde é que me vem tudo isso?». Precisamos entender bem de onde nos vem, senão por que teríamos que voltar para cá? Vem-nos de Cristo vivo. «A contemporaneidade de Cristo na história é uma promessa para o presente, é um cêntuplo experimentável, embora sempre diferente do imaginável. Quanta gente vem me dizer: “Mas o cêntuplo não está aqui. Onde está o cêntuplo?”. Claro, se você pensa nele de acordo com a sua imagem, então já não é novidade, e você volta a repropor os termos da sua falta. A redenção é um cêntuplo experimentável, mas sempre diferente do imaginado, sempre.»¹²⁸

Se eu mesmo imagino a minha mudança, penso por exemplo: «Com tudo o que escutei nestes dias, quando voltar para casa não vou mais poder me irritar»; e aí acontece que me irrita logo depois de vinte minutos, e isso basta para pôr em discussão tudo o que vivi aqui.

Só que a minha mudança verifica-se no tempo, conforme uma medida que não é a minha. É uma mudança real, até os outros a veem. Chegar a todos os terminais da vida – como todos nós desejamos – é uma questão de tempo. Mas a origem da mudança existe, já aconteceu, é um dado de fato, é uma Presença viva, experimentável agora. E nós esperamos que se espalhe para toda a nossa vida, de modo que qualquer coisa que tocarmos possa ser investida por essa novidade que alcançou a cada um de nós.

No começo da palestra, começamos falando da constatação de uma mudança e dissemos de vários jeitos: «“É preciso procurar o que está de baixo, a raiz, a razão daquilo que fez com que a nossa companhia, a nossa amizade desse os resultados que deu, humanos”». Como quer que seja, é participando deste sinal, é frequentando este sinal que nós seremos continuamente chamados a esse reconhecimento e a essa memória ou reconhecimento duradouro, reconhecimento e memória da Presença que é a raiz, que é a nascente do fato de nós, desconhecidos, sermos irmãos e amigos, e do fato de nós, pobres, sentirmos estranhamente uma riqueza arder em nós – estranhamente, porque não é de acordo com os nossos planos, de acordo com os nossos projetos».¹²⁹

Concluo lendo um testemunho:

«Caro padre Carrón, no ano passado, voltando dos Exercícios descobri que estava grávida. Desejávamos ter um segundo filho, mas já nos

¹²⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 70-71.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 71.

sentíamos agraciados por ter tido a primeira menina, nascida depois dos médicos terem dito que era altamente improvável para nós ter filhos naturalmente. Mas em maio do ano passado veio a segunda gravidez. Desde o início ficou claro para nós que se tratava de uma iniciativa do Mistério em relação a nós que nos impressionou e comoveu profundamente. Além disso, ocorreu num momento particular: havia pouco mais de um mês, meu marido tinha perdido o trabalho, e assim começamos a encarar o problema do desemprego. Durante a primeira consulta tudo estava “perfeito”, os meus valores estavam ótimos, o feto estava corretamente implantado e até conseguíamos ouvir seu coração bater. Parecia que tudo correria muito bem. Mas depois percebi que algo não estava bem, fui com meu marido ao pronto-socorro para verificar e descobrimos que a gravidez tinha sido interrompida algumas semanas antes. Abortei espontaneamente em casa no mesmo dia. Nos dias seguintes muita gente tentou me consolar com algumas palavras. Eu percebi toda a minha impotência diante do que estava acontecendo, pela minha vida e pela do meu filho. E também me dei conta de que eu experimento essa mesma impotência, se eu for leal, na relação com minha filha. Mesmo podendo cuidar dela concretamente, não consigo acrescentar nem um segundo à sua vida. O que preenche cada instante de significado? O que resiste ao impacto da passagem do tempo? É só uma Presença, real e concreta. Não uma ideia ou uma dedução lógica, mas uma Presença ocorrida, um Fato, incontroverso, que nenhuma circunstância adversa pode negar ou desmentir. Sois Vós, ó Cristo, o único que resiste ao impacto da vida. Sem esta companhia, porém, Cristo teria permanecido um mero nome para mim, não teria se tornado uma Presença segura; e, principalmente, este é o único lugar que me permite manter vivas as perguntas, sem as calar com uma frase circunstancial, mantendo-as numa profundidade realmente interessante. Na experiência do aborto, ficou mais claro para mim o que quer dizer que a relação com o Mistério é pessoal. Surgiu como uma solidão diante do que aconteceu, brotou a evidência de que não posso delegar a ninguém, nem sequer à companhia, a minha resposta a Cristo. Estou eu diante do Mistério, e estou sozinha nessa relação. Mas foi justamente o aparecimento dessa solidão que me mostrou o valor que essa companhia tem no meu vínculo com Cristo. Os amigos não têm a tarefa de me consolar ou me seguir, não são capazes de trazer meu filho de volta e não é estarmos juntos o que afasta de mim os problemas ou o medo. Mas eu preciso de um lugar assim que me mantenha ou me recoloque na posição correta, que não me deixe perder as perguntas que a realidade provoca. Esta história, os rostos, o trabalho e os gestos deste caminho veiculam a relação com Ele e com o tempo a tornaram familiar. “Ninguém

deixa de temer só porque alguém lhe diz ‘Não temas!’. É preciso que tal presença – de Deus – tenha entrado nas entranhas do seu eu e se trate de uma presença que se demonstrou crível dentro de uma história. Só uma história vivida pode constituir, com efeito, a base adequada da confiança. Tudo o que Deus fez e faz é ‘para que saibas que eu sou o Senhor’ e possas confiar n’Ele” (*Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?*, Exercícios da Fraternidade de 2018, p. 26). É esta a história que tornou Deus uma presença crível na qual eu posso confiar e que desafia o tempo e resiste a ele. Qualquer coisa que Ele faça».

Para acabar, vamos escutar *Cristo al morir tendea*, pois é o diálogo com essa Presença que determina a vida; ao escutá-la, sentimos como dirigida a cada um de nós a pergunta: «Vós o deixareis por outro amor?».

Canto: *Cristo al morir tendea*.¹³⁰

¹³⁰ «Cristo estava indo morrer, e Maria dizia aos seus mais queridos: “Ora, se para vos levar ao céu Ele dá a alma e o coração, vós o deixareis por outro amor? / Ele sabe muito bem que fugireis, tomados por grande temor e que por fim vos escondereis: e Ele como cordeiro que silencia e morre, sangrará por vós, por causa de seu grande amor. / Portanto, meus queridos, se ele em cima da dura cruz, nas mãos de iníquos e réus, dá seu sangue, a alma e o coração para salvar-vos, vós o deixareis por outro amor?”» (Fra Marc’Antonio da San Germano, “Cristo al morir tendea”. In: *Canti per la Settimana Santa*. Milano: Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2007, pp. 50-51).

Domingo, 14 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Sonatas para piano e violino K 304, 376, 378, 301

Clara Haskil piano, Arthur Grumiaux violino

“Spirto Gentil” n. 46, Philips

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Este ano também chegaram inúmeras perguntas, mais de mil e trezentas que, junto com as duas mil em cartas e e-mails enviados em resposta ao convite representado pela provocação de Carrón, representam um bom número. É um indício, junto com outros muitos fatores, do fato de que cada vez mais este é um gesto realmente participado, no qual não nos limitamos a assistir, mas que cada um contribui para construir com a própria presença. Nos Exercícios, aliás, entende-se bem o que é um gesto – palavra que deriva do latim *gerere*, que significa carregar –: um fato que carrega um significado. Nós viemos aqui para descobrir esse significado. É essencial para a nossa educação de adultos, porque o adulto – quanto mais avançamos, mais nos damos conta – precisa ser educado mais do que nunca – tanto quanto ou até mais do que um jovem – para descobrir a si, para descobrir o próprio rosto humano. Então, sendo assim, este gesto compromete inteiramente a nossa humanidade. Pois bem, isso está muito refletido nas perguntas que vocês mandaram, porque, além do pedido para compreenderem as palavras que Julián nos disse estes dias, há também a tentativa cordial de uma verificação em relação à experiência que fazemos na vida cotidiana e às provações que somos chamados a enfrentar.

Somos vinte e dois mil aqui, e somos parte de uma companhia segura. Mas eu tenho que dizer que, já desde a primeira noite, o silêncio que todos pudemos experimentar e que nos acompanhou nestes dias – um silêncio assombroso, sob um certo ponto de vista, em se tratando de tantas pessoas, e pelo que me lembre foi um silêncio mais intenso do que das outras vezes – é o sinal de que dentro desta companhia segura cada um de nós está aqui por si, pelo reconhecimento de uma solidão última, uma solidão boa, perante o Mistério.

Isto nos introduz à primeira pergunta.

«Tendo escutado o último testemunho da palestra da tarde, o que quer dizer estar sozinho diante do Mistério e ainda assim precisar de um lugar? E como é possível aprofundar a relação com Cristo numa situação de solidão, quando você não tem a possibilidade de encontrar com frequência as pessoas que são para você o sinal da vitória de Cristo? Não entendo bem se o aprofundamento da relação com o Mistério é uma questão de frequentar uma companhia viva de homens ou uma questão que se joga no nível pessoal.»

Julián Carrón. A primeira questão, a meu ver, é entender a natureza da solidão. Muitos anos atrás na Espanha, quando li pela primeira vez os passos de experiência cristã, impressionou-me imediatamente a maneira com que Dom Giussani abordou o problema da solidão: «Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos, nem o podem os outros, homens como nós. [...] É este sentimento de impotência que gera a solidão». Então, diferentemente de como tantas vezes pensamos, «a solidão verdadeira não provém do fato de se estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros». É o que disse o testemunho que citamos ontem: ninguém pode trazer de volta àquela mulher o filho que ela perdeu. Por isso, «pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade. Pode entender bem isso quem acredite ter encontrado a solução de uma grave necessidade sua em alguma coisa ou alguém: e isto desaparece, escapa-lhe, ou se revela incapaz». Consequentemente, se pusermos a esperança nisto ou naquilo, nesta ou naquela pessoa, ficaremos decepcionados. «Estamos sozinhos», continua Giussani, «com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém. E não será certamente o homem a trazer a solução; pois o que tem que ser resolvido são justamente as necessidades do homem».¹³¹

É só essa consciência que nos deixa na condição de entender a natureza da nossa solidão. Se a reduzimos ao fato de estarmos sozinhos fisicamente, podemos resolver o problema de muitos jeitos. Mas, se a verdadeira solidão é a gerada pela impotência diante das nossas exigências últimas, da

¹³¹ L. Giussani, “Passos de experiência cristã”. In: Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., pp. 105-106.

nossa necessidade de sermos e de nos realizarmos, da qual muitas vezes não nos damos conta, então a questão é o que é capaz de vencê-la, pois não conseguimos responder à nossa necessidade profunda de ser por nós mesmos e tampouco juntos.

O filho pródigo achava que conhecia a si mesmo, à natureza da sua necessidade, e então pensou em resolver a questão indo embora de casa com sua parte da herança. Mas a presunção de se virar sozinho revelou-se logo em sua mentira: a certa altura entendeu que precisava de algo mais, que não podia dar-se por conta própria. Só quando descobrimos realmente quem somos, o tamanho das nossas exigências, é que podemos dar-nos conta do que é capaz de responder a elas. Por isso sempre me marcou – repeti em diversas ocasiões – a famosa frase de Chesterton: «O problema dos nossos sábios não é que eles não consigam ver a resposta; é que eles não conseguem sequer ver o enigma»,¹³² isto é, não entendem o problema, não compreendem de que se trata. Daqui nasce a nossa presunção de nos virarmos sozinhos. No entanto, quando uma pessoa identifica a origem da sua solidão, e portanto da sua impotência, entende que a esse problema só pode responder um outro, diferente de nós, maior do que nós, alguém à altura da nossa exigência humana. É por isso que Cristo veio! Ele é o único que pode vencer a nossa impotência.

Falta ainda a segunda parte da pergunta, sobre o nexos entre frequentar uma companhia viva e a relação pessoal com o Mistério. Quanto a isso é essencial notar qual é a consciência que o próprio Cristo tem de si: Ele se concebe como relação com o Pai, como «o enviado do Pai» («Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas no Pai que me enviou»¹³³); e a sua missão é introduzir o homem, cada um de nós, na relação definitiva com o mistério de Deus, do Pai, do qual tudo recebe a consistência, do qual a minha vida depende neste instante. Se Cristo tenta atrair-nos para si, é só para nos introduzir na relação com o Pai («manifestei o teu nome aos que, no mundo, me deste»¹³⁴). Mas esse remeter a Outro é o que também define a Igreja, nós, que fomos agarrados por Cristo através de um encontro e estamos aqui: «Como o Pai me enviou, eu também vos envio».¹³⁵ Dom Giussani testemunhou-nos isso com sua vida. Celebrando seu funeral, o cardeal Ratzinger ressaltou: «Tendo guiado as pessoas, não para si, mas para Cristo, ganhou os corações,

¹³² G. K. Chesterton, *Ortodoxia*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 55.

¹³³ Cf. Jo 12,44.

¹³⁴ Jo 17,6.

¹³⁵ Jo 20,21.

ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu». ¹³⁶ Giussani não nos ligou a si, mas nos levou a Cristo.

Portanto, o que Dom Giussani sempre nos propôs foi, sim, um lugar, frequentar um lugar – a companhia, a Igreja –, mas pelo propósito pelo qual existe: tornar Cristo experimentável, introduzir-nos na relação pessoal com Cristo e, por meio d’Ele, na dependência reconhecida do Pai. Até mesmo um ateu, quando encontra algum de nós, por meio de nós é remetido a um «outro lugar», como dizia a carta da nossa amiga que citamos ontem, ou seja, a algo diferente, maior do que nós, que é a profundidade do que vê. Se somos convidados a frequentar um lugar é para sermos postos na relação com Aquele que o gera, o único que pode responder à nossa necessidade de vida. Mas, se não «vemos o enigma», se não temos uma consciência viva da nossa exigência, não podemos nem sequer abrir-nos a reconhecer Cristo e não entendemos a natureza mesma da nossa companhia. Por isso muitas vezes ficamos decepcionados.

Prosperi. Uma das passagens que suscitou mais questionamentos foi aquela em que você, contando o episódio do Inominado de Manzoni, nos fez a pergunta: «Quem é o nosso cardeal, o cardeal de cada um?». Isso trouxe o tema da autoridade na nossa vida. Entre as muitas perguntas recebidas, vou formular a questão assim.

«Você pode esclarecer por que a autoridade é o modo com que o Mistério nos alcança? O que é e quem é autoridade?»

Carrón. Quando abordo tal questão, sempre penso, de novo, em outro trecho de *Passos de experiência cristã*, no qual Dom Giussani nos introduz no entendimento da natureza da autoridade e seu surgimento originário. É daqui que precisamos começar toda vez.

Depois de ter esclarecido o significado da solidão, isto é, a sensação de impotência, e ter abordado o tema da comunidade, concentra-se na autoridade. E como ele a descreve? «No ambiente em que vivemos [na comunidade em que estamos, conscientes da nossa impotência] existem, de fato, pessoas que têm uma sensibilidade maior a uma experiência de humanidade, que desenvolvem, *de fato*, uma compreensão maior do ambiente, que provocam, *de fato*, mais facilmente um movimento de comunidade. Elas vivem a nossa experiência mais intensamente, com maior empenho; cada um de nós se sente mais bem representado nelas, com elas nos sentimos

¹³⁶ J. Ratzinger, “Homilia no funeral de Dom Giussani, Milão, 24 de fevereiro de 2005”. In: A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 1219.

muito mais à vontade, lado a lado com os outros, em comunidade. Reconhecer esse fenômeno é lealdade para consigo mesmo e para com a própria humanidade: é um dever de sabedoria. Porém, o encontro com alguém que sente e compreende mais a minha experiência, o meu sofrimento, a minha necessidade e a minha espera leva-me naturalmente a *segui-lo*, a tornar-me seu *discípulo* por aquela humanidade que, ao nos descobrirmos impotentes e sós, nos impele a nos reunirmos. Neste sentido, tais pessoas constituem naturalmente para nós uma *autoridade*, mesmo que não sejam investidas de direitos ou títulos.»¹³⁷ Não é principalmente uma questão de papéis, aos quais muitas vezes reduzimos o problema da autoridade. O ponto é reconhecer as pessoas que me facilitam o crescer e o viver a experiência humana com uma plenitude maior, como eu desejo.

Portanto, «torna-se naturalmente autoridade, em primeiro lugar, quem mais lealmente compreende ou vive a experiência humana. A autoridade surge, pois, como riqueza de experiência que se impõe aos outros». Uma pessoa torna-se autoridade devido à evidência do que carrega. «Gera novidade, maravilhamento, respeito. Possui uma atração inevitável», como aconteceu com Jesus: «Este sim tem autoridade»¹³⁸ e não como era para os escribas. Assim nasce naturalmente a autoridade, assim renascerá sempre. Por isso é fácil reconhecê-la.

Cada um de nós é chamado a uma lealdade em relação ao que vemos vir à tona na nossa própria experiência. Quem segue as sugestões que a experiência lhe fornece nunca vai ter nenhum problema em identificar a autoridade, nunca vai ter nenhuma dificuldade em identificar seu cardeal, porque será evidente. É diretamente proporcional à consciência da natureza da necessidade: quanto mais uma pessoa é necessitada e consciente da importância dessa necessidade, mais facilmente reconhece a autoridade. O reconhecimento de uma autoridade está estritamente ligado à experiência da própria impotência. De fato, se não é presunçosa, a pessoa dá-se conta da impotência que vive, reconhece-se necessitado, adere mais facilmente a quem lhe testemunha mais persuasivamente a existência de uma resposta e o ajuda a vivê-la.

Ao contrário, se achamos que nos viramos sozinhos, nem tendo a resposta na nossa frente, com toda a evidência possível e imaginável, nós a reconheceremos: como aconteceu aos que estiveram diante de Jesus e não O reconheceram. Por quê? Porque Jesus veio para os pobres, para os doentes,

¹³⁷ L. Giussani, “Passos de experiência cristã”. In: Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., pp. 108-109.

¹³⁸ Ibidem, p. 109.

para os que têm uma lealdade com a própria ferida, com a própria incapacidade estrutural de estar bem resolvido: assim que O veem, aderem a Ele com simplicidade, por um amor a si mesmos e não porque têm que submeter-se a alguma regra; aderem porque não querem perder a vida vivendo.

Dom Giussani explicou-nos as coisas em sua origem: assim tudo se torna definitivamente mais simples. Com efeito, se observarmos como as coisas acontecem na experiência, tudo fica simples.

Durante a Assembleia dos Exercícios da Fraternidade na Espanha, fizeram uma pergunta análoga sobre o tema da autoridade:

«A experiência da correspondência que nasce do encontro que me aconteceu conecta-me à origem, à realidade histórica do Movimento e a quem conduz essa realidade, porque na origem esses elementos estão unidos. Quando eu era estudante, na minha experiência havia essa unidade. Percebo que a única forma para continuar experimentando a correspondência é seguir o lugar onde Cristo me aconteceu. De fato, depois de vinte e cinco anos de Movimento, percebo que quando me separo da experiência da correspondência, quando me separo da minha verdadeira necessidade, da urgência da minha humanidade, das minhas feridas, das minhas exigências, a comunidade e a autoridade convertem-se em algo que já não é constitutivo de mim. Na experiência do encontro, porém, a comunidade e a autoridade são constitutivas da minha pessoa. Às vezes vivi o Movimento como se pudesse vivê-lo ou não, aderir ou não, concordar ou não, com uma posição do tipo “gosto” ou “não gosto” – no mundo contemporâneo, uma vez que somos todos filhos do Instagram, o “curtir” ou “não curtir” é o critério de juízo –. Muitas vezes posso estar em CL e experimentar algum ceticismo; mesmo seguindo CL, posso tornar-me cético. Percebo que o problema está no juízo de correspondência, em seguir a correspondência julgada (a inicial e a atual). E vejo isso em muitos ambientes do Movimento, nos estudantes e nos adultos: pode haver um jeito de estar no Movimento como que separado desse fator originário em que tudo está unido. Na experiência do encontro, a correspondência, a comunidade e a autoridade estão unidas. Queria que você nos ajudasse neste ponto».

Carrón. Parece-me que o que você disse ajuda a compreender claramente o tipo de experiência que cada um de nós faz. Porque é evidente que, quando um desses elementos falta, o tipo de experiência é completamente diferente. Às vezes resolvemos o problema abstratamente e não – como você explicou tão bem – a partir da experiência. Achemos então que a autoridade seja algo acrescentado de fora da nossa experiência. Por quê?

Porque, como você mencionou, nem todas as experiências do cristianismo são iguais. No Por que a Igreja,¹³⁹ Dom Giussani descreve três posturas diante do fato cristão, três métodos para alcançar hoje a certeza sobre o fato de Cristo, das quais derivam consequências diferentes: o método racionalista, o protestante e o ortodoxo-católico. O primeiro considera o fato de Jesus como um mero fato do passado, da mesma forma que outros, ao qual aplicamos as categorias da “razão histórica”. Este método reduz o conteúdo da mensagem cristã – Deus feito presença na história – antes ainda de tê-lo considerado. O segundo reconhece o conteúdo do grande anúncio, mas o restringe a um momento determinado: Deus fez-se presença na humanidade só num ponto, Cristo. Como pode, então, o homem de hoje alcançar a certeza sobre essa presença? Por meio de uma experiência exclusivamente interior, uma iluminação do Espírito. É uma postura que, embora profundamente religiosa, não respeita todos os dados do anúncio cristão. Já o terceiro é coerente com a estrutura do acontecimento cristão tal como este se propôs originalmente: Deus tornou-se em Cristo presença integralmente humana e permanece como tal na história através da realidade da Igreja, a companhia dos que creem n’Ele; o encontro com a Sua presença hoje – um encontro em que estão juntos os aspectos exterior e interior, objetivo e subjetivo – é o método para chegar à certeza sobre Ele.

Os primeiros dois métodos, muito embora contenham elementos de verdade, conduzem a uma experiência totalmente diferente da gerada pelo terceiro. A experiência de uma pessoa para quem o cristianismo não é um acontecimento presente e a quem falta o ponto de referência objetiva dada pela autoridade (protestantismo) é de um tipo totalmente diferente em relação à experiência de um católico. Mas é preciso descobriremos essa diferença na nossa experiência pessoal de comunidade, ou seja, de uma realidade guiada: senão a autoridade sempre nos parecerá algo alheio à nossa fé e, por consequência, o cristianismo estará à mercê de um subjetivismo último, do arbítrio da nossa interpretação. Um mês atrás, uma garota me pediu um esclarecimento sobre o significado da autoridade do Papa. Eu lhe disse: «Mas, se você falar dez minutos com uma pessoa, vai poder entender pelo que ela lhe diz sobre a Igreja se dentro da experiência dela está presente a autoridade do Papa, você não precisa ir falar com o Papa para verificar se o que ela diz da Igreja coincide com o pensamento papal». São suficientes dez minutos para entender se uma pessoa tem em si mesmo o vínculo com a autoridade do Papa. É só ela abrir a boca para percebermos se na sua experiência há o nexos com a autoridade, ou se a autoridade é

¹³⁹ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 27-46.

para ela algo extrínseco, agregado de fora da sua experiência. Dá-se o mesmo na vida do Movimento. Como diz Giussani no primeiro capítulo de *Passos de experiência cristã*,¹⁴⁰ a autoridade é um elemento constitutivo da experiência humana.¹⁴¹ Mas como é que podemos entender se efetivamente é um elemento constitutivo para nós? Pelo tipo de experiência que fazemos. Porque nós trazemos estampado na cara o tipo de experiência que fazemos. «É, portanto, pelo fruto que se conhece a árvore»,¹⁴² ou seja, é pela experiência de correspondência que vivemos que se conhece a verdade do nosso ponto de origem. É um método absolutamente infalível, porque só uma determinada árvore dá determinados frutos; uma árvore diferente não pode dar os mesmos frutos. No meu modo de viver eu testemunho o tipo de experiência que faço na comunidade cristã. Dom Giussani observa que não existe comunidade cristã sem a referência última à autoridade, não existe um carisma católico que não tenha um vínculo último com a autoridade: não é simplesmente um problema teológico, é algo que vai à raiz da nossa experiência cristã; por isso cada um de nós, na forma de viver, canta diante de todos a sua *Traviata*.

Prosperi. Há duas perguntas ligadas entre si.

«O que significa que a experiência implica a inteligência do sentido das coisas e que a realidade não é totalmente conquistada se seu significado não for afirmado?»

«Você disse que podem ocorrer fatos espetaculares, mas nós não aprendemos nada, e que para enxergar a importância do que acontece na vida é preciso seguir a exaltação da “capacidade cognoscitiva da consciência” que o fato mesmo gera. Você pode aprofundar este ponto?»

Carrón. Vamos continuar ligando entre elas todas as perguntas.

Como é que eu percebo que determinada presença é decisiva para a minha vida? Isso acontece porque ela corresponde às exigências da minha humanidade como nenhuma outra. Mas isto implica uma comparação entre a realidade e as minhas exigências, e portanto um juízo da minha razão: «Aqui há algo que finalmente corresponde ao que estou procurando». Para ter a experiência de algo, não adianta só que eu depare com ela, que me provoque

¹⁴⁰ Cf. L. Giussani, “Passos de experiência cristã”. In: Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., pp.108-109.

¹⁴¹ O mesmo também vale no âmbito da experiência cristã: «Não existe versão da experiência cristã [...] que não implique, pelo menos em última instância, [...] essa referência à autoridade» (L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 98). Ver aqui, pp. 19-20.

¹⁴² Mt 12,33.

uma reação, é preciso que eu enxergue sua importância, seu significado, seu nexo comigo. A experiência não se reduz ao contragolpe sentimental das coisas: implica que eu descubra seu significado, senão cedo ou tarde eu as perco pelo caminho. Por isso é preciso que eu entenda o alcance da presença encontrada, que identifique o nexo entre essa presença e a minha necessidade e me dê conta de crescer na relação com ela. Isto é fazer experiência. Se eu não enxergo a pertinência do que me acontece às minhas exigências – por mais estrondoso que seja, como normalmente os fatos nos mostram –, elas são como canhões soltos, porque não as surpreendemos no vínculo que têm com as nossas exigências. Assim, não tendo identificado o significado do encontro, depois de um tempo vamos embora.

Giussani começou tudo sozinho para «mostrar a pertinência da fé às exigências da vida»,¹⁴³ para que pudéssemos entender – entender! – a pertinência do acontecimento de Cristo, do que Cristo nos propõe, do que o Movimento nos propõe, ao nosso desejo humano. Senão tudo fica moralista, vira algo que “tenho que” fazer: já não adiro ao que me é proposto porque preciso fazê-lo, porque o reconhecimento pertinente às minhas exigências, porque me aconteceu a maior coisa que pudesse me acontecer. Se eu não for grato pelo que me aconteceu, o cristianismo torna-se uma imensa complicação, um peso insuportável! Contudo, quanto mais a pessoa entende o alcance disso, mais se apega, mais gruda – Giussani falava de «demãos de cola» a respeito da relação dos discípulos com Jesus – e mais fica agradecida: «Ainda bem que você existe, Cristo. Ainda bem, senão eu ficaria sozinho com o meu nada».

Impressiona-me que, muitas vezes, não prestamos atenção às coisas excepcionais que vemos acontecer entre nós (das quais tivemos um testemunho nas cartas que citei). Como temos lido na Escola de Comunidade, podemos passar na frente da santidade, dos muitos frutos que a imanência na vida da Igreja gera entre nós, e não vê-los, e conseqüentemente não entender a importância deles.

No entanto, para prosseguir à segunda pergunta, quando alguém depara com algo que percebe – diferentemente de todo o resto – como realmente decisivo para si, como cheio de uma promessa para a vida, o que acontece? Acontece que o fato provoca um maravilhamento tão grande, que escancara a sua capacidade de ver, de entender. Por isso Giussani diz que «o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem», vindo ao encontro da nossa impotência, dilata, «exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade

¹⁴³ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 17.

excepcional»¹⁴⁴ diante da qual está situado. Como quando um homem se apaixonava, encontra a presença que o atrai e que o faz ser mais ele mesmo: esse acontecimento escancara seu olhar, sua capacidade de conhecer tudo, sobretudo quem está à sua frente, o valor que essa pessoa tem para ele. E todos nós sabemos o quanto isso é decisivo: se não identificarmos o alcance que tem para a nossa vida a pessoa a quem nos vinculamos, mesmo se a tivéssemos sempre na frente do nariz, seria como se não existisse.

Se isso acontece numa relação afetiva, imaginem em que profundidade pode acontecer na experiência do encontro com Cristo, do qual o enamoramento é só um pálido reflexo. O que é que aconteceu e acontece? Nós o escutamos nos testemunhos: «Eu esqueci muita coisa, mas não aqueles olhos com que fui olhada»; desse momento em diante aquela garota não pôde mais enxergar a si mesma como antes, mudou seu jeito de perceber as coisas. No encontro com Cristo, através das circunstâncias humanas de que Ele se serve para nos conquistar, há uma evidência que nos arrasta, que nos cola e dilata a nossa razão, nos abre para entendermos, para reconhecermos o que nos aconteceu, não num forçamento, como quando usamos uma calçadeira para fazer o pé entrar num sapato muito pequeno, e tampouco numa conclusão lógica, que não interessa a mais ninguém: só é preciso favorecer a ação da presença d'Ele em nós. «O reconhecimento da presença de Cristo se dá porque Cristo “vence” o indivíduo», vence-me, com Sua iniciativa, Sua graça, alcançando-me num encontro humano sem comparações. Por isso, sintetiza Giussani: «Como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, assim vivifica em mim a capacidade de afirmá-lo e de reconhecê-lo em sua excepcionalidade. Assim a minha liberdade aceita aquele acontecimento, aceita reconhecê-lo».¹⁴⁵

Prosperi. «Citando Ratzinger, você disse que “a possibilidade de ‘ver’ a Deus depende da purificação do coração”, da pobreza de espírito. Em que consiste essa purificação? Você também disse que é preciso tornar-se consciente do nexos entre conhecimento e pobreza, e depois que a única moralidade é a pobreza de espírito. Você poderia retomar o nexos entre pobreza e reconhecimento?»

Carrón. Ratzinger observa que os Padres da Igreja evidenciam o nexos entre conhecimento e pobreza e que isto é o que o Evangelho repete continuamente: «Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos

¹⁴⁴ Ibidem, pp. 98.

¹⁴⁵ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 30-31.

céus. [...] Bem-aventurados os puros no coração, pois eles verão a Deus». ¹⁴⁶ O Evangelho não impõe nenhuma outra condição – para conhecer, reconhecer a Deus – além dessa pobreza. Por isso insisti na impotência. Fomos feitos para um destino tão vasto («Fizeste-nos para ti, ó Deus», ¹⁴⁷ diz Agostinho), que não conseguimos atingi-lo com as nossas forças; não conseguimos responder à exigência de plenitude que nos constitui. É por isso que Cristo veio. Veio porque sem Ele nada podemos fazer, mas nada mesmo, para responder à nossa sede de felicidade, de destino. É inútil ficar bravo com a realidade – com a mulher, o marido, o trabalho, as circunstâncias – porque nada pode responder adequadamente à nossa exigência de felicidade: «Tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma», ¹⁴⁸ dizia Leopardi. Por isso é inútil ficarmos bravos com a vida. A única coisa que podemos fazer é esperar que aconteça Quem traz a resposta. Junto com o reconhecimento da própria impotência estrutural e com a consciência de que a resposta só pode vir de Outro, é preciso então ter a simplicidade de coração para reconhecê-Lo e aderir a Ele. «Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará», ¹⁴⁹ o perderá.

Desta forma, a única coisa a fazer diante do dom sem igual da Sua presença é acolhê-lo. Quanto mais conhecemos a Cristo, e reconhecemos o dom que representa para nós, mais nos damos conta de que a nossa primeira e original atividade perante Ele – perante o Ser que se fez companhia na história – é uma passividade: ¹⁵⁰ receber e reconhecer com simplicidade de coração Aquele que vem e continua vindo para nos salvar. Muitas vezes encontro pessoas que vivem o Movimento com uma simplicidade desarmante, que me deixa sem palavras. E gostaria que todos pudessem vê-las. Porque a vida não é um problema de inteligência, é um problema de pobreza, de simplicidade de coração, que nos permite dar-nos conta do que nos aconteceu. É preciso tornar-se cada vez mais criança. Ser criança não é infantilismo, como tantas vezes imaginamos. Na criancinha tudo ainda é espontâneo, mas ainda não está conquistado como consciência. Ser criança depois de adulto, esta é a grande questão! Para nós é quase uma ingenuidade, é quase uma contradição podermos ser crianças depois de adultos. Só que essa é a verdadeira sabedoria, a única sabedoria indicada pelo Evangelho, a que temos que ter se não quisermos perder o melhor.

¹⁴⁶ Mt 5,3-8.

¹⁴⁷ Sant'Agostino, *Confissões*, I,1.1.

¹⁴⁸ G. Leopardi, "Pensieri", LXVIII. In: Idem, *Poesia e prosa*. Organização e notas de Marco Lucchesi. Tradução de Affonso Félix de Souza; et. al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497.

¹⁴⁹ Mc 10,15.

¹⁵⁰ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 157.

Em sua vida terrena, Jesus testemunhou-nos como um adulto pode continuar sendo criança: «Eu sempre faço o que é do agrado do Pai».¹⁵¹ É o que Giussani também nos testemunhou até a morte: encantava-se com tudo, qualquer coisa o exaltava, seus olhos brilhavam como os de uma criança. Sem essa simplicidade de coração perdemos a vida. A nossa vocação é conquistar aquilo para o qual o Mistério nos fez; mas o que Ele nos quer dar, o dom de Sua presença, é tão desproporcional às nossas capacidades e às nossas forças que só podemos ser disponíveis – como crianças – a recebê-lo, a reconhecê-lo e abraçá-lo. E então tudo fica simples.

Prosperi. O que você acabou de dizer sobre a criança, quanto à sabedoria, também vale para a dimensão afetiva, tanto é verdade que na relação com o pai e a mãe, quando essa relação é clara, a criança tem uma certeza que muitas vezes o adulto não consegue ter na relação com a realidade; com efeito, o adulto tende a reduzir a própria experiência aos aspectos psicológicos, a como sente a coisa a partir de si mesmo. A certa altura, você falou sobre a mudança, e aqui entra a pergunta.

«Você pode aprofundar o que significa que o problema é superar uma imagem psicológica da mudança e a nossa tentativa de medi-la?»

Uma segunda pergunta acrescenta uma passagem.

«Você falou da fidelidade como o que produz a mudança, mas disse que ela não pode ser reconduzida a algo de ético, a uma questão de capacidade; mas pressupõe o meu estar presente, o meu movimento, a minha liberdade. Como é que a fidelidade não conflita com esse meu movimento, acabando num esforço ético?»

Carrón. Vamos começar com a segunda pergunta e com o exemplo mais simples, que é apaixonar-se. Apaixonar-se não pode ser o resultado de um esforço ético (senão, se fosse só querer, haveria uma fila de pessoas em busca de alguém que responda ao seu desejo de ser amados), não é algo que nós podemos gerar. Mas, quando acontece, temos que acolhê-lo, a liberdade tem que se envolver. A fidelidade é o envolvimento da nossa liberdade com um fato acontecido, que nós não produzimos, e é continuamente evocada e sustentada pelo reacontecer desse mesmo fato, ou seja, da contemporaneidade de Cristo, como disse na palestra de ontem à tarde.

Passando para a primeira questão, que é um nexos muito estreito com o que acabamos de lembrar, ontem mesmo eu destaquei que a mudança não pode reduzir-se à imagem psicológica dela, a algo que eu posso medir com

¹⁵¹ Cf. Jo 8,29.

a minha régua: eu estava irascível e ainda sou irascível; achei que voltaria destes Exercícios para casa mudado, mas me irritado como antes, por causa do meu caráter difícil, então acho que nada permanece de tudo o que vivi. É essa imagem da mudança que nos paralisa. Sempre somos tentados a identificá-la com um fortalecimento das nossas capacidades, com termos um desempenho melhor, que é o que muita gente procura obter indo à academia.

Não, não é essa a mudança de que estamos falando e de que precisamos. A verdadeira mudança consiste em reconhecer Aquele que responde à nossa impotência. Assim como gerar essa resposta não é uma capacidade minha, não posso gerar essa minha mudança. Trata-se simplesmente, como eu dizia antes, de tornar-se disponível à iniciativa que Cristo tomou para com a minha vida. Então esta é a verdadeira mudança: viver tudo tendo nos olhos aquela Presença, com a consciência da Sua companhia fiel: «Minha atual vida na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim».¹⁵² A mudança é passar da presunção de si para o reconhecimento da Sua presença.

Introduz-se assim, na nossa vida, uma diversidade, uma novidade que os outros notam, mas que não corresponde às imagens que fazemos, que não consiste numa impecabilidade, numa infalibilidade, numa superioridade nossa, como fruto de uma capacidade nossa, mas no reflexo em nós de Quem responde à nossa impotência, da certeza da Sua presença, que pouco a pouco vai entrando nas nossas entranhas. É como uma nuance de letícia, de fecundidade, de positividade, que então lentamente se insinua em tudo o que fazemos, mesmo nós permanecendo frágeis como somos.

Dom Giussani o disse com palavras muito claras: a mudança é o reconhecimento da presença viva que vem ao nosso encontro, não algo que eu meço. Todo o resto vem daí; talvez também aconteça o que você deseja que chegue – por exemplo, a mudança da sua personalidade difícil –, mas não é necessário; e de todo modo acontecerá sempre conforme um tempo e um desígnio que não são seus. E é isso mesmo que tantas vezes nos deixa loucos, por causa da nossa impaciência: gostaríamos de mudar do modo e nos tempos que nós estabelecemos, em vez de simplesmente sermos gratos por Ele existir. É Ele quem nos liberta da medida. Como acontece com a criança: há o pai, há a mãe, não há necessidade de medir. A mudança vai chegar, mas conforme um desígnio que não é o meu.

Prosperi. A próxima pergunta é pessoal; nós a escolhemos porque diz respeito a todos nós, de um jeito ou de outro.

¹⁵² Gal 2,20.

«Tenho vivido o mesmo drama do pai da parábola do filho pródigo na minha família. Mas como foi que aquele pai conseguiu deixar o filho ir e não cedeu à tentação de ir buscá-lo entre as prostitutas e levá-lo de volta para casa? De onde ele tirou a força de realmente deixar ao filho a liberdade de não voltar e então, quem sabe, de nunca mais o ver? O que me interessa agora não é tanto a posição do filho, mas a do pai. Como conseguiu aguardar tão livremente que o filho voltasse, sem raiva? Senão não teria feito aquela festa no seu retorno. Ele viveu de quê na espera? Para mim, parece que não consigo viver com uma falta tão grande assim.»

Carrón. Este é o nosso problema: nós não conseguimos, e por isso jamais nos comportaremos como o pai do filho pródigo. E por que Deus consegue? O porquê enraíza-se na plenitude da vida divina, da relação de amor livre e recíproco entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É para comunicar essa plenitude superabundante que Deus cria um ser, o eu humano, feito à sua imagem e semelhança, ou seja, livre, que reflete originalmente o mistério do Ser uno e trino justamente nessa liberdade. E Deus o deixa livre justamente porque o ama infinitamente, como só Deus pode amar. A parábola do filho pródigo expressa, assim, a verdadeira natureza de Deus: o pai ama tanto o filho a ponto de deixá-lo livre, sabe que sem liberdade seria só um escravo na sua casa.

Dom Giussani formulou frases realmente espetaculares, que talvez convenha ler, úteis para aqueles entre vocês que estão preocupados com a liberdade dos filhos: «Talvez o maior sacrifício para os pais, o maior depois de ver o próprio filho morrer, é ver o próprio filho, que se criou com amor e a quem se deu tudo o que se podia dar, tomar decisões e caminhos ou formular juízos diferentes dos que se consideram corretos. É a coisa mais terrível que nós provamos diante dos nossos jovens na escola. Mas para um pai e uma mãe é cem mil vezes mais claro». Contudo, nessa postura se abriga uma possível tentação, que Dom Giussani quer desmascarar: «O poder sobre as almas: possuí-los para o bem deles; tirar deles a liberdade para garantir a felicidade deles», sempre pelo bem dos filhos, naturalmente! Bem diferente é a perspectiva cristã: «Cristo morreu para deixar a liberdade em nós!». Giussani prossegue: «Quanto mais potentemente se deseja a liberdade dos nossos alunos [ou dos nossos filhos], querendo que alcancem seu destino, [...] mais dolorosa e milagrosamente se aprofunda o respeito da decisão deles, o respeito aos movimentos deles. Não pode haver para eles uma felicidade não escolhida por eles, um destino não reconhecido e aceitado por eles».¹⁵³

¹⁵³ L. Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*. Milano: Bur, 2019, p. 229.

Por isso a liberdade não assume um papel decisivo só no caminho até o destino, mas também na descoberta dele. «É claro – conclui Giussani – [...] que preferiríamos pegá-los pelo pescoço e levá-los para onde têm que ir. Preferiríamos ir contra a liberdade deles, no sentido de liberdade de escolha», devido à ansiedade que nos domina. O que pode aplacá-la? A única coisa que pode aplacá-la e «que nos dá verdadeira paz é que há Alguém [com maiúscula], Outro [com maiúscula], que os quis, que firmou uma aliança com eles, dando-lhes o ser».¹⁵⁴

Diante desses casos familiares de vocês, sempre penso na trepidação de Deus. Se vocês ficam tão trepidantes em relação ao destino dos seus filhos, imaginem Deus, que poderia fazer muitas coisas que nós nem sonhamos e não as faz; que trepidação! Por que ele pode esperar, o que o sustenta? Só a plenitude que Ele vive. Por isso, a única maneira para responder verdadeiramente a essa ansiedade chama-se «virgindade», isto é, uma relação tão poderosa com o Mistério que me torna livre para deixar ao filho sua liberdade. E não porque eu não deseje todo o bem para o filho, mas porque quero que ele alcance seu bem através da liberdade. É preciso que eu tenha tamanha paz, tamanha consciência e certeza de que há Alguém que lhe quer bem, que deu a vida por ele e firmou uma aliança com ele, a ponto de esperá-lo como Ele o espera. Que relação vocês e nós temos que ter com Cristo para podermos educar assim os filhos e os nossos jovens, sem ceder à tentação de nos substituir à liberdade deles!

Isto não quer dizer, então, que não podemos fazer nada. Não é que Deus não tenha feito nada: enviou Seu filho para dar a vida por nós, para possibilitar esta experiência de plenitude. Não mandou Cristo para nos tirar a liberdade, Cristo esperou, como dissemos ontem, que o homem O reconhecesse. E o que é que nós podemos fazer? Aquilo de que mais precisam os filhos: viver diante deles, mais do que só dizer o que têm que fazer. Vivamos diante deles! Ponhamos na frente deles uma tal atratividade que possam ser desafiados pela beleza que veem vibrar em nós, de modo a poderem aderir livremente, não com a calçadeira. Muitas vezes ficamos preocupados com que adiram, mas não com a liberdade deles.

Vocês estão preocupados com seus filhos? Vivam como adultos, testemunhando-lhes toda a atratividade da vida de vocês. É a única coisa que Deus fez: mandou Seu filho para oferecer a todos uma atração tão poderosa a ponto de nos conquistar para Si. Sem isto, só produziremos lugares onde os filhos sufocam, em vez de lugares onde respiram, com o desejo de envolver-se e de participar.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 230.

Durante a Assembleia dos Exercícios da Fraternidade na Espanha, surgiu uma pergunta parecida sobre o papel da liberdade no fenômeno do conhecimento.

«De manhã você disse que a liberdade não é só ir até Deus uma vez que o descobrimos, mas atua na descoberta mesma de Deus. Não entendo, porque parece que a descoberta de Deus seja algo imediato: quando acontece, você O descobre. O que quer dizer, então, que a liberdade atua na descoberta mesma de Deus?»

Carrón. Esse é o problema. Nós não entendemos que na consciência constantemente entram em jogo a razão e a liberdade. N' *O senso religioso*, Dom Giussani coloca três premissas, que implicam três elementos: para conhecer é preciso *realismo* (a realidade tem o primado: é o objeto que determina o método de conhecimento), *razoabilidade* (é preciso um uso adequado da razão por parte do sujeito que conhece) e *moralidade* (é aqui que aparece o elemento liberdade: na posição que o sujeito assume, a liberdade necessariamente entra em jogo).¹⁵⁵ Ele propõe um exemplo que pode ajudar a compreender a nossa questão. Quando Pasteur descobriu o papel dos micro-organismos na medicina, todos os cientistas deveriam ter reconhecido o valor do que ele tinha visto no microscópio – era evidente que tinha tocado uma coisa importante e nova –; mas justo os cientistas mais famosos da época foram os mais ferrenhos opositores daquela descoberta. Por quê? Porque não estava em jogo só a realidade e a razão, mas também a liberdade deles: eles sentiam-se ameaçados em seu prestígio por aquela descoberta.

A liberdade tem um papel decisivo no conhecimento. Todos sabiam que o «cego de nascença» era cego; no entanto depois da cura milagrosa alguns até tentaram demonstrar que não era ele: não estavam dispostos a aceitar o fato acontecido, a liberdade deles recusava-se a reconhecê-lo; não porque não fosse evidente, mas por um fechamento prévio perante ele. Por isso se diz que «o pior cego é aquele que não quer enxergar». O que significa: a liberdade tem um papel capital no conhecimento.

A liberdade não entra em jogo só no caminho até o que descobri depois que o descobri, mas também e principalmente na própria descoberta. Por isso a simplicidade de coração é decisiva no conhecimento. Os casos de Pasteur e do cego de nascença não dizem respeito só ao passado, mas também valem para hoje. Às vezes, com efeito, depois de ter participado de alguns encontros, escutando o relato que alguns fazem deles, eu me digo: será que estávamos no mesmo lugar? Vimos as mesmas coisas? Ou-

¹⁵⁵ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 3-44.

vindo as diversas descrições, parece que não aconteceram as mesmas coisas. Pergunto-me: será porque alguns amadureceram uma atitude crítica mais refinada ou é porque não estão dispostos a ver? Sem uma abertura, sem uma disponibilidade da liberdade, realmente não vemos mais as coisas que acontecem. Nós estudamos isso na Escola de Comunidade: «Pode-se passar ao lado do milagre, do equilíbrio humano, da intensidade da experiência da santidade na Igreja com uma atitude de perfeita alheação»,¹⁵⁶ ou seja, sem ver. Pelo contrário, chega outro alguém e, diante das mesmas coisas, surpreende-se com o que vê. Isso atesta que a liberdade constantemente tem um papel ativo no conhecimento. É decisivo perceber isto, porque, se algo acontece e nós não o reconhecemos (por uma razão qualquer), perdemos o melhor: achamos que nada está acontecendo, sendo que está. Atenção: não é que eu não reconheço porque não acontece. O ponto está exatamente aqui: é porque eu digo que não pode acontecer que, quando acontece, eu não o reconheço, nego que tenha ocorrido, até dizer: o cego de nascença não era cego; Pasteur não viu o que viu. Temos que tomar consciência desse elemento de liberdade. Você diz: mas se uma coisa é evidente, porque precisamos da liberdade? Não, não, calma. Há um elemento de liberdade que atua, que está atuando agora, um papel determinante no meu e no seu reconhecimento do que está acontecendo agora na nossa frente.

Prosperi. «Você falou da verificação como o único caminho da personalização da fé. Por como você fala, é uma coisa entusiasmante, ao passo que muitas vezes entre nós...»

Carrón. É entusiasmante porque a verificação é de Cristo, não das nossas tentativas!

Prosperi. De fato, «muitas vezes entre nós a verificação é vivida como um moralismo, e assim, ao não nos identificarmos, na verdade não verificamos nada além da nossa tentativa, que não pode deixar de nos deprimir...».

Carrón. Perfeito!

Prosperi. «Pode nos ajudar a entender os termos da verificação que você nos desafia a fazer? Se a experiência de Cristo é algo que não tem volta, uma vez que gera uma atração indestrutível da qual não consigo separar-me, por que precisamos de uma verificação? De que se trata?»

¹⁵⁶ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 345.

Carrón. Temos que ver se o que nos aconteceu é verdadeiro em qualquer situação. É esta verificação que nos torna cada vez mais seguros: experimentar que Cristo serve para tudo, que é capaz de responder a tudo, que é verdadeiro diante de qualquer desafio, não só os que pensamos que possa responder, mas a tudo! Quanto maior o desafio, mais fico desejoso de ver como é que Ele vai dar um jeito desta vez. Porque a verificação é de Cristo. Se eu esperar tudo de Cristo, em qualquer situação, quando perco um filho ou quando não tenho um filho, estarei propenso a ver como saberá levar-me à plenitude, sem que se concretize uma imagem de realização que eu tenho. Como vai me levar a experimentar o «cêntuplo nesta vida», não conforme a imagem que eu construí para mim?

Nós achamos que a realização seja apenas o que se encaixa na nossa imagem, que normalmente é a que a mentalidade comum nos fornece, mas ela é sempre minúscula, reduzida demais. Será que estamos dispostos a aceitar o desafio de que Cristo possa realizar-nos de um jeito que vá além da nossa medida? Estamos dispostos a dar-lhe o espaço para que nos possa mostrá-lo? Nós Lhe oferecemos a possibilidade para isso? Só os simples de coração é que podem aceitar o desafio dessa verificação, não aqueles que pensam que ou Cristo se adequa ao que têm na cabeça ou a resposta d'Ele não será real.

Prosperi. As últimas duas dizem respeito à sua insistência no lugar como caminho.

«Pode esclarecer o ponto sobre o lugar que é caminho? Qualquer companhia cristã serve? Ou há uma companhia específica? E quais são seus traços?»

«A nascente da memória é a comunidade viva, homens que estão juntos porque Cristo existe. Mas esse mesmo lugar (as pessoas que o compõem) pode tornar-se objeção. Como vencer essa objeção?»

Carrón. O lugar é aquele que Cristo gerou e gera através daqueles que Ele conquista e que O reconhecem. A questão é se nós estamos juntos por causa de Cristo, porque queremos ir até o destino, que é Cristo. Pergunte-mo-nos: a razão por que estamos juntos é Cristo, ao menos como intenção? Quem de nós quer estar junto para se ajudar a ir até o destino? Quem quer estar junto única e exclusivamente por Cristo? Fazendo-nos esta pergunta, começaremos a ver quem é capaz de realmente fazer-nos companhia. Os traços são claríssimos, qualquer outra razão do nosso estarmos juntos, em última instância, é insuficiente. Isto requer de nós uma lealdade: «Quem são os que me acompanham de verdade? São todos iguais?». Se sabemos

distinguir um médico que responde à nossa necessidade de um que não consegue, como poderemos não distinguir quando uma companhia nos leva ao destino e quando não? Será que precisamos frequentar um curso em Harvard? Não percamos tempo!

É fácil identificar o lugar que é caminho: não se trata de inventá-lo, mas de reconhecê-lo e segui-lo.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Is 50,4-7; Sl 21(22); Fil 2,6-11; Lc 22,14-23,56

HOMILIA DE PE. JULIÁN CARRÓN

Nesta Semana Santa, a Igreja testemunha-nos o método escolhido por Deus para atrair a nossa liberdade sem eliminá-la. «Jesus Cristo, existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo.» O método de Deus é despojar-se até mesmo de seu ser Deus para assumir «a condição de escravo». E assim, aceitando a condição de escravo, depositando-se todo inteiro nas mãos de seu Pai, conforme um desígnio que para Ele também foi dramático, pois passava por Sua entrega e Sua morte, Cristo mostrou-nos qual é o único método que Deus considera adequado para nos atrair: a entrega de Si, um amor até o fim. «Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a própria vida por seus amigos.»

Esse é o amor que Deus coloca diante dos nossos olhos. A Igreja dá-nos toda essa semana para olhá-lo, para que cada um de nós possa ficar abalado com o único método em que Deus acredita, ou seja, Seu amor por nós. Não há nenhuma outra coisa que possa mover realmente a liberdade, que consiga atraí-la, a não ser esta. Isto também indica o caminho a todos nós, que somos chamados a compartilhar o mesmo método na relação com todos os homens, para comunicar a todos o que nos foi dado como graça: uma paixão pelo destino deles, como a de Cristo por nós, um interesse a cada um deles, segundo a modalidade com que Deus se interessou por nós. Essa é a nossa contribuição para o mundo, que não pode ser diferente da maneira com que Deus agiu. Então uma gratidão invade a nossa vida, ao vermos o amor que Deus tem por nós, para que nós também possamos testemunhá-lo a todos, livres de qualquer resultado, como Ele se entregou depositando tudo nas mãos de seu Pai.

AVISO
Julián Carrón

Fundo comum

Sempre é comovente receber as cartas de vocês sobre o fundo comum.

«Para minha grande tristeza, vi a situação dos meus depósitos do fundo comum do ano passado. Tinha e ainda tenho consciência disso. A minha família está atravessando um grave problema econômico. As receitas – já baixas – diminuíram ainda mais, porque o mercado de trabalho do meu marido se restringiu ainda mais e as tentativas de encontrar novos empregos fracassaram. Provavelmente também vamos ter que tomar decisões sobre a nossa casa. Sendo assim, vou cortar pela metade a minha já mínima contribuição ao fundo comum, na esperança de facilitar minha fidelidade ao gesto. Quero continuar firmemente ligada à amizade que me educou e me educa ao sentido da vida.»

Li esta carta para vocês porque o fato de uma pessoa ter a simplicidade de dizer que, não podendo manter o compromisso assumido, reduz a contribuição ao fundo comum, o fato de haver pessoas entre nós que têm essa liberdade revela uma consciência de adultos que sinceramente me enche de emoção.

Entre as contribuições recebidas para a preparação dos Exercícios, impressionou-me a experiência do fundo comum descrita por alguns:

«Quando Dom Giussani lançou a proposta de comprar “tijolos” para comprar o Sagrado Coração e dar uma “casa” ao Movimento, minha mulher e eu, que nunca tivemos a possibilidade de comprar uma casa para nós, fomos fazer um empréstimo no banco».

«Quando a minha empresa faliu, fiquei quase um ano sem trabalho, e nos quinze anos seguintes tive que destinar uma enorme fatia da minha receita para quitar a dívida causada pela falência. Durante todo esse episódio, a coisa que sempre quisemos fazer, antepondo-a a todo o resto, foi pagar o fundo comum da Fraternidade. Claro, tivemos que diminuir a quantia e ainda hoje não conseguimos voltar ao nível de antes, mas sempre o fizemos. Por quê? Porque acreditamos que sustentar essa presença, essa vida – que diretamente é o Movimento e indiretamente é a Igreja –, seja a verdadeira garantia para a vida dos nossos filhos e dos nossos netos de que materialmente continue existindo uma presença que possa ser encontrada e escolhida como nós pudemos encontrá-la.» Quem diz isso é uma pessoa que entendeu a importância do que nós vivemos juntos.

Dois jovens casados escreveram: «A decisão de aderir à vocação à qual o Senhor está nos chamando nasceu e cresceu dentro de um caminho de fé

que há anos estamos percorrendo juntos. Neste caminho, a companhia do Movimento foi fundamental. Sem essa companhia – que continuamente nos ajuda a olhar para o fundo de nós, e então a descobrir que estamos em constante relação com o Mistério –, esse passo seria inimaginável para nós. Gratos pelo encontro que fizemos, desejamos contribuir para o crescimento do Movimento na esperança de que outros também possam ser alcançados pela mesma graça que nos alcançou. Por isso desejamos dar uma oferta que possa contribuir para as necessidades e as intenções do Movimento».

Há quem está agradecido porque, depois de várias adversidades, conseguiu formar-se; há quem completou sessenta anos e deu uma oferta para as nossas missões, «a fim de que Cristo seja mais conhecido e mais amado no mundo». Há um grupo de Fraternidade que fez um pagamento extraordinário por ocasião das bodas de ouro de um casal do grupo, «como sinal de gratidão por uma vida que descobrem juntos diariamente essa Presença encarnada, que transforma os dias e o tempo».

Por último, surpreendeu-nos um amigo que telefonou à secretaria da Fraternidade dizendo que este é o primeiro ano em que não consegue vir aos Exercícios por motivos de saúde. Mas ele quis participar de toda forma, como podia, por isso fez um pagamento extraordinário com o correspondente ao valor dos Exercícios.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

mais uma vez a Providência concede a todos os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação o gesto intenso dos Exercícios Espirituais em comum.

É uma ocasião privilegiada para aprofundar a relação com Cristo como sentido de todo o nosso viver, e de encontrar nessa relação o caminho para acolher cada irmão na fé, cada homem.

«*O que resiste ao impacto da passagem do tempo?*» O tema deste ano revela imediatamente uma consciência clara da turbulência que estamos atravessando tanto eclesialmente quanto civilmente.

A pessoa do Servo de Deus Mons. Giussani e seu carisma indicam a resposta a essa pergunta. Nós vivemos com verdade e justiça se deixamos transparecer a decisão de fé de querer seguir, apesar dos nossos limites, a orientação que Deus dá à nossa existência e à de toda a família humana. Só uma liberdade que se deixa conduzir docilmente pela mão de Deus resiste ao impacto da passagem do tempo e o transforma, não sem sacrifício e dor, numa ocasião para uma vida mais intensa e mais bonita.

Asseguro a vocês toda a minha oração e a minha bênção.

Afetuosamente

S.E.R. cardinal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

Caríssimo padre Julián Carrón,

receba meus cumprimentos e minha oração pelo sucesso dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação deste ano de 2019.

Estou unido a vocês nestes dias de graça sempre decisivos para o crescimento na experiência do carisma de Dom Giussani, que revela sua capacidade de responder às esperas do coração favorecendo para muitas pessoas o encontro com Cristo e com a Igreja.

Os exercícios são um acontecimento em si, pois possibilitam o re-acontecimento de um novo início e demonstram a possibilidade de uma duração no tempo do fascínio do primeiro encontro. Por isso, a grande pergunta «*O que resiste ao impacto da passagem do tempo?*» nos situa na posição correta e não óbvia de humildade e disponibilidade para haurir da água viva do amor de Cristo, que jorra para a vida eterna (cf. *Jo* 4,14).

Rezo pela Fraternidade de CL, que você conduz, Julián, para que na plena fidelidade ao Santo Padre o Papa Francisco você continue sua missão com ardor e seja sinal da permanência da Misericórdia do Senhor na Igreja e no mundo.

Saúdo-os cordialmente

e invoco sobre todos vocês a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo padre Julián,

impressionou-me muito que o tema dos Exercícios deste ano seja uma pergunta: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?». É uma pergunta verdadeira e dramática, nesta época em que a Igreja vive uma hora de paixão e na qual domina uma profunda confusão no coração dos nossos irmãos homens.

No entanto, há uma Presença irredutível que reacontece por graça, na vida de homens e de mulheres reais, talvez em circunstâncias imprevisíveis: só o acontecimento «d’Aquele que está entre nós», o Ressuscitado que vive – «*Christus vivit*» – pode resistir ao «impacto da passagem do tempo».

Acompanho com minha oração e minha bênção o grande gesto dos Exercícios, para que sejam cheios da doce presença d’Ele.

S.E.R. Dom Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram dos Exercícios Espirituais anuais em Rimini, e outras milhares em conexão de 13 países, sobre o tema «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?». Tendo acolhido o convite contido em sua mensagem – pela qual lhe somos muito gratos – a «perscrutar os sinais dos tempos», identificamos um desses sinais na urgência por algo que permaneça nesta mudança de época. Isto nos tornou mais conscientes da natureza do cristianismo tal como nos alcançou pelo carisma de Dom Giussani: um encontro imprevisível que nos fez experimentar sermos preferidos. «És muito precioso para mim» (Is 43,4). Identificamo-nos com a experiência dos primeiros: «Os discípulos que foram atrás d’Ele, eram uns pobres coitados como eu e como você, mas toda a novidade da esperança, a certeza absolutamente nova, a realidade nova que eles se tornaram era aquela Presença. A contemporaneidade daquela Presença para mim, para os meus filhos, para aqueles que virão depois, daqui a cem milhões de anos: esta é a vitória que vence o mundo, esta é a novidade absoluta, este é o divino na história!». O Único que resiste ao impacto da passagem do tempo, «Aquele que nos liberta é alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*), que permanece historicamente presente num lugar de vida, a «Igreja santa», e nos alcança através de testemunhos de santidade.

Voltamos para nossas casas mais seguros de que Ele vive, por causa do cêntuplo que nos faz experimentar aqui e agora: uma letícia, uma paz e uma alegria que nos encham de maravilhamento. Pedindo a Nossa Senhora que cada coisa que tocarmos possa ficar investida pela Novidade que nos conquistou, continuamos rezando pelo senhor, Santidade, testemunha do Deus vivo através da letícia que vemos em seu rosto de pai e guia do povo cristão.

Boa Páscoa de todos nós, seus filhos da Fraternidade.

sac. Julián Carrón

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santidade,

os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação abordaram a pergunta que Dom Giussani se fez ao enfrentar a revolução

de 68, do qual o senhor falou nos dias passados: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?». Aprofundamos a consciência da diversidade do cristianismo como acontecimento novo no mundo: vivo é algo presente, Cristo ressuscitado. É Ele quem resiste ao impacto da passagem do tempo. Que impressionante ler em seu recente texto que o Ressuscitado nos alcança também hoje na «Igreja santa» através de «testemunhas do Deus vivo» que nos fazem «alegres na fé!» Conscientes da dívida infinita que temos em relação à sua pessoa, todos nós lhe desejamos um feliz aniversário e Feliz Páscoa.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell

Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Caríssima Eminência,

22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram dos Exercícios Espirituais anuais em Rímíni, e outros milhares conectados de 13 países. À pergunta «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?», respondemos com as palavras do Papa Francisco: «É alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*), que nos alcança na historicidade e concretude de um encontro. Na memória do carisma de Dom Giussani – nosso pai na fé –, que nos enche de entusiasmo por Cristo e pelo Papa, renovamos o compromisso de testemunhar a novidade que nos conquistou para sempre, criando – na medida do possível – espaços de vida para a fé. Feliz Páscoa de ressurreição.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Caríssima Eminência,

«O que resiste ao impacto da passagem do tempo?» Nós nos perguntamos isso durante os Exercícios Espirituais que reuniram em Rímíni 22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação vindos de toda a Itália. Na herança de Dom Giussani e no magistério do Papa Francisco, encontramos a resposta convincente, que permite vencer o medo, tão difundido hoje entre os nossos irmãos homens: «Vivo é algo presente!». «Aquele que nos liberta é alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*).

Queremos testemunhar isso na realidade cotidiana, como filhos da «Igreja santa», alegres na fé e abertos ao encontro com todos. Feliz Páscoa.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

Obrigado, querido Angelo,

pelo que nos escreveu. O caminho que Dom Giussani fez ajudou-nos a aprofundar a consciência de que só a novidade imprevista e imprevisível que aconteceu na nossa vida – Cristo vivo – é capaz de resistir ao impacto da passagem do tempo; vemos isso pelos frutos na vida de quem decide seguir a evidência da presença d’Ele: uma letícia e uma paz que encham de gratidão. Feliz Páscoa.

sac. Julián Carrón

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo Filippo,

agradecidos pelas suas orações, renovamos a nossa disponibilidade a ceder à atração de Cristo, conscientes de que só Ele resiste ao impacto da passagem do tempo. Esta é a segurança da nossa fé e da nossa missão no mundo. Feliz Páscoa.

sac. Julián Carrón

S.E.R. Dom Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

Caríssimo Corrado,

justamente este tempo dramático para a vida da Igreja foi a ocasião preciosa para nos darmos conta de que não são os nossos esforços o que resiste ao impacto da passagem do tempo, mas a vitória de Cristo, «Aquele que está entre nós», presente na história de hoje como há dois mil anos. Feliz Páscoa.

sac. Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens extraídas da história da arte que acompanharam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)

Os afrescos do século xv da Capela Sistina

O ciclo dos afrescos do século xv nas paredes da Capela Sistina foi realizado nos anos entre 1481 e 1483 por alguns dos maiores artistas do Renascimento. O programa iconográfico previa duas séries de cenas, representando respectivamente episódios da vida de Moisés e da vida de Jesus, postas paralelamente e caracterizadas por múltiplas referências mútuas. As duas cenas iniciais – *Nascimento e o achamento de Moisés e Natividade de Cristo* – foram destruídas para dar lugar ao *Juízo* de Michelangelo na parede de fundo. O percurso nas paredes laterais começa justamente a partir da parede do *Juízo*. As cenas da vida de Moisés estão do lado esquerdo, as cenas da vida de Cristo estão no lado direito. As cenas finais, na parede de entrada, são de uma época posterior. Cada cena reúne, quase cinematograficamente, diversos episódios.

Cenas da vida de Moisés

1. Pietro Perugino, *Moisés despede-se do sogro Jetro: A viagem de Moisés ao Egito; A circuncisão do filho de Moisés* (Ex 4,18-26).
2. Sandro Botticelli, *Episódios da vida de Moisés: A morte do egípcio; O encontro com as filhas de Jetro; A sarça ardente; A saída do Egito do povo de Israel* (Ex 2,11-21; 3,1-12).
3. Cosimo Rosselli, *A passagem do mar Vermelho: O faraó reúne os generais; O exército egípcio afogado pelas águas do Mar Vermelho; O canto de vitória do povo de Israel* (Ex 14,5-31).

4. Cosimo Rosselli, *As tábuas da Lei e o Bezerro de ouro: A entrega das Tábuas da Lei a Moisés; As águas de Massa e de Meriba; A adoração do Bezerro de ouro; Moisés quebra as tábuas da Lei; Moisés apresenta as tábuas da Lei ao povo* (Ex 24,12-17; 32,1-35; 34,1-4).
5. Sandro Botticelli, *O castigo de Coré, Datã e Abiram: A tentativa de apedrejamento de Moisés; A rejeição da oferta do incenso; O castigo dos rebeldes* (Nm 16,1-35).
6. Luca Signorelli, *A confirmação da Lei e a morte de Moisés: O povo hebreu reunido ao redor de Moisés; A partilha da terra prometida entre as tribos de Israel; A entrega da vara do poder a Josué; Um anjo mostra a Moisés, sobre o monte Nebo, a terra prometida; A descida do monte; A morte de Moisés* (Dt 33 e 34).
7. Hendrick van den Broeck (século XVI) *A disputa sobre o corpo de Moisés entre São Miguel e Santana*, de um original de Domenico Ghirlandaio.

Cenas da vida de Jesus

1. Pietro Perugino, *O Batismo de Jesus: A bênção do Pai; A pregação de João Batista; O Batismo de Jesus; a pregação de Jesus* (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,29-34).
2. Sandro Botticelli, *As tentações de Jesus: As três tentações de Jesus; A expulsão de Satanás; Os Anjos preparam uma mesa a Jesus; Jesus circundado pelos anjos* (Mt 4,1-11; Mc 1,40-45; Lc 5,12-16).
3. Domenico Ghirlandaio, *A vocação dos discípulos: O chamado de Pedro e André; A pesca milagrosa; O chamado de Tiago e João* (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11).
4. Cosimo Rosselli, *O sermão da montanha e A cura do leproso* (Mt 5 e 7; Lc 6,17-49; Mt 8,1-4; Mc 1,40-45; Lc 5,12-16).
5. Pietro Perugino, *A entrega das chaves: O tributo; A tentativa de apedrejamento de Jesus* (Mt 17,24-27; Jo 8,31-59; 10,31-39).

6. Cosimo Rosselli, *A última ceia*: a *Oração no jardim*, a *Captura de Jesus* e a *Crucifixão* (Mt 26,17-29; Mc 14,12-25; Lc 22,7-23; Gv 13,21-30).

7. Matteo da Lecce (xvi século), *A ressurreição*, de um original de Luca Signorelli.

*As imagens foram realizadas por G. Vannini e G. Roli para Scripta Maneant.
Copyright Governatorato SCV – Direção dos Museus Vaticanos
Todos os direitos reservados.*

COMENTÁRIOS DE DOM GIUSSANI ÀS MÚSICAS DE ENTRADA

Os textos foram extraídos do volume *Spirto Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organizado por S. Chierici S. Giampaolo, Milano: Bur, 2011.

Sexta-feira, 12 de abril, noite – L. van Beethoven, *Sinfonia n. 7 em lá maior*

«É um acorde que preenche quase todo o trecho e o domina, ao passo que a melodia possui tamanha capacidade de sugestão e riqueza de variações que a pessoa deveria ficar contente com isso, mas não consegue ficar: o tema do destino e da tristeza domina sobre o tema da vida como um pano de fundo constante» (p. 96).

Sábado, 13 de abril, manhã – L. van Beethoven, *Quarteto para cordas em lá menor, op. 132*

«“É belo louvar o Senhor”, é belo reconhecê-Lo! Escutamos Beethoven, mesmo que seja só por um minuto, e dizemos, dentro de nós: que bonito! A beleza de reconhecer o Senhor é dessa natureza, mas mais profunda ainda, como a raiz que aprofunda na aparência apenas esboçada da árvore que está brotando; muito mais profunda e incomparavelmente mais estável: uma forma total diante das formas parciais e efêmeras» (p. 175).

Sábado, 13 de abril, tarde – W.A. Mozart, *Concerto para piano e orquestra n. 20*

«A Beleza é o nexo entre o presente e o eterno, por isso o presente é sinal do eterno, é o início do eterno, é a experiência inicial do eterno, portanto o gosto da vida começa a palpitar com uma certa nota inconfundível, a nota do que é permanente: a justiça, o amor. Numa palavra: a exigência de satisfação plena, a exigência de realização do eu (só através de uma presença alegre é que o nosso coração se torna, por sua vez, alegre: sozinhos, a alegria não consegue florescer em nós)» (p. 64).

Domingo, 14 de abril, manhã – W.A. Mozart, *Sonatas para piano e violino K 304, 376, 378, 301*

«A música envolvente, penetrante, persuasiva de Mozart [...] nasce da experiência da absoluta gratuidade da piedade do Ser, que continuamente

se dobra sobre a permanente indigência do homem. [...] O que é essa piedade senão o desejo e quase a angústia – angústia na sua manifestação suprema, que é Cristo na cruz – que o Mistério originário tem pela nossa felicidade? Não só para o além, mas para hoje! Hoje, agora» (p. 86).

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 12 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 16

Sábado, 13 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – ***«Bem-aventurados os puros no coração, pois eles verão a Deus» (Mt 5,8)*** 17

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. DOM MATTEO ZUPPI* 37

Sábado, 13 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – ***«Esta é a vitória que vence o mundo: a fé» (1Jo 5,4)*** 42

Domingo, 14 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 64

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE JULIÁN CARRÓN* 83

AVISO 84

MENSAGENS RECEBIDAS 86

TELEGRAMAS ENVIADOS 88

A ARTE E A MÚSICA EM NOSSA COMPANHIA 91

© 2019 Sociedade Litterae Communionis

Av. Nossa Senhora de Copacabana 420 / Sbl. 208 - Rio de Janeiro

<https://portugues.clonline.org/passos> - passos@cl.org.br

Diretora responsável: Isabella Santana Alberto (MTB 56.802)

Diagramação: Ultreya, Milão

Tradução do italiano de Cláudio Cruz.

© 2019 Fraternidade de Comunhão e Libertação para os textos de L. Giussani e J. Carrón

Na capa: *Cristo no limbo ressuscita os eleitos* (século XV).

Capela de São Sebastião, Lanslevillard, França. © De Agostini Picture Library/Scala, Florença.

